

JOEL S. GOLDSMITH

A ARTE DE
CURAR
PELO
ESPÍRITO

TRADUÇÃO E NOTAS HUBERTO ROHDEN

UNIVERSALISMO

Sumário

Advertência

Prefácio do tradutor

Reaparecendo

PRIMEIRA PARTE

OS PRINCÍPIOS DA CURA PELO ESPÍRITO

O que é cura pelo espírito?

É Deus nosso servo?

O poder único

A linguagem da cura pelo espírito

Qual era o teu impedimento?

SEGUNDA PARTE

A TAREFA DO TRATAMENTO ESPIRITUAL

Desenvolvimento da consciência curativa

Avisos práticos para o curador espiritual

O tratamento é uma conscientização da onipresença

TERCEIRA PARTE

EXECUÇÃO PRÁTICA

O problema do nosso corpo

Evolução espiritual – sem nascimento nem morte humanos

A relação da unidade

Deus é nosso destino

Uma nova concepção de suprimento

À sombra do onipotente

QUARTA PARTE

CURA ESPIRITUAL SEM PALAVRAS NEM PENSAMENTOS

Para além de palavras e pensamentos

Quando eu for erguido às alturas

Advertência

A substituição da tradicional palavra latina *crear* pelo neologismo moderno *criar* é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental – mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.

Crear é a manifestação da Essência em forma de existência – *criar* é a transição de uma existência para outra existência.

O Poder Infinito é o *creador* do Universo – um fazendeiro é um *criador* de gado.

Há entre os homens gênios *creadores*, embora não sejam talvez *criadores*.

A conhecida lei de Lavoisier diz que “na natureza nada se *crea* nada se aniquila, tudo se transforma”; se grafarmos “nada se *crea*”, esta lei está certa, mas se escrevemos “nada se *cria*”, ela resulta totalmente falsa.

Por isto, preferimos a verdade e a clareza do pensamento a quaisquer convenções acadêmicas.

Prefácio do tradutor

HUBERTO ROHDEN

Este livro é um tremendo desafio para todas as coisas do velho ego humano e um jubiloso convite para as grandezas do novo Eu divino no homem.

É uma autêntica revolução – a serviço de uma grande evolução.

A orientação deste livro está em perfeita sintonia com as maiores conquistas da psicologia, da psicanálise e da psicoterapia do Ocidente, bem como com a filosofia e yoga do Oriente, embora não trate, diretamente, nem disto nem daquilo.

Em síntese, afirma o autor duas coisas básicas: 1) que todos os nossos males, de qualquer espécie, vêm da fonte negativa do nosso ego humano, 2) que a libertação desses males vem unicamente da atuação positiva do nosso Eu divino.

Essa distinção nítida entre o ego e o Eu (em inglês, I e Self, em alemão Ich e Selbst) é uma das mais gloriosas conquistas da psicologia moderna do ocidente, nesses últimos decênios, de Freud para cá – distinção que já era conhecida, havia milênios, pela filosofia oriental, revelando-se, sobretudo, no maravilhoso poema cósmico da Bhagavad Gita.

O desconhecimento dessa bipolaridade da natureza humana, ego-Eu, é responsável por quase todos os erros no setor espiritual. O homem, identificado com o seu ego negativo, era considerado essencialmente mau, pecador; a idéia de uma auto-redenção era considerada blasfêmia, porque auto-redenção era idêntica a ego-redenção. Pela mesma razão, como faz ver Carl G. Jung, no prefácio do “Livro Tibetano da Grande Libertação”, a prática da yoga superior, que gira em torno da idéia de auto-redenção, era tachada de anticristã. Hoje, em face de uma melhor compreensão da natureza humana, auto-redenção é Cristo-redenção, Teo-redenção, uma vez que o nosso Eu verdadeiro é o “Pai em nós”, o “Cristo interno”, a “luz do mundo”, o “reino de Deus dentro do Homem”, o “espírito de Deus que habita em nós”.

*Dentre os grandes psicólogos e psicanalistas da atualidade é o Dr. Victor Frankl, diretor da Policlínica Neurológica da Universidade de Viena, quem mais nitidamente distingue entre as funções do ego e as do Eu. Os seus livros *Der Unbewusste Gott* (O Deus Inconsciente), *Der Unbedingte Mensch* (O homem*

Incondicional) e sobretudo *Logos und Existenz* (Lógos e Existência) coincidem quase 100% com as idéias e experiências de Joel Goldsmith. Frankl aplica, no campo da medicina e da terapia, o mesmo princípio, que ele chama “logoterapia”, isto é, cura pelo Lógos, pelo Deus individualizado no homem.

Lógos é a palavra grega clássica para designar, desde tempos antiquíssimos, o Espírito Cósmico, a Divindade, quando ela se revela como Deus Imanente Individual, isto é, quando a Divindade (Brahman) se manifesta como Deus (Brahma).

A Divindade, ou Realidade Universal, está presente como Deus Individual em todos os seres finitos; a Essência Infinita está presente em todas as Existências Finitas, assim como a Vida Universal está presente em todos os vivos em forma de Vida Individual.

Victor Frankl, sobretudo no seu livro sobre Logoterapia, joga com o binômio Realidade e Facticidade. A Realidade é a Essência Infinita, que aparece como Facticidade em todas as Existências Finitas; o SER UNIVERSAL aparece como EXISTIR INDIVIDUAL em milhares de formas finitas.

Os mais avançados filósofos e psicólogos modernos chegaram à conclusão lógica de que a Realidade está presente em todas as facticidades. Mas, como na zona do livre-arbítrio imperfeito (ego, persona), as facticidades podem assumir caráter negativo (os males), a única cura radical dessas facticidades negativas se dá pelo recurso à Realidade Universal, que é sempre boa e benéfica. O mal consiste na ilusão de uma existência separada de Deus; e, enquanto persistir essa ilusão separatista, o mal persiste, embora os seus sintomas externos possam ser encobertos ou camuflados por qualquer espécie de charlatanismo, material ou mental. Supressão de sintomas não é cura da raiz do mal. O mal, em sua raiz, só pode ser curado por um poder ultrapersonal, por uma Realidade no homem que esteja além das facticidades, porquanto a ação da facticidade, como a própria palavra insinua, é sempre factícia (ou fictícia), ilusória. Mas nenhuma ilusão pode curar outra ilusão, ego não cura ego; persona não cura persona, fato não cura fato, acticidade não cura facticidade – somente a Realidade pode curar as facticidades. “Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará”. A Verdade é a conscientização da Realidade; a Realidade, quando intensamente consciente e conscientizada pelo homem, liberta-o de todos os males que as facticidades ilusórias do seu ego separatista haviam produzido.

É esta a tese fundamental de Goldsmith e de todos os terapeutas que operam com o mais alto fator da terapia, que é o Lógos, praticando logoterapia. Não se trata de invocar algum Deus fora de nós, trata-se de evocar o Deus dentro de nós. Se é verdade que “eu e o Pai somos um, que o Pai está em mim, e eu estou no Pai”; se é verdade que “não sou eu (ego) que faço as obras, mas é o

Pai em mim (Eu) que faz as obras”; então é evidente que ninguém me pode curar senão “o Pai em mim”, que é o meu Eu divino.

A presença do Infinito (Pai) em todos os Finitos é uma realidade matematicamente certa e absolutamente inegável. Mas não é essa presença em si, objetiva, que produz a cura dos meus males; dentro desta presença divina eu posso ter câncer, lepra, tuberculose, paralisia infantil; posso ser o maior dos pecadores e criminosos, posso ser infeliz e desesperado dentro da presença de Deus; posso ser Judas e Satanás na presença de Deus, porque não é essa presença objetiva que me dá saúde ou santidade. Mas, no momento em que eu conscientizar intensamente essa presença de Deus, no momento em que eu viver real e profundamente a verdade o Paz está em mim, e eu estou no Pai, neste momento não posso estar doente nem posso ser pecador, porque a pleni-luz dessa consciência dissipa qualquer treva, por mais espessa que ela tenha sido. “A luz brilha nas trevas, e as trevas não a extinguiram”. Em face dessa pleni-luz da consciência da presença de Deus, não há tal coisa como doença grave ou doença leve, pecado grave ou pecado leve, porque a onipotência da luz nulifica todas as potências das trevas que, em face da onipotência, acabam em total impotência. Também não importa o número, a quantidade maior ou menor, de trevas, de males – uma única qualidade de alta potência plenifica com a sua plenitude as vacuidades de todas as quantidades – assim como o algarismo positivo “1” enche de seu valor positivo os desvalores negativos de qualquer quantidade de zeros que se alinharem à sua direita: 1000000000000000. Seria antimatemático pensar que o único “1” fosse incapaz, ou ficasse enfraquecido, pelo fato de ter de plenificar tantas vacuidades; mas todo homem sensato sabe que o “1” não perde nada da sua primitiva plenitude pelo fato de plenificar dez, vinte, cem, mil ou mais vacuidades; enquanto o “1” desnulifica as nulidades à sua direita, ele mesmo permanece invariavelmente pleno e íntegro; porquanto, a qualidade, dando de si quantidades, não é “desqualificada”; todas as quantidades são “quantificadas” por uma única qualidade, porque esse “1” representa o Infinito, o Absoluto, a Realidade, o grande “Uno”, que dá sua inesgotável Unidade a todos os “Versos” da diversidade, que integram o Universo.

Basta criar intensa consciência da Realidade Una para retificar todas as Facticidades Diversas que, porventura, estejam falsificadas, facticidades essas que chamamos males.

Joel Goldsmith não possuía nenhuma cultura filosófica, nem fizera estudos superiores de espécie alguma; era um simples negociante em Honolulu, capital do Havaí; mas a sua intuição espiritual o conduziu em linha reta à verdade.

A logoterapia de Goldsmith se baseia em um processo de absoluta precisão; se o homem consegue 100% de conscientização espiritual, nulifica qualquer mal, seja nele mesmo, seja em outra pessoa que, nesse momento de consciência

espiritual, se encontre no foco dinâmico da consciência do curador. Os doentes têm a tendência de dar o seu nome e endereço, bem como o nome da doença; Goldsmith não quer saber nada disto, e, durante o tratamento, ele apaga da sua consciência a facticidade ilusória do doente e da doença e só se concentra na Realidade verdadeira de Deus. Pensar no doente ou na doença seria contraproducente – conscientizar somente a Realidade da Presença de Deus é a única coisa necessária e suficiente, para substituir a ilusão do mal pela verdade do Bem – assim como, para debelar as trevas, nada mais se requer senão acender uma luz. Ninguém pode expulsar as trevas de uma sala à força de lutas e esforços, por maiores que estes sejam – basta acender silenciosamente uma luz, porque o positivo elimina todos os negativos.

Goldsmith não afirma, como certos mentalistas (que ele chama os “metafísicos”), que os males não existem; ele admite a existência dos males, mas nega que façam parte da Realidade do mundo de Deus, embora façam parte das facticidades do mundo do homem-ego. Os males não são Teo-creados, são apenas ego-creados: e, como tais, existem, enquanto a consciência do ego os mantém na sua existência. No momento em que a ego-consciência deixa de existir, também os males, ego-creados e ego-mantidos, perdem a sua base existencial. Segue-se que não podemos debelar os males em si mesmos, temos de debelá-los em sua fonte e origem, que é a ego-consciência; se mudarmos de consciência, passando do ilusório ego para o verdadeiro Eu, subtraímos aos males a sua subsistência, a sua base de inerência, o seu substrato vital. Tudo depende da modificação do nível de consciência.

O autor insiste em que é impossível criar alto grau de consciência espiritual, carregar a bateria do Eu divino, enquanto o homem mantém os seus fios-terra, creados e mantidos pelo ego humano. Alguns desses funestos fios-terra, que impedem o carregamento da bateria, são jornais, rádio, televisão, visitas tagarelas feitas ou recebidas, o telefone também pode ser fio-terra; mas, diz Goldsmith, ele necessita do telefone para manter o contato com os doentes; fez, porém, consigo mesmo o pacto de nunca ficar ao telefone mais de três minutos, porque em três minutos se liquida qualquer assunto importante – o resto é conversa fiada.

Solidão e silêncio auscultativo, intensa e diuturna meditação – são fatores indispensáveis para acumular energia espiritual e utilizá-la em momento oportuno para curar os males.

Em hipótese alguma deve o curador considerar-se como fonte da cura; a fonte é somente Deus, a Realidade Infinita dentro de todos os Finitos; o homem só pode ser canal e veículo da saúde e de qualquer outro bem, que vem da fonte única.

Através de todas as páginas deste livro vai a palavra “Deus”. Não se esqueça, porém, o leitor de que, para Goldsmith, esse “Deus” nada tem que ver com aquilo que os catecismos e tratados de teologia das nossas igrejas entendera por “Deus”. Para o autor, Deus não é uma pessoa, uma entidade separada de nós e do mundo. Deus é para Goldsmith, como para todos os Iluminados, o “Pai em nós”, a suprema, invisível e única Realidade dentro do homem e do Universo; Deus é a Essência Invisível em todas as Existências Visíveis, Deus é a energia nos átomos; Deus é a Vida nos vivos; Deus é a Consciência nos conscientes; Deus é a Inteligência nos inteligentes; Deus é o Espírito nos seres espirituais. O exímio cientista francês, Teilhard de Chardin, foi, há pouco, tachado de “panteísta” por ter encontrado Deus em átomos e moléculas, nas camadas geológicas e nos fósseis paleontológicos que ele havia escavado nas planícies e nas montanhas da China; o mundo do dualismo teológico, falsamente chamado cristão, revoltou-se contra esse “panteísmo” do cientista, porque o grosso dos cristãos eclesíasticos é incapaz de distinguir entre “panteísmo” e “panenteísmo” (ou monismo); não compreende que Deus está em tudo e tudo está em Deus (panenteísmo), embora não se possa dizer que Deus seja tudo ou que tudo seja Deus (panteísmo).

Goldsmith vai além de Chardin, o qual, como teólogo, não teve a coragem de afirmar 100% a imanência de Deus em todas as coisas.

Quem não pode conceber a presença do Infinito em todos os Finitos, não compreenderá este livro, que prima por uma lógica e precisão matemática.

O doloroso problema da origem do mal e da sua abolição é o tema central deste livro. Dele trataram Moisés, nas primeiras páginas do Gênesis, e Gautama Siddhartha, o Buda, nas “Quatro Verdades Nobres” da sua profunda filosofia, como focalizei na quinta edição do meu livro “Porque Sofremos”. O mal, creado pelo homem, só pode ser abolido pelo homem, não pelo homem-ego, que o creou, mas pelo homem-Eu, que se pode redimir pela consciência da Realidade, dos males nascidos da ilusão das facticidades.

Auto-realização e Logoterapia andam de mãos dadas, nas páginas deste livro. Quem descobre em si o Deus da santidade; descobre também o Deus da sanidade e da saúde. Todo o segredo está em conscientizar a presença real de Deus em nós.

Reaparecendo...

As edições em vernáculo, deste livro, tiveram aceitação surpreendente, por sinal que boa parte da humanidade está compreendendo que a verdadeira filosofia não visa apenas salvar a *alma*, mas o *homem integral* – alma, mente e corpo.

Joel Goldsmith, no setor popular, e Victor Frankl, na zona da terapia médica, são, em nossos dias, os grandes pioneiros da cura do homem pelo poder do espírito, processo esse que o exímio médico vienense chama eruditamente *logoterapia*, e o singelo negociante de Honolulu intitula simplesmente a *cura pelo espírito*.

Para Goldsmith é essa cura uma *arte* – para Frankl e uma *ciência*, ou melhor, uma sapiência, como diríamos nós. Tanto a arte como a sapiência têm a sua raiz no mundo superior do espírito, da alma, do Eu divino no homem, que o Cristo chamava o *Pai*, a *Luz do mundo* o *Reino de Deus no homem*.

Homem, cura-te a ti mesmo! – é esta mensagem que vai através de todas as páginas deste livro. Tu, que te tornaste doente pela ilusória identificação com o teu pequeno ego humano, restitui a saúde a ti mesmo pelo descobrimento da verdade do teu grande Eu divino! Se todos os teus malefícios vêm da falsa identificação com o teu ego físico-mental-emocional, compreende finalmente que todos os teus benefícios vêm da conscientização do teu Eu espiritual.

Há quase 2 mil anos que o maior dos curadores disse: “Conhecereis a Verdade – e a Verdade vos libertará” e há quase vinte séculos que os homens vivem escravizados pela inverdade; ouviram a mensagem da Verdade Libertadora, creram nela, repetiram-na em discursos, sermões e livros, mas não a realizaram na sua vida diária e não foram libertos dos seus males, porque não se libertaram das suas maldades pelo poder do espírito.

É chegada a hora de tomarmos a sério a mensagem do Cristo e realizarmos o homem crístico, em espírito e em verdade – o homem de perfeita santidade, sapiência e sanidade – o homem integral.

Nunca se falou tanto em *integração* como em nossos dias – integração social, integração nacional e integração internacional. Mas a maior e mais importante de todas as integrações é a realização do homem integral, do homem espiritual, mental e corporalmente íntegro.

Este livro, *A Arte de Curar pelo Espírito*, é um guia seguro para a realização do homem integral, do homem bom e do homem realmente feliz.

Leitor, medita, conscientiza e realiza a grande mensagem deste livro!

PRIMEIRA PARTE

**OS PRINCÍPIOS DA CURA
PELO ESPÍRITO**

Que é cura pelo espírito?

O mundo não tem necessidade de uma nova religião, nem de uma nova filosofia.

O que o mundo necessita é de cura e renovação. O mundo necessita de homens que, pela sua entrega a Deus, sejam tão repletos do *Espírito* que possam tornar-se instrumentos pelos quais outros sejam curados; porquanto a cura é importante para todo homem.

Ainda até o século passado, curar era considerado privilégio da classe médica; mas, no correr dos últimos anos, diversas igrejas também começaram a interessar-se por este assunto, de maneira que a libertação de sofrimentos psíquicos e físicos, bem como a harmonização de condições pessoais, são hoje consideradas tarefas tanto da igreja como dos médicos. As igrejas abrem suas portas para discutir a possibilidade de cura por meio de orações e outros meios. Criam-se organizações com o fim de estudar os diversos métodos curativos, abrangendo vastos setores, desde a terapia espiritual até as curas psicológicas e mentalistas. Cada vez mais a cura pelo espírito está sendo discutida e praticada.

Quase que somos levados a crer que a medicina, dentro do próximo meio século, consiga debelar todas as doenças físicas até hoje conhecidas, de maneira que pouco serviço sobraría para os curadores espirituais, no plano dos males corporais.

Entretanto, a medicina não solverá os problemas da vida humana e do mundo – e isto pela razão precípua por que o problema da humanidade não é, propriamente, um problema de doença. A doença é apenas um dos numerosos aspectos criados pelas desarmonias e dissonâncias da vida. O progresso da medicina não suplantará jamais a necessidade da cura pelo espírito; não creio que, mesmo que a cura física seja eficiente, os seus processos curativos consigam revelar ao homem a sua própria *alma*. Isto será tarefa do curador espiritual. Porquanto, faremos a experiência de que o homem continuará a sofrer todas as dissonâncias de carácter físico, mental, moral e financeiro. O homem não possuirá ainda paz em si mesmo.

Ninguém pode encontrar saúde externa enquanto não encontrar uma querência, um lar interno em Deus.

Ninguém alcança plena satisfação, mesmo em boa situação econômica, enquanto não encontrar a sua comunhão interna com Deus.

A televisão não pode satisfazer a alma do homem.

Futebol e beisebol não são caminhos para encontrar a paz da alma e do espírito, nem são métodos convincentes para restabelecer a paz e a boa vontade entre os homens, aqui na terra. Não há nada de mal nestas coisas; elas têm o seu lugar e razão-de-ser – mas nunca ninguém encontrou harmonia duradoura em jogos, danças ou televisão.

O homem só encontra verdadeira harmonia em seu ser quando encontra Deus, quando entra em uma comunhão interna com algo maior do que ele mesmo. E isto é a sua cura verdadeira e permanente. É esta a cura que o mundo busca. E é por esta razão que sempre resta um desassossego e uma insatisfação, mesmo que, neste momento, fossem resolvidas satisfatoriamente todas as tuas condições econômicas e relações sociais e fosses liberto de qualquer enfermidade física e psíquica. Por maior que seja a alegria que a tua família te dê – quando, à noite, te retiras, te sentirás solitário, porque há em ti algo que tem saudades de casa, algo que deseja integração em um outro lar.

Por motivos vários procura o homem cura espiritual. Muitos a procuram por causa de doenças corporais, outros para solucionar problemas de ordem emocional, moral ou econômica; outros ainda por causa de uma inquietação interna que os atormenta, apesar de todos os sucessos externos que talvez tenham encontrado em sua vida. Cedo ou tarde, descobrirão eles, que nunca deixará de haver inquietação, tristeza e descontentamento enquanto não estabelecerem contato consciente com a Fonte da vida, nem mesmo em plena saúde e prosperidade.

Cura espiritual é muito mais que uma experiência meramente física ou psíquica; cura real é o descobrimento de uma comunhão interna com algo maior, algo muitíssimo maior do que jamais possa ser encontrado no mundo; é a experiência do nosso encontro com Deus, de uma paz espiritual, de uma tranquilidade interior, de uma luminosidade de dentro – e tudo isto nos vem com a conscientização de Deus, com a consciência da presença e da força de Deus em nós. Quando repousamos nessa maravilhosa paz, o corpo toma as suas funções normais, e essas funções se realizam, daí por diante, por uma força que não parece ser dele. E é então que o nosso corpo revela saúde perfeita e plena, força, juventude e vitalidade – dons de Deus todos eles.

Cura espiritual é o contato do espírito de Deus com o do homem; a alma, quando tocada pelo espírito divino, desperta para uma nova dimensão da vida, uma dimensão espiritual – e “onde reine o espírito de Deus, aí há liberdade”. Isto não quer dizer que o espírito de Deus atue como medicina, como uma aplicação elétrica ou como uma operação, mas porque o espírito de Deus eleva

o homem a uma nova consciência da vida; a um estado de consciência que o divino Mestre denomina “o meu reino, que não é deste mundo”. Quando o homem atinge esse estado de consciência vive ele em uma nova dimensão da vida, além do estado tridimensional conhecido e faz experiências totalmente desconhecidas no plano comum da vida humana. É esta a meta que a humanidade demanda, embora não saiba nitidamente qual seja essa meta e quais os métodos que a ela conduzem.

Jesus revelou-nos um clarão dessa dimensão superior da vida, quando disse ao parálítico: “Queres ser curado?... Toma o teu leito e anda!” Com isto deu a entender que Deus não ia curar uma doença física, mas que a doença não possuía, na realidade, nenhuma força nem uma influência restritiva; quer dizer que nada podia impedir o homem, embora sentisse um desconforto corporal. Quando o parálítico reagiu, deu a entender que acabava de entrar em uma nova dimensão da consciência, na qual o seu impedimento corporal deixava de ter poder sobre ele.

Quando tive a minha primeira experiência, não me interessava pela cura em si. Eu necessitava, sim, de cura – cura de um resfriado; mas durante os dias, semanas, meses e anos anteriores a essa data não fora a cura o objetivo dos meus estudos e pesquisas. Não sabia o que era aquilo que eu buscava, e acabei por dar razão à minha mãe quando me disse que eu estava procurando a Deus. Naquele dia especial em que se deu o acontecimento, a força motriz em mim não era o desejo da cura, embora eu esperasse ser curado, como de fato fui – mas o que eu queria era achar a Deus.

Aconteceu-me então, dentro de 36 horas, coisa estranha: uma vendedora, que fazia parte do círculo dos meus fregueses, me asseverou que ela seria curada se eu orasse por ela. A única oração que eu até então sabia era uma reza infantil que minha mãe me ensinara; mas era evidente que disto não podia esperar nenhuma cura.

Ela, porém, teimava em repetir que seria curada, se eu orasse por ela. Assim, não pude deixar de fazer o que a mulher me pedia. E posso afirmar com satisfação que sempre fui sincero para com Deus; fechei os olhos e disse: “Pai, tu sabes que eu não sei orar, e menos ainda sei o que seja curar. Se há algo que eu deva saber, fala comigo”. E ouvi então, como se uma voz me falasse com toda a nitidez: “Não é o homem que cura”.

Era o suficiente para me satisfazer; toda a minha oração não ia além. Nada mais foi necessário – a mulher estava curada.

No dia seguinte veio ter comigo um caixeiro viajante com estas palavras: “Joel, não sei qual é a tua religião; o que, todavia, sei é isto: se orasses por mim, eu seria curado”. Que fazer nessa conjuntura? Discutir? Não, a única coisa que eu podia fazer era dizer ao homem: “Fechemos os olhos e oremos”.

Enquanto eu estava de olhos fechados e, aparentemente, nada acontecia, tocou-me ele e disse: “Maravilhoso! Todas as minhas dores se foram”.

Acontecimentos dessa natureza se tornaram experiências diárias; de maneira que não estranhei muito quando, em uma manhã, cerca de 18 meses mais tarde, entrei no escritório, o meu sócio comercial me disse: “Tiveste 22 chamadas telefônicas, e nenhuma delas vinha de um freguês; todas eram de pessoas que te pediam que orasses por elas. Desejam ser curadas. Por que não tomas uma resolução?”

Fui à cidade e aluguei uns cômodos a fim de me dedicar à cura pelo espírito – e é esta até hoje a minha ocupação.

Mas somente após anos de estudos, de exercícios práticos e de ulteriores revelações, me veio a resposta sobre o como do processo da cura espiritual. E esta revelação era tão diferente de tudo quanto eu ouvira e lera que tive a maior dificuldade em explicar a outros de que se tratava; bem poucos compreenderam o que eu procurava esclarecer. E ainda hoje estou em face da mesma dificuldade; é porque a cura pelo espírito é algo tão estranho, tão revolucionário, tão diferente do modo cotidiano de pensar, que é difícil ensiná-la ou comunicá-la a outros.

É inegável que para muitos, mesmo para homens inteligentes, é difícil compreender o segredo da cura espiritual.

Há uns anos fui chamado a um hotel, onde uma mulher estava para morrer. As pessoas da sua família não tinham noção alguma de coisas extra-sensoriais nem acreditavam em tais coisas, mas, quando se convenceram de que já não havia esperança em recursos médicos, concordaram com a idéia de um tratamento de caráter espiritual. Depois de passar um tempinho à cabeceira da doente, desci ao *hall*, onde algumas pessoas da família me esperavam. Um dos homens me pediu que esperasse mais um pouco; atendi a seu pedido, pensando que quisesse ouvir de mim uma palavra de consolação.

A conversa abriu com a afirmação categórica: “Naturalmente; nós sabemos que não há nenhuma esperança de cura, uma vez que é fato notório que doenças dessa natureza são incuráveis”. Em face do meu silêncio, acrescentou ele: “Não é também esta a sua opinião?”.

A minha resposta foi a seguinte: “Não acha o senhor que nos deveríamos entreter, primeiramente, ao menos por cinco minutos, sobre a teoria de Copérnico, para termos clareza sobre isto, antes de tratarmos do problema da doença?”

Ele me encarou, estupefato. “A teoria de Copérnico? Que é isto? Que tem que ver isto com o caso? Que é isto?”

“O senhor nunca ouviu falar disto?”

“Não, nada sei dessa teoria”.

“Nada mesmo?”

“Não, nada. Sobre isto não posso discutir. Não tenho a menor idéia disto”.

“Mas, isto não impede o senhor de falar sobre esse assunto. O senhor também não sabe nada sobre cura espiritual e sua relação com a doença – e, no entanto, se sente autorizado a emitir parecer sobre isto”...

Essa atitude em face da cura espiritual é típica para muitos que acham este assunto inconcebível e diametralmente oposto a todo o bom-senso da inteligência humana, coisa que lhes parece totalmente absurda. Acham que a cura pelo espírito ultrapassa todo o entendimento humano, uma vez que todas as experiências da humanidade são contrárias a ela.

Há um só caminho para o homem aprender os princípios básicos em que repousa a cura espiritual, e este caminho se abre quando alguém sente em seu interior a certeza, e depois começa a perceber a harmonia que se revela na própria vida do homem.

Aquele que experimentou, mesmo em pequena escala, uma cura espiritual em sua própria pessoa, tem plena clareza de que o caminho para a cura total de espírito, corpo e alma, se abriu diante dele. No momento em que alguém se torna instrumento pelo qual outro recebe cura – mesmo que se trate apenas de uma simples indigestão ou de uma ordinária dor de cabeça – é isto uma prova de que há uma *presença*, uma *força*; entramos em contato com um *Algo*, que transcende a capacidade ou inteligência humana. E isto quer dizer que, a partir daí, o nosso trabalho deve consistir em continuar a procurar, intensificando a consciência dessa *presença* e fazendo exercícios práticos, até que venha a compreensão, seguida da verdadeira realização.

Quando os irmãos Wright conseguiram manter no ar o seu avião por apenas 57 segundos, lançaram os fundamentos para o problema das viagens aéreas para todos os tempos. Era inevitável que, finalmente, a humanidade fosse capaz de viajar pelo espaço com a velocidade de centenas e milhares de quilômetros por hora. Parece mesmo que, de fato, não há nenhum limite para a velocidade que o homem possa alcançar. Quando o primeiro automóvel conseguiu cruzar, com sucesso, uma rua, solveu o problema do transporte dessa natureza, e a era do cavalo e da carruagem declinou para o ocaso.

Coisa análoga acontece no momento em que o homem vive a sua primeira experiência de uma *presença* ou *força* extra-sensorial, quando percebe aquele *Algo* que se pode chamar Deus, Espírito, ou Cristo; é o sinal para um novo início, e o homem sabe que, mais dia menos dia, ele poderá dizer com Paulo:

“Já não sou eu que vivo – o Cristo é que vive em mim”: ou com Jesus: “De mim mesmo nada posso fazer... quem faz as obras é o Pai que em mim está”.

Não é de muita importância que nós, tu ou eu, realizemos muitas coisas, nos 70, 80 ou 90 anos da nossa vida; mas é, para a humanidade, de imensa importância que o homem individual possua uma certa medida de saúde, harmonia e paz interior, de onde derivem a sua satisfação, a sua alegria, a sua prosperidade; importa que ele seja a luz do mundo, estímulo para outros, a luz que os encha com a mesma esperança, com o mesmo zelo, com a mesma boa vontade para dedicarem algumas horas diárias ao conhecimento de Deus.

Destarte, se concretiza a cura espiritual na consciência, acendendo uma luz, aqui e acolá.

Facilmente nos esquecemos da influência que a vida de um único homem pode exercer sobre os outros. Um único momento em nossa vida pode ser de importância decisiva. Muitos terão feito experiências parecidas com a que eu realizei no fim do ano 1928, quando fiz uma meditação em companhia de um verdadeiro iluminado – e veio sobre mim o espírito e me elevou acima daquilo que se chama “o mundo”. Depois deste acontecimento, as coisas do mundo perderam para mim a sua força de atração. A partir daí, toda a minha vida se desenrola no ambiente dos livros sacros e do meu Eu interior, auxiliado por escritos filosóficos e místicos e pela comunhão com pessoas que trilham a senda espiritual. Todo o resto da minha vida se eclipsou.

Essas duas horas transformaram toda a minha vida. Quando me retirei, tinha recebido a iluminação que me tirou da vida do comércio e me iniciou na missão de curador espiritual, vida que, a partir daquela hora, decorre através de um progressivo desenvolvimento até hoje. Quem poderia medir o valor do encontro naquele dia? Não há medida para o imensurável.

Entretanto, impossível teria sido aquela experiência decisiva se ela não fora precedida por treze anos de leitura dos livros sacros, de escritos místicos, de orações e súplicas a Deus: “Fala-me, ó Deus! Fala-me! Inspira-me!... Faze algo para me fazer saber que tu existes!”... Cada um dos pormenores dessa incessante busca contribuiu para me preparar para esse minuto único, que transformou a minha vida toda. Ninguém sabe em que momento a sua vida começará a mudar, quando ele entrará em contato com o homem, com a mensagem, com o livro que lhe abrirá a alma”¹. Quem se julga por demais insignificante para isto, não deixe de evocar a lembrança de um ou outro dos homens que inspiram a geração presente ou vindoura. Que ilimitada influência sobre a saúde e harmonia da tua vida se manifestaria se soubesse que essa transformação depende da tua irrestrita entrega a Deus, através do teu pensar, meditar e amar!

1. A filosofia espiritual do Oriente exprime esta verdade nas conhecidas palavras: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”. Na teologia, se diz que “quando o homem tem fé, Deus lhe dá a graça”. Isto é, o homem deve, da sua parte, fazer tudo quanto lhe for possível, e depois manter as portas da alma abertas rumo ao Infinito – e então o discípulo da fé receberá a visita do mestre de graça. Esse mestre, essa graça, vem do Infinito, que é tanto Transcendente como Imanente (N. do T.).

A redenção do mundo pela cura espiritual virá, em última análise, através de um homem individual, tu e eu, aqui e acolá, através dos frutos da vida de alguém que leve um amigo ou conhecido a buscar compreensão espiritual, compreensão que, por fim, se estenderá até ao mais distante habitante da rua, até que também ele resolva fazer o mesmo.

Cada homem individual é um fiozinho nessa trama, um elo nessa cadeia. Cada um é um raio parcial dessa luz universal. Ninguém pode ser mais do que isto. Um é usado aqui, outro acolá. Cada um contribui com a sua parcela para completar o Todo. Toda a vez que se realiza uma cura, em ti ou em outro, é um benefício para a humanidade. Cada cura individual aproxima o mundo do recebimento da luz espiritual.

Para compreender o mistério da cura espiritual, deve o homem saber, necessariamente: 1) que Deus é uma realidade; 2) que Deus é uma realidade benéfica – que a sua essência é amor e sabedoria, cuja função consiste não só em criar imagens à sua semelhança, mas também em conservar nessas imagens a semelhança divina; para este fim, Deus protege a sua imagem humana, dando-lhe harmonia, integridade, acabamento e perfeição final. É esta a verdade sobre Deus. Mas isto não quer dizer que cada homem individual, tu ou eu, sejamos necessariamente beneficiados por essa essência creadora e conservadora de Deus; a nós, para sermos realmente beneficiados por esse Deus benéfico, nos resta fazer ainda uma coisa: “Conhecereis a verdade – e a verdade vos libertará”.

A obra de Deus está realizada. A obra de Deus está realizada desde o início, desde toda a eternidade; 2 x 2 já são 4, sempre foram 4; mas, para que este fato objetivo produza em mim o seu efeito subjetivo, devo eu estar consciente dele; devo ter a experiência desta verdade. O telégrafo, o telefone, a aviação, o rádio, a televisão colorida, já eram possíveis milhões de anos atrás; os princípios fundamentais de toda e qualquer invenção sempre existiram; tinham de esperar apenas por um Morse, um Edison, um Kettering, um Marconi, um Curtis, um Orville, um Wright, um Fermi ou Einstein, ou outro, chamados a revelar esses princípios que subjazem a essas invenções revolucionárias².

2. Em filosofia, dizemos que o *atual* (explícito) é o desdobramento do potencial (implícito); que os fatos externamente existentes são uma manifestação parcial e finita da Realidade da Essência interna, total e infinita. Os fatos atualizados são como ondas do mar da Realidade potencial. O existir é um aspecto parcial do Ser Total (N. do T.).

Toda música, toda arte, toda literatura – tudo quanto foi jamais conhecido, ou será conhecido em séculos ou milênios futuros – tudo já existe desde o princípio. Compete-nos a nós aprender o modo como nos tornarmos conscientes desta realidade. Devemos descobrir a criação de Deus, que sempre existiu. A obra de Deus está terminada, plena e perfeita – mas ela se desdobra sem cessar em cada um de nós, de acordo com a medida da nossa conscientização, da experiência consciente que tivermos deste fato e da medida da harmonia pela qual o revelarmos em nossa vida. O próximo passo a ser dado, não depende de Deus, mas depende de cada um de nós.

É Deus nosso servo?

Para a maior parte dos homens, continua Deus a ser o grande “Desconhecido”, cultuado pelos ignorantes. Poucos são os que tenham feito a tentativa de saber o que é Deus; poucos são os que tomem a sério a pergunta: “Há um Deus? De onde sei eu que Deus existe? Foi-me dito que há um Deus; leio livros sobre Deus; mas, poderia eu afirmar sob juramento que Deus existe, se fosse convidado a isto? Que prova tenho eu da existência de Deus? Será que o vi face a face? Será que o senti em mim?...”

Como responderias tu a estas perguntas? Poderias dizer: “Sim, eu sei que Deus existe; Ele é assim, assim?”

Como o descreverias? Será que Deus pode ser descrito?

Deus não é aquilo e não é assim como o grosso da humanidade o imagina. Ele não é nada daquilo que se possa pensar ou imaginar, porque todo pensamento que o homem possa ter de Deus é necessariamente limitado – porquanto esse pensamento foi criado por nós ou foi recebido de outros homens.

Espera um momento e reflete, onde os teus pensamentos sobre Deus têm a sua origem. Donde os recebeste? Não é que tu mesmo fabricaste essas tuas idéias sobre Deus, depois de teres lido ou ouvido algo? Não é que encampaste as crenças dos outros que, desde a infância, te foram impingidas? Ou poderás afirmar que o teu conceito de Deus é resultado da tua própria experiência interior?

Para Jesus, que havia realizado a sua perfeita unidade com Deus, era Deus o “Pai” – o “Pai em mim”. Para nós, porém, a idéia de Deus como Pai reveste a forma de um determinado pai. Cada um de nós tem do pai uma idéia determinada, que é o resultado das suas próprias experiências humanas. Hoje em dia, os filhos consideram, muitas vezes, seus pais como seus servos, cuja função é fazer todas as vontades deles. E muitos adultos transferiram para o Deus Pai, simplesmente, o conceito que eles têm do pai humano; Deus é, para eles, feito à imagem e semelhança do pai que eles conheceram desde pequenos. Imaginam Deus como um ser sobre-humano sempre à espera de fazer favores aos homens; e esses favores divinos podem ser assegurados pelo homem, deste ou daquele modo; acham que, por meio da combinação de certas fórmulas verbais, o homem possa levar Deus a lhe conceder sua graça, ao ponto de realizar para eles a cura de qualquer doença.

Mas esse Deus não existe. Não necessitamos do favor de Deus, assim como não necessitamos do favor dos homens. Toda a benevolência de Deus de que necessitamos – já a temos agora mesmo.

Que queria Jesus dizer quando chamava Deus nosso Pai? Não o sabes?

Tampouco o sabia eu, outrora, quando me perguntava: “Que é Deus como Pai?”

E veio-me a resposta: “Pai é o princípio creador”, Deus é a força creadora do Universo, e a sua natureza é amor infinito, universal¹.

1. Na literatura a idéia de Deus é expressa de modos vários, como sejam: Pai, mãe, espírito, princípio, amor, vida. Por isto, o autor deste livro usa indistintamente, para designar a Deus, os vocábulos de colorido masculino, feminino ou neutro.

A natureza de Deus é, pois, esta: *O que Deus não está fazendo agora mesmo, não o poderá fazer nunca, e ninguém o pode levar a fazê-lo.*

É importante que compreendamos claramente esta verdade. Seria pura perda de tempo pedir a Deus e esperar que ele faça algo que não esteja fazendo agora mesmo. Deus é imutável, e ninguém o pode tornar mutável. Ninguém pede a Deus para que, de manhã, faça nascer o Sol, e, à noite, o faça pôr-se; ninguém pede a Deus para que haja maré e vazante nos mares; ninguém pede a Deus para que brotem flores na roseira, que nasçam abacaxis no pé de abacaxi, que o leite produza manteiga; ninguém pede a Deus que mude as leis da gravitação para os automóveis ou para os aviões. Em resumo parece que os homens reconhecem a Deus o direito de governar o seu mundo assim como o está governando – enquanto isto não atinja o seu pequeno ego. Mas, quando entra em questão o ego, o homem se dirige a Deus e diz: “ó Deus, faze o favor de fazer isto ou aquilo por amor de mim! Protege-me, protege os meus! Providencia para que eu e os meus tenhamos de comer e de vestir!...”

É evidente que Deus não reage a semelhante oração. Deus providenciou para que, na terra e no fundo dos mares, haja mais alimentos do que todos os povos do globo possam consumir. É inútil pedir a Deus por mais. A obra de Deus estava concluída desde o início – e ele viu que tudo era bom. É inútil querer pedir a Deus que modifique o seu Universo por causa de ti ou de mim, em prol da tua ou da minha família, em prol do teu ou do meu povo. Se quisermos receber a graça de Deus, é necessário que assumamos para com Deus uma atitude tal que a sua graça possa fluir para dentro de nós, assim como sempre fluiu e sempre fluirá. Em Deus nada pode mudar – no homem muito pode mudar.

O que importa é conhecer verdadeiramente a Deus, e isto se faz pela meditação da verdade. Quando, na meditação, focalizamos a natureza de Deus, logo percebemos que Deus é sabedoria e amor. Esse Deus sábio e

amoroso nos dá plena certeza de que as nossas mudinhas de roseira vão dar rosas quando as fincamos no chão, e não alguma outra coisa indesejável.

No meio de uma tal meditação, certamente, sentirás em ti a certeza: “Que teria eu que temer? Há um Deus, e esse Deus é amor. E isto põe termo a todos os meus problemas. Se Deus não fosse amor, existiria um problema real para mim. Mas, no momento em que eu sei que Deus é infinita sabedoria e que lhe apraz dar-me o reino, que é que me poderia inquietar? Posso esquecer tudo o que me poderia inquietar, e posso desde já começar a ajudar os homens que ainda não sabem que Deus é amor; ajudar àqueles que já ouviram estas palavras, mas não têm experiências delas; e enquanto eu os ajudo, surge em mim a consciência deste conhecimento.

No decurso da tua meditação sobre Deus descobrirás que nunca houve um tempo em que Deus não existisse e, mesmo da limitada perspectiva do olhar humano isto significaria que também nunca haverá um tempo em que Deus deixe de existir. E com esta convicção nasce a consciência de que Deus é eterno. Da mesma forma não há lugar em que Deus não exista. Os descobrimentos da astronomia mostram quão imensa é a criação de Deus; os sóis, as estrelas, as luas, os planetas mostram também a ordem sábia que rege as suas órbitas.

Daí se segue o conhecimento natural: Se é verdade que tudo que é do Pai é também meu, então os atributos do Pai também são atributos do meu próprio ser; a mesma lei, a mesma ordem, a mesma sabedoria atuam também em minha vida. Tudo que perfaz a natureza e o modo-de-agir de Deus, isto perfaz também o meu e o teu ser humano.

Ora, uma vez que Deus é, ontem, hoje e sempre o mesmo Deus, não pode ele fazer algo hoje que não fez ontem ou não fará amanhã. Deus não pode dar saúde a ninguém; Deus não pode distribuir harmonia, prosperidade ou posição a ninguém. E, sendo Deus amor, não pode negar saúde, harmonia ou paz a ninguém.

Que espécie de Deus seria esse que te deixasse ficar doente até que tu te resolvesse a lhe pedir saúde? Esse Deus não é senão um ser humano divinizado por ti, mas nunca o Deus verdadeiro. Deus é um Deus de onipotência, de onipresença, de onissapiência; e ele conhece as tuas necessidades, antes que tu mesmo as conheças. É do seu agrado dar-te o reino e isto antes de qualquer tentativa da tua parte para o influenciáres neste sentido. Mas não é precisamente isto que os homens tentam fazer? Não gastam os homens o seu tempo em descobrir meios e modos para induzir Deus a fazer algo por eles?

Quem não compreende a natureza de Deus como sendo o Sumo Bem procura utilizar-se de Deus para seus fins peculiares; tenta pôr a Verdade a seu

serviço. Nós, porém, estejamos prontos para que Deus nos ponha a seu serviço, para que a Verdade nos ponha a serviço dela. Façamos de nós instrumentos idôneos pelos quais a Verdade se possa revelar, mas nunca tentemos pôr Deus a nosso serviço. Deus ou a Verdade não são servos nossos. São nossos senhores e soberanos, e nós somos servos deles.

Quem compreende a natureza de Deus nunca lhe pedirá coisa alguma. Deus só poderá doar a si mesmo, e este dom é suficiente para todas as nossas necessidades. Um Deus diferente deste, de qualquer modo, é uma fábula inventada pelos homens, um mito que os pagãos excogitaram, séculos antes do divino Mestre. Os gentios cultuavam muitos deuses, sempre com o fim de conseguirem deles alguma coisa. Quando não chovia, pediam chuva; quando chovia demais, pediam que a chuva cessasse; quando eram flagelados por enchentes e tempestades, suplicavam que Deus lhes pusesse termo; em tempo de carestia de víveres, pediam a Deus que lhes desse alimento. Orações dessa natureza são relíquias do tempo pagão em que os homens imaginavam Deus à sua própria imagem e semelhança, quando não tinham idéia do Deus verdadeiro. Quando não conseguiam obter de um único Deus o que tinham mister, inventavam muitos deuses; de um deles pediam chuva; de outro, boa colheita; de um terceiro, fertilidade; de um quarto deus, isto ou aquilo.

Mais tarde, quando Abraão trouxe a doutrina de um Deus único, a única mudança que seus adeptos fizeram consistiu no seguinte: em pedirem de um só Deus as dez coisas que outrora pediam a dez deuses. Rezavam a um só Deus, que os recompensava quando eram bons, e os castigava quando eram maus.

Deus, porém, não é assim. O Deus verdadeiro é aquele cuja chuva cai tanto sobre justos como sobre injustos, e cujo sol beneficia tanto os bons como os maus. Deus está igualmente ao alcance dos santos e dos pecadores. Olha imparcialmente para todos, independentemente de raça, cor ou credo, independentemente de religião ou falta de religião. As diferenças na vida de cada homem individual nada têm que ver com Deus; à sua causa está na ignorância ou na imperfeita experiência que os homens têm de Deus.

Quem pede a Deus por determinadas coisas – saúde, dinheiro, casa, amigos – procura fazer de Deus o seu servo, ao qual se possa dar ordens para cumprir a sua vontade de seu senhor humano. Pensas tu que Deus seja um instrumento a serviço de teu bel-prazer – ou deves tu ser um servo e uma alegria para ele? Acreditas realmente que o Deus do céu, ou do teu interior, esteja à espera do teu clamor para atender às tuas intenções e satisfazer os teus desejos? Ou é Deus o *princípio creador espiritual* do Universo, ao qual o cosmos serve, e ao qual também tu deves servir?

A humanidade vai a caminho do inferno enquanto espera que Deus seja o seu servo, em vez de reconhecer humildemente que tu e eu existimos para servir a Deus – assim como servem a Deus o Sol, a lua, as estrelas, as aves, os peixes e os mamíferos. Toda criação tem por fim glorificar o Criador, e não o homem. Não é Deus que deve glorificar o homem, mas o homem deve glorificar a Deus. É necessário que invertamos o conceito tradicional que temos de Deus: não somos nós que tenhamos de ensinar e aconselhar a Deus – mas Deus tem de ensinar e aconselhar a nós.

Homem, mantém-te sempre pronto para receberes do teu interior o impulso da Verdade, para que a Verdade seja revelada por ti. Os céus proclamam a glória de Deus, e a terra anuncia de mil modos as suas obras – e também tu, ó homem, tens de entoar essa sinfonia universal, proclamando a glória de Deus – e não a tua. Não és tu que dás expressão a Deus – tu apenas o refletas – Deus se dá expressão a si mesmo, e tu és uma das formas pelas quais Deus se exprime. Deus se exprime a si mesmo, de mil modos e uma dessas expressões divinas se revela na forma do teu Eu – mas tu nada tens que ver com isto. Deus se reflete em tua pessoa. Tu és um reflexo de Deus. Deus não glorifica a ti ou a mim. Deus se glorifica através de ti ou de mim. Quanto mais te aproximares desta idéia, tanto maior será a glória de Deus que testificas.

Perante Deus se dobrará todo o joelho e se descobrirá toda a cabeça. “Lembra-te dele em todos os teus caminhos – e Ele te conduzirá”.

Não lhes fales sempre e por toda a parte dos teus desejos, das tuas virtudes, das virtudes da tua família, do teu povo. Não, não digas nada a Deus. Pensa nele. E como poderias pensar nele senão do seguinte modo:

Deus, tu és a infinita sabedoria que creou este Universo, a sabedoria que sabe governar tudo sem nenhum auxílio da minha parte. Perdoa-me, Pai, se alguma vez te falei das minhas necessidades, das necessidades da minha família ou do meu povo. Perdoa-me, Pai, as muitas vezes que ergui a ti meus olhos, na esperança de que tu servisses aos meus desejos. Concede-me a compreensão que fui creado a tua imagem e semelhança, a fim de testificar a tua glória. Os céus proclamam a tua glória e o firmamento anuncia as obras das tuas mãos².

2. Os tópicos deste livro que se acham impressos em grifo são meditações espontâneas que vieram ao autor em momentos de elevada consciência espiritual, não pretendem ser fórmulas feitas – nem para confirmar, nem para rejeitar algo. Aparecem, aqui e acolá, de acordo com a livre fluência do espírito. Na medida em que o leitor progredir no exercício da presença de Deus, e intensificar em si a consciência dessa presença, receberá ele mesmo idênticas inspirações, novas e espontâneas – porquanto “O sopra sopra onde quer”... (O autor).

O homem, sendo a coroa da criação, deve testificar Deus no grau mais elevado. O homem individual, tu e eu, deve ser o arauto máximo da imortalidade, da eternidade, do infinito, de todo o bem, de saúde, da harmonia, da integridade, da abundância creadora – não dele mesmo, mas de Deus. A

graça de Deus deve transparecer dos seus olhos. A harmonia de Deus deve revelar-se através da saúde do corpo humano, teu e meu. A inesgotável riqueza de Deus deve expressar-se na prosperidade do teu suprimento econômico, não em virtude de alguma das tuas capacidades – por seres bom e virtuoso – mas porque Deus é amor, e porque a natureza do amor se revela no fato de que tu tens abundância de tudo.

É do agrado de Deus dar-te o reino; que tenhas o reino não no suor do teu rosto, com teus trabalhos e tuas canseiras, ou pelo fato de o conquistares e mereceres – não! O reino virá a ti pela graça de Deus, que opera em ti, e cujo advento tu só impedes quando tentas reduzir Deus a teu servo.

Pouco a pouco se modificará em ti a idéia que tens de Deus; a partir daí, não mais farás orações a Deus como se ele fosse algum Papai Noel. Não deixarás de orar, mas a tua oração terá outro caráter e outro sentido. Compreenderás que Deus nada pode dar e nada pode negar. Pode o homem, sim, excluir-se da graça de Deus, mas pode também incluir-se novamente e reatar o seu contato com a Fonte divina, e é este o fim da oração. Então, a oração deixará de ser um ato de pedir e de procurar algo; começará a ser uma atitude de pedir, de bater, de procurar, em demanda de mais luz, de maior sabedoria, de uma compreensão mais profunda da Verdade.

Jubilosamente abrirás mão de todas as coisas, contanto que isto te aproxime, por um passo sequer, da tua experiência de Deus, que é a tua auto-realização – tu, que és filho de Deus e herdeiro do seu reino, expressão da eterna essência divina. A essência divina será realizada em tua existência humana. A sabedoria de Deus se tornará a tua própria sabedoria. A vida divina passará a ser a tua própria vida imortal. E o teu corpo será o templo do Deus vivo. A força, a juventude, a vitalidade de Deus fluirá através de cada um de nós.

Deus é a infinita plenitude do Bem, revelando sem cessar o seu próprio Ser na forma do Universo. Deus nada pode acrescentar a isto – nem jamais deduziu alguma coisa disto. Deus não pode aumentar nem diminuir. Deus simplesmente é. Isto vale de todos os milênios passados – e isto vale de todos os milênios futuros – DEUS É. E após milhões e milhões de anos e de séculos – DEUS É. Quando dizemos que Deus é eterno ou infinito, que Deus é bom, que Deus é vida, ou amor, nada mais afirmamos do que isto – DEUS É. É este o limite de todo o nosso conhecimento divino – DEUS É.

Se Deus é, então eu sou. Não posso dizer “Eu sou ontem”, não posso dizer “Eu sou amanhã” – tudo que posso dizer é isto: “Se Deus é, então eu sou”. Não procuro nada, porque tudo que e do Pai é meu; tudo que Deus é isto eu sou. Ele me criou segundo sua imagem e semelhança, e me deu pleno poder e domínio sobre tudo que há no céu, no ar, na terra, na água e debaixo da terra. Se Deus me deu pleno poder sobre tudo isto, que poder me poderia ainda fazer

mal? Se eu possuo um poder divino, que outro poder me poderia penetrar, fazendo-me doente ou mau?

Quando se sabe que Deus é, torna-se supérfluo querer descobrir um poder divino que algo faça a nosso favor. Deus É; a sua natureza é isto: “ELE É”. Deus nunca “foi” ou “era”. Deus é o eterno “EU SOU”. E isto é nossa salvação, porque ele é força, amor, vida, sabedoria. Procuremos enxergar a Deus nesta luz – nesse eterno “ELE É”; não como alguém “era” há 2 mil anos, ou alguém que “será”, quando nós o merecermos.

Leitor, vai a um parque, onde brota capim novo, onde nascem folhas nas árvores; ou, mais tarde, quando aparecem as flores. Contempla aí como “DEUS É”, a cada momento, em folhas, flores e frutos. E – coisa maravilhosa! – ninguém pede para que assim seja; ninguém diz a Deus quanto ele necessita destas coisas – das frutas, do verde capim, do gado sobre as colinas. E, no entanto, Deus faz aparecer tudo isto.

Sim, Deus providencia tudo de que necessitamos sem o nosso concurso, sem a nossa intervenção.

Cerca de meio século atrás correu pelos Estados Unidos a notícia alarmante que, dentro em breve, não haveria mais bastantes cavalos para transporte e montaria de pessoas e mercadorias – mas apareceram os veículos motorizados, e tudo continua normalmente.

Como se o homem fosse responsável pela continuação do mundo!

A graça de Deus é suficiente, para hoje, para amanhã e para sempre. A mais alta forma de oração é este “Deus É – Amém”. O Deus onipresente é o Deus onipotente, onissapiente e onibenevolente – nada mais é necessário.

Quando compreenderes que Deus é o princípio creador do Universo, que sustenta toda a vida e o cosmos, que esse princípio creador é a Inteligência do Universo, Amor, Vida, o Coração do cosmos, então não mais rezarás a Deus – terás alegria nele, e esta alegria será a tua oração. Terás comunhão com ele, e nada procurarás só para ti; nem pedirás algo para outros, nem jamais atribuirás a Deus o papel de servo que deva cumprir a tua vontade e satisfazer os teus desejos.

Deus manifesta a sua natureza infinita, criando, sustentando e governando este esplêndido e grandioso Universo; e nós, que vivemos neste mundo, somos os servos do Altíssimo. Nunca esperes de Deus que ele sirva aos homens. Compreende que a tarefa do homem consiste em servir e glorificar a Deus – que testifique na terra aquilo que Deus é. Modifica a tua oração no sentido de não mais pretendes desse Deus poderoso e grande que faça favores a um pequenino “ego”.

Muitos agem como se, de fato, pensassem assim, como se se julgassem capazes de induzir Deus a lhes satisfazer os desejos. Importa que compreendam que estão aqui na terra para que Deus se manifeste através deles. Em vez de permitirem a Deus que fale por meio deles, falam a Deus eles mesmos, contam-lhe coisas, fazem-lhe pedidos, determinam o que ele deve fazer, dão-lhe ordens – e é esta a razão por que não são atendidos. A resposta só virá quando forem capazes de assumir a atitude de Moisés, que escutou a voz de Deus, e esta voz lhe mostrou o que ele devia fazer e como o devia fazer.

Os hebreus, como escravos do faraó do Egito, tinham de sofrer muito. Julgavam adorar o Deus único, e por causa dessa sua crença eram escarnecidos pelos soldados do faraó: “Quem é esse Deus? Que faz esse Deus por vós? Continuais a ser os nossos escravos, dos egípcios; continuais a sofrer sob as ordens do nosso faraó. Onde está vosso Deus? Que poder tem ele?”

Durante muitos anos devem os hebreus ter respondido apenas isto: “Esse Deus único nada faz por nós; deixa-nos viver e morrer na escravidão”.

E assim continuou – até que um dentre eles se abriu a Deus, em humildade e verdade. Moisés esperou muito tempo que Deus lhe falasse – e o mesmo nos pode acontecer a nós. Mas, depois de ouvirmos pela primeira vez a “voz suave e silenciosa”, ela se manifesta mais vezes e, por fim, ela vem quando dela necessitamos; basta fecharmos os olhos, assumirmos uma atitude receptiva, por uns momentos – e eis que entra no campo da nossa experiência aquilo de que temos mister! A partir do momento em que Moisés se fez servo de Deus, era ele guiado por Deus, era ele mantido e alimentado por Deus. E, desde então, podia Deus agir através de Moisés para libertar o povo hebreu.

Os povos de todas as nações, de todas as raças, de todas as classes poderiam ser salvos se tivessem aprendido a orar e a abrir-se a Deus, de maneira que a voz divina pudesse falar de dentro deles, guiando-os, alimentando-os e suprindo todas as suas necessidades.

Aqui estou, Pai, escutando a tua voz! Aberto está o meu ouvido interno. Estou sem nenhuma preocupação, sem nenhum pedido, sem expectativa, sem ambição alguma. Não te peço que faças algo que não estejas fazendo já.guardo a palavra da tua graça. Eu sou servo do Altíssimo.

Sai do domínio da lei! Entra no regime da graça!

A lei te mantém na zona das doenças – a graça te liberta de todo o mal. O regime da graça é saúde, harmonia, paz, prosperidade, abundância de todos os dons de Deus.

O poder único

Compreender a natureza de Deus é compreender o princípio básico da terapia espiritual.

Faz parte da natureza de Deus curar doenças? Achas que sim?

Se Deus é onipotente e todo amor, por que não curou as doenças ontem? Por que esperou até hoje? E por que não as cura nem hoje?

A maior parte dos homens pensa que Deus cura as doenças através do médico; mas, à luz das estatísticas, pelo menos até o século passado, Deus não foi muito feliz nesse processo de curar pela medicina. Até um século atrás, morriam diariamente homens em consequência de moléstias que hoje em dia são curadas em vinte e quatro horas. Por que assim? Queria Deus que esses homens morressem, quando nós não o queríamos? Haverá em Deus aceção de pessoas?

Deus nunca se agradou do nosso morrer, nem se agrada jamais. Além disto, Deus nunca foi responsável pelo nosso morrer. Os homens morriam porque a ciência médica não estava assaz desenvolvida e os médicos não possuíam suficiente conhecimento para curar os doentes; e também no presente século muitos têm de morrer porque os curadores espirituais não sabem bastante para curar os doentes.

Em face disto, surge inevitavelmente a pergunta: “Será que Deus tem que ver alguma coisa com a doença do homem? E que tem Deus que ver com a cura dele? Nesse processo de terapia deve estar em jogo mais outro fator. Qual é esse fator?”

Esse princípio aparece quando compreendemos a natureza de Deus e o característico do assunto em apreço. Quando compreendemos que Deus é o amor inesgotável, a sabedoria ilimitada, a bondade infinita, compreendemos que Deus não pode ser autor do mal; a doença é criação do homem, e ela só pode ser abolida por meio de um estado de consciência espiritual altamente desenvolvido.

Se fores capaz de compreender a verdade e importância desta afirmação, então compreenderás também que tu és responsável pelo desenvolvimento dessa consciência espiritual. Permite, pois, que a natureza de Deus se manifeste através de oração e meditação. Descobre por ti mesmo que Deus

nunca autoriza uma doença a matar alguém, que nunca deu ordem a uma moléstia a matar um homem. Em face da natureza de Deus, que é puro amor, deve a doença estar situada fora da esfera da força creadora e conservadora de Deus; e isto quer dizer que não inere à doença nenhuma causa, nenhuma lei, nenhuma substância, nenhuma realidade intrínseca.

Existe um só poder, e esse poder único é Deus.

Entretanto, o conhecimento desse poder único não significa que Deus, como poder, seja *mais* poderoso que outro poder qualquer. Ele não é *mais* poderoso, ele é o único poder, fora do qual não existe nenhum outro.

A idéia de que Deus tenha poder sobre algo resulta da interpretação que nós damos à palavra “poder” ou “força”. Quando falamos da força da eletricidade, da força do calor, da força do vento, entendemos que estas coisas possuem um poder que podemos pôr ao serviço da nossa vida. Será que o poder de Deus pode ser entendido deste modo?

Não, Deus é o poder único, que nunca pode ser utilizado pelo homem no sentido de ser posto ao serviço dos seus fins peculiares. Deus é o poder único e exclusivo em todo o Universo, e ao lado dele não existe nenhum outro poder.

Exemplifiquemos: temos na música, os sons dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. Cada um desses sons significa uma determinada vibração, que é sempre a mesma – mas isto não quer dizer que alguém não possa cantar erradamente esses sons certos.

Na aritmética temos os algarismos 1,2,3,4,5, etc., que têm um valor certo e determinado no mundo inteiro – o que, todavia, não quer dizer que tu ou eu não possamos falhar na aplicação desses valores certos.

Há um princípio básico, vital, imutável, na constituição do Universo; esse princípio não depende de nós; ele existe independentemente de nós e de qualquer creatura. Mas a aplicação prática e concreta desse princípio universal depende de nós; podemos acertar e podemos errar na sua aplicação. A harmonia entre o finito e o Infinito é saúde – a desarmonia é doença. Mas essa harmonia ou desarmonia nada têm que ver com o princípio infinito, têm que ver com a aplicação finita.

Podes tu pôr a teu serviço o poder de Deus?

Não! Tu mesmo terás que pôr o teu Eu humano em harmonia com o Poder divino. A Lei, o Poder, é eterna e imutável harmonia – tu é que podes ser harmonia ou desarmonia. Tu podes pôr a tua vida a serviço desse regime e desse poder infinito – mas não poderás jamais utilizar-te dele, pô-lo a serviço dos teus desejos humanos. Não podes mudar o curso de uma só estrela no

céu. Não podes mudar as marés e as vazantes, porque a hora do seu vaivém está marcada por leis eternas.

Deus não é um grande poder que entre na liça para lutar contra os poderes negativos do pecado e da doença, da penúria e da limitação, no caso que tu consigas entrar em contato com aquele poder positivo. Não. Deus é um poder somente no sentido de ser o único poder creador e mantenedor do cosmos. Deus nos deu terras e mares, montes e vales, florestas e campinas, para os usarmos – mas não nos deu o poder de pormos o próprio Deus a nosso serviço. Podemos nos utilizar dos dons de Deus – mas não do Doador divino. Deus é um poder que, por todo o sempre, mantém o seu Universo com perfeição, justiça e harmonia.

Quando o homem começa a viver do ponto de vista do poder único, então se modifica todo o conteúdo da sua vida. Neste mundo, defrontamo-nos a cada passo com pessoas, coisas e circunstâncias de carácter destruidor; sempre aparece algo ou alguém que destrói a nossa paz, a nossa saúde, a nossa harmonia, as nossas boas relações. Mas os espiritualmente iluminados de todos os tempos e países descobriram que não inere a essas coisas nenhum poder real – a não ser que o homem as reconheça como poderes reais e como tais as tema e combata.

O divino Mestre, Jesus, o Cristo, não receava nenhum poder terrestre, porque sabia que só existe um único poder. Quando, um dia, os seus discípulos se gloriavam do seu poder sobre as potências do mal, o Mestre os corrigiu imediatamente, dizendo: “Não vos alegréis porque os espíritos vos estão sujeitos – alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos nos céus”. Com outras palavras, eles se deviam alegrar porque lhes fora revelado o grande mistério: que há um só poder, Deus. Por isto, não havia nenhum poder maléfico que lhes estivesse sujeito, nem mesmo em nome do Cristo; havia um só poder, e este único poder era benéfico.

E é este o mistério que continua a ser ignorado pelo mundo materialista, pela inteligência humana, e mesmo por muitos daqueles que se dizem religiosos. Só é conhecido no mundo da mística: Deus é o único poder, e ao lado dele não existe poder algum.

Existe, por conseguinte, um poder no pecado, na doença, na penúria, na limitação, na morte, no tempo, no clima, na infecção, no contágio?

Tenhamos plena clareza sobre isto: *Deus é o Único poder.*

Se Deus é o único poder, a única realidade, a única lei do Universo, então é evidente que não existe outra lei contra a lei de Deus. E com isto, a vida humana aqui na terra muda de carácter. Aparentemente, há no mundo leis que contradizem a lei divina; a doença parece ter a sua legalidade, o seu ritmo

certo, a sua regularidade. E, enquanto o homem crê nessa realidade e legalidade da doença e do mal, confere poder a essas irrealidades e ilegalidades. E o homem começa a lutar contra essas supostas realidades – que Deus não realizou, mas que o homem-ego realiza – e, pela luta, afirma a realidade dessas irrealidades¹.

1. O autor completará, em outro capítulo, o seu pensamento. Mas, para que o leitor não termine este capítulo por demais desorientado com essa afirmação categórica de que doença, etc., não são poderes reais, vamos antecipar, sumariamente, o pensamento do autor, dizendo: embora a doença não seja nenhum poder *real* em si creado por Deus, ela é, contudo, um poder *realizado* pelo homem-ego. Não é uma *realidade*, diria o psicólogo moderno, mas é uma *facticidade*. Enquanto o homem-ego considerar a doença como real, ela é real para ele, em virtude da *ego-realização*, embora ela não seja real em virtude de uma *teo-realização*. Um fantasma creado por nós nos faz mal, porque foi por nós realizado, embora não tenha nenhuma realidade em si mesmo. Aqui convém lembrar a profunda filosofia de Kant, e a psicologia dos nossos tempos, segundo as quais nós nada sabemos do *mundo em si*, sabemos somente do *mundo em nós*. O mundo em si, objetivo, *das Ding an sich* (Kant) não nos afeta é o mundo em nós, isto é, a impressão subjetiva que nós temos do mundo objetivo. Os males da vida nos atormentam, porque são o nosso mundo subjetivo, ego-fabricado, são os nossos fantasmas que nos perseguem, o feitiço vira contra o feiticeiro; os males fabricados pela ignorância do nosso ego se viram contra o ego ignorante. Quando o ego ignorante passa para as alturas do Eu sábio, todos os males desaparecem, como aconteceu no Cristo, que nunca viu doença nem pecado, porque não havia mais o ego ignorante, fabricante de fantasmas pseudo-reais, mas havia o Eu sábio, que não fabrica fantasmas, mas enxerga a realidade divina, tal qual (N. do T.).

O caminho único para evitar essa funesta ilusão e esse desperdício de forças contra irrealidades realizadas pelo ego está no seguinte: sentar-se calmamente, estabelecer em si um grande silêncio, esvaziar-se do seu ego ilusório e esperar, em paz e sossego, até que venha a certeza interna: “Não há outros deuses ao meu lado. ...Eu sou o Deus único... o único poder, a única realidade... Não temas, filho meu dileto... Eu estou contigo... Eu, o único poder, o poder benéfico... Eu, o Pai. ...Eu, o Amor”...

É esta a sabedoria espiritual: nada há contra que lutar; nada há o que curar, nada há o que melhorar, nada há o que suprir, nada há o que superar. Reconhece esta verdade – e tudo está bom.

Há um só Deus, seja no Oriente, seja no Ocidente; um só Deus, seja entre gregos ou judeus, seja entre cristãos ou pagãos, seja entre escravos ou livres. Há um só Deus, e o Eu dentro de mim é esse Deus – infinito, onipresente, onipotente, onissapiente – o poder único. Não há nenhum poder fora desse poder; que sou eu, o meu divino Eu. Esse Eu, que eu sou, é imortal, é eterno. Em virtude da minha unidade com o Pai – minha unidade com o Eu, que eu sou – estão corporificados em mim toda a inteligência, toda a sabedoria, toda a vida, toda a espiritualidade, todo o poder, toda a bondade, toda a graça de Deus.

A fim de poder curar pelo espírito, é necessário que o homem seja capaz de encarar firmemente toda a maldade e todo o mal, em qualquer forma e dizer

com absoluta confiança: “Não tenho medo de ti, nem jamais lutarei contra ti! Por que temeria eu o que um mortal me possa fazer? Por que temeria o que coisas ou circunstâncias perecíveis me possam fazer, se Deus mesmo é a única lei, a única presença, o único poder, a única causa, a única substância, a única realidade?... Ficarei quieto e tranquilo, aguardando a redenção da parte do Senhor”...

A nossa adoração se dirige a um Deus tão infinito que ao lado dele nada existe que deva ser removido ou aniquilado. Não há nada que possa restringir ou impedir no seu reto agir aquele que compreendeu este princípio; porquanto o Deus em nosso interior é uma inteligência onisciente, um amor divino, um poder onipotente, uma influência creadora única, o princípio fundamental do Universo.

Neste princípio está sintetizado o segredo da cura pelo espírito, como também a harmonia da própria vida. Leva o homem através da vida, ritmicamente, suavemente, como que sobre um raio de luz. Tudo que o homem tem de fazer, Ele o faz, esse Ele no centro do próprio ser, esse *Infinito Invisível*, que sempre age, mesmo quando o homem dorme; que vai diante dele para lhe preparar um bom lugar, e o acompanha na jornada e sintoniza em amor todos os que o acompanham e sejam receptivos para suas amorosas irradiações...

Após a constante aplicação deste princípio, acaba o homem por se convencer da verdade absoluta de que Deus e o Ser Infinito, o Ser Uno, e que todas as coisas contra as quais a humanidade luta não são poder algum. Em momentos de iluminação superior, contempla o homem o mundo e vê que todos os seus fenômenos transitórios se diluem como as trevas se dissolvem em face da luz...

Em momentos sublimes desses, pode o homem enfrentar todos os leões e tigres da terra e envolvê-los no fulgor da sua consciência espiritual, na certeza de que esta luz dissolverá todas as aparências ilusórias que lá estão – e revelará a verdadeira natureza dos seres...

A linguagem da cura pelo espírito

De acordo com o caminho da auto-realização, poucas palavras servem de base à arte de curar pelo espírito. Antes de abordar este assunto, quero dizer brevemente o que se entende por auto-realização: É uma doutrina espiritual baseada em uns poucos princípios, que qualquer pessoa pode observar praticamente, independentemente da sua confissão religiosa. O caminho da auto-realização revela a natureza de Deus como sendo o poder infinito, a inteligência e o amor do Universo; e revela o ser de cada indivíduo como uno com a natureza e os atributos de Deus, ser individual esse que se manifesta em inumeráveis formas e espécies; revela ainda que a natureza e a idéia que temos das desarmonias deste mundo resultam de uma concepção errônea sobre a revelação da Divindade no Universo. São estes os princípios universais, baseados na mensagem do Cristo, quando ensina que o homem pode realizar a sua unidade com Deus mediante um contato consciente com Deus, e que o homem, assim realizado em Deus, pode trazer ao mundo harmonia, paz e integridade.

A primeira e mais importante palavra neste processo de cura pelo espírito é o pequeno vocábulo “como”, cuja compreensão exclui para sempre o conceito de dualidade: o Deus universal se revela *como* ser individual¹.

1. Na terminologia de alta precisão usada na Filosofia Univérsica, dizemos que a *essência universal* da Divindade se revela sem cessar em *existências individuais*. Na maravilhosa palavra “Universo”, o “uno” da divindade se manifesta nos “(di)versos” das criaturas (Nota do tradutor).

Se isto é verdade, então não há Deus e o homem; não há Deus *mais* tu, por isto, não pode haver pessoa que se possa dirigir a Deus com alguma necessidade.

Durante os anos em que eu dedicava o meu tempo exclusivamente à terapêutica espiritual, aprendi a não considerar os meus pacientes como seres humanos; nem me dirigia a Deus para que eles recuperassem saúde. Eu via Deus em cada pessoa que me visitava; eu via Deus *como* esse ser individual; e esta verdade creava harmonia. Esta verdade revelava a divindade do ser humano e do corpo deles, e esta revelação se tornou a pedra fundamental do edifício da auto-realização.

Há somente Deus, que manifesta a sua infinita essência e sua natureza espiritual, como teu ser, como meu ser: “Eu e o Pai somos um” – não dois. Nesta unidade és tu tudo que Deus é. Se compreenderes a idéia “como”, que Deus se manifesta *como* teu ser individual, como meu ser individual, então compreenderás que tudo que Deus é, tu também és².

2. Expresso com maior precisão, dizemos: Eu sou *essencialmente idêntico* à essência de Deus (“eu e o Pai somos um”), mas eu sou *existencialmente* menor do que a essência de Deus (“o Pai é maior do que eu”). Na minha essência eu sou idêntico ao único UNO: na minha existência eu sou (di)VERSO. O Deus imanifesto é o UNO, o Deus manifesto é o (di)VERSO. A palavra “verso” é o particípio passado do verbo “vértete”, que quer dizer “verter”, “derramar”. O mundo existencial é um “derrame” do Deus essencial (N. do T.).

“Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo que é meu é teu”. Eu sou co-herdeiro com o Cristo de todos os tesouros do reino de Deus. “Nada posso fazer de mim mesmo” – mas, em virtude da minha unidade com o Pai, eu sou tudo que Deus é. Onde quer que eu esteja, está o Pai dentro de mim; por isto, onde quer que eu esteja, o Pai age dentro de mim.

Deus, que aparece como ser individual – Deus que se mostra como sendo tu, como eu – é este o caminho da auto-realização. É este o segredo da cura pelo espírito. Esse “tu” ou “eu” não é um reflexo ou uma idéia separada, ou algo que fosse *menos* que Deus; esse “tu” ou “eu” é Deus mesmo, feito manifesto – Deus Pai, que aqui na terra aparece como um ser individual. Unidade – é este o mistério.

Depois de assimilares esta verdade; depois de viveres nela e a praticares, considerando cada homem, cada mulher, cada criança, cada planta e cada ser individual no mundo à luz do conhecimento: “Isto não é o que parece ser; isto é Deus, que se manifesta *como*”... então desenvolverás aquela consciência curativa que nunca enxerga o homem na sua humanidade; mas que logo entra em contato com a consciência espiritual dele. Acostumar-te-ás a não ver o homem segundo a sua aparência, mas o verás através dos seus olhos, para além dos seus olhos, na certeza de que lá está o Cristo de Deus. Fazendo isto, aprendes a prescindir da aparência externa, e, em lugar de tentares curar alguém ou restabelecer alguém ou melhorar alguém, te tornarás verdadeiramente uma testemunha da sua natureza crística, da sua essencial identidade com o Cristo.

Outra palavra, não menos importante que o “como”, é o verbo “é”. Se é verdade que Deus se revela *como* o ser individual de cada criatura, então a harmonia é a verdade sobre cada indivíduo. E com isto a palavra “é” se torna a palavra-mestra na oração e no processo curativo. Então desistimos de querer curar alguém, desistimos de querer melhorar ou enriquecer alguém; então vivemos constantemente na harmonia da consciência do É, ou do EU SOU. Se Deus é o teu ser, então Deus é a tua harmonia; se tudo que o Pai tem é teu, então, tu estás, agora mesmo, na plenitude e perfeição de Deus; se Deus é a

atividade do teu ser, então é a harmonia a lei do teu ser. Se deixares de viver no passado ou no futuro, então vives na consciência do permanente **É**, do eterno **EU SOU**³.

3. Uma Das “Verdades Eternas” da Filosofia diz: “No meu interno **SER** eu sou o que Deus é; por isto, no meu externo **AGIR** quero também agir assim como Deus age”. Com outras palavras: Se na minha divina Essência eu sou perfeito como Deus, então na minha humana Existência eu devo agir tão perfeitamente como Deus age. “Sede perfeitos, assim como é perfeito vosso Pai que está nos céus”. Deve haver perfeita sintonia entre o nosso *ser* e o nosso *existir* (agir). Temos de essencializar a nossa existência. Temos de divinizar a nossa humanidade. Devemos ser atualmente o que somos potencialmente (N. do T.).

Mesmo quando encontras um bêbado, um doente ou um moribundo, não prestarás atenção à aparência externa, mas dirás a ti mesmo “Ele **É**”. A consequência do “como” é necessariamente o “é”. É isto compreensível ou não? Se Deus se manifesta como o teu “tu”, portanto é a harmonia a tua verdade.

A mais poderosa expressão no vocabulário da oração é a palavrinha “é”. A harmonia é, Deus é, a alegria é, a paz é, a abundância é, a onipresença é. Será que pode haver algo que curar, algo que mudar, algo que renovar, ou algo que aniquilar na presença da onipresença? Percebes os fenômenos externos, as aparências dos sentidos, mas não te deixarás desorientar por elas. Podem os olhos ser testemunhas da doença de alguém, testemunhas da pobreza ou da culpa de alguém – mas o espírito te diz: “Não! Isto é Deus em sua manifestação: isto é uma individuação de Deus; e por isto, a harmonia é a verdade, independentemente do que meus olhos vêem ou meus ouvidos ouvem”.

A cura espiritual supõe uma consciência altamente desenvolvida. É uma consciência capaz de penetrar as aparências e enxergar para além; é uma visão de dentro, que nos dá a certeza desta verdade, mesmo quando os nossos olhos enxergam um ladrão ou um moribundo. Ninguém pode ser curador espiritual eficiente se não possuir a certeza: “Este é meu filho amado, no qual me com prazo”. É sem importância o testemunho dos sentidos externos. Algo no teu interior deve cantar, e o cântico que teu interior canta deve dizer: “Este é meu filho amado, no qual me comprazo... O Eu no meu interior é poderoso”.

Palavras não resolvem este problema. Deve ser uma convicção interna – e esta só se adquire por meio de exercícios, pela compreensão e pela prática – sem falar da graça de Deus que reside no teu íntimo. Se fores capaz de ficar sentado à cabeceira de um doente moribundo sem um vestígio de temor, porque uma voz canta no teu interior: “Este é meu filho amado... Eu sou onipotente no meu interior... Jamais te abandonarei nem te esquecerei – então és um curador pelo espírito. Isto supõe uma evolução que só se alcança por

exercícios – até que desponte o dia em que esta voz fala de dentro. Ou alguém recebe esta consciência pela graça de Deus, como um presente.

Entretanto, é difícil alcançar esta convicção, se não forem clarificadas certas circunstâncias que fazem parte da cura espiritual. Uma das mais importantes é a função da mente humana.

Antigamente, nos primórdios das assim chamadas curas metafísicas, ensinava-se que o corpo estava sujeito à mente. Era uma idéia nova, tão provocante que o homem moderno começou a treinar neste sentido, controlando o corpo pela mente. Breve foi o tempo dos sucessos – e ainda em nossos dias alguns principiantes colhem certos resultados com este método. O que há de ilusório nesta praxe é que os seus adeptos se esquecem de que por detrás do pensamento está um pensador, e que esse pensador não é nenhuma pessoa – o pensador é Deus, o Deus no homem, a alma humana.

A mente humana é apenas um instrumento de percepção. Podemos, sim, perceber a verdade com a mente, mas a mente não é creadora. O próprio inventor não haure a sua invenção de dentro da sua mente. Ele percebe a existência de certas leis naturais, que sempre existiram; descobre como essas leis harmonizam-se entre si e como devem ser aplicadas. O reto uso da mente como instrumento de percepção faz dela não somente um poderoso instrumento, mas a sua faculdade cresce com o uso e faz eclodir novas forças⁴.

4. Temos dito e repetido em nossos livros que nenhum homem é fonte mas tão-somente *canal*. Canais são todos os finitos, fonte é somente o Infinito. Os pais não cream a vida do filho; o pensador não crea o pensamento; o místico não crea a inspiração – todos funcionam como receptores da Emissora única, que é a Alma Infinita do Cosmos (Divindade). Cada antena receptora (vital, mental, espiritual) recebe e transmite o que recebeu segundo a sua capacidade receptiva. Para receber é necessário que o canal esteja ligado à fonte, e que esteja limpo, desobstruído. Estes dois requisitos aparecem no Evangelho do Cristo em nossa terminologia, como a mística e a ética.

O universo, no seu aspecto ativo, causante (*a natura naturans de Spinoza o Pai dos céus do Cristo*), é um imenso reservatório de substância *vital, mental e espiritual*. Cada canal finito canaliza aquilo ele que é capaz (N. do T.).

Sabendo que a mente é um instrumento, devemos saber também de quem ela é instrumento; porque todo instrumento deve ser conduzido e controlado por alguém. Infelizmente, a maior parte dos homens não descobriu ainda aquele *centro interior* capaz de dirigir eficazmente o intelecto humano. Adeptos das ciências mentais, quando tentam dominar a mente pela força da vontade ou pela modificação de pensamentos, chegam, geralmente, à experiência de que a mente humana não se deixa dominar pelo homem; e a disposição desses estudiosos acaba por ser pior no fim do que era no princípio, revelando-se em estados de esgotamento nervoso.

A mente humana é um instrumento de algo que está acima dela. Esse *algo* é o verdadeiro *Eu* do homem, a tua autêntica IDENTIDADE; se esse teu *Eu* interno guiar e controlar a tua mente, então encontrarás a paz, uma paz perfeita, que transcende o entendimento humano.

Certas fotografias de Tomás Edison nos dão idéia de uso correto da inteligência: esses retratos mostram o grande inventor, quase sempre, com a mão junto ao ouvido, em uma atitude de intensa auscultação. Os seus colaboradores sabiam contar numerosas estórias sobre isto; Edison lhes distribuía os trabalhos de pesquisa, e cada um elaborava aquilo de que era capaz – e, no fim, apelavam para a sabedoria do mestre. A mão do inventor ia imediatamente ao ouvido, Edison escutava uma voz inaudível – e depois dava as suas instruções para o próximo passo.

Nesta altura, quero frisar a diferença entre duas atitudes: uns tentam servir-se da mente como de uma *força creadora* – outros servem-se dela como de um simples *instrumento de percepção*. Se eu trabalhasse no plano puramente mental, dos pensamentos, fecharia os olhos e repetiria incessantemente a mim mesmo: “Teu corpo está sadio; teu corpo funciona normalmente; teu corpo reage a esta verdade, que me é consciente” – e, provavelmente, o resultado desse exercício mental seria um certo alívio benéfico do mal. Com efeito, nos primeiros tempos dessas terapias metafísicas houve uma onda de resultados admiráveis. Na realidade, porém, os curadores não haviam atingido a verdade plena, quando cuidavam que a mente pudesse curar o corpo humano, próprio ou alheio. Era uma das etapas intermediárias, certamente superior àquele outro estágio em que o homem considerava o corpo material como fonte e origem da vida.

Do ponto de vista da cura espiritual e da vida espiritual, o processo é bem diferente.

Das alturas desta perspectiva, é Deus a alma, a vida e lei única de todos os seres; a mente humana é o instrumento, e o corpo é a sua forma manifestativa externa. Quem trabalha neste plano e recebe o grito de socorro de um doente, *fecha os olhos e não pensa pensamento algum*. Não reflete o que o doente deva comer ou beber, ou como deveria ser a sua saúde. O curador espiritual senta-se tranquilamente, na consciência de que a sua mente é um vaso receptivo. Receptivo, para receber o quê? Para receber em si aquela “voz suave e silenciosa”, que se chama Deus, e que é a alma dentro do homem. Não discorre sobre coisa alguma; assume simplesmente uma atitude de auscultação. Então se fará ouvir aquela “voz suave e silenciosa” – e a terra degela!...

De dentro desse silêncio, em que tu te fizeste quase um vácuo – um vácuo auscultativo – sempre vigilante, nunca dormente, nunca fatigado, nunca hesitante, sempre consciente e ativo, na expectativa da visita do Cristo – de

dentro deste grande silêncio, de dentro deste infinito, que é Deus, das profundezas de tua alma, o Deus em ti, se fará ouvir uma voz ou surgirá um sentimento, uma vibração, uma libertação, uma certeza – indiferente o nome que lhe dês – e lá se foi a ilusão e nasceu a Verdade...

Não importa a natureza do problema, quer seja de caráter físico, mental, moral ou financeiro, ou se trate de harmonizar relações sociais – não faz diferença alguma; pois não é a tua sapiência que vai tratar do assunto. Tu não haures daquilo que aprendeste durante os anos da tua peregrinação terrestre. Manténs uma atitude completamente receptiva para Aquilo que te criou no princípio e que sabe da situação de cada indivíduo; e se *tu permitires* que esse Poder se manifeste, estarás lá onde deves estar, sob a jurisdição de teu Pai celeste, sob o domínio desse *Alguém*, que sabe das tuas necessidades, antes que tu mesmo as conheças; desse *Alguém* que se compraz em dar-te o reino...

Faze da tua mente um simples instrumento de percepção, em vez de investires com a tua cabeça contra a muralha de um problema aparentemente insolúvel, em vez de te preocupares com o pensamento qual seja o próximo passo a dar, amanhã, depois de amanhã – habitua-te a escutar, servindo-te da mente como de um canal para receber as águas vivas da Fonte. Permite que Deus encha a tua mente. Sê uma testemunha do espírito divino, que move, anima e penetra tanto a mente como o corpo.

Percebe, através da tua mente, a Verdade de Deus, e esta Verdade realizará a obra; não tu, nem os teus pensamentos. Não é a atividade da tua mente que libertará alguém; é a *atuação da Verdade* que, através do canal da tua mente, libertará alguém dos seus males.

Talvez já notaste que, quando um nadador tenta manter o corpo na superfície da água, quanto mais agita os membros mais vai afundando; o que ele deve fazer é manter-se em estado de calma relaxação, movendo vagarosamente pernas e braços e deslizando suavemente pela água. É esta a atitude do curador espiritual – uma calma e tranquila receptividade.

A cura pelo espírito é algo maravilhoso, quando se nos torna tão natural como o nadar ou como o respirar. Se não for isto, pode ser mais fatigante que o mais duro trabalho diário. O curador espiritual, quando está alicerçado na Verdade divina, mantém-se livremente suspenso em Deus e permite que o espírito de Deus flua através dele. Deixa jorrar a Verdade, e a Verdade o libertará, seja a ele mesmo, seja o seu paciente. Isto é obra da Verdade, nunca do homem.

É esta a atitude realmente humilde, que repousa no espírito: “Eu, de mim mesmo, nada posso fazer” – mesmo que o tentasse. Flutuando livremente na atmosfera da Verdade, será a obra realizada pela Verdade... Ao nadares, deixa que as águas suspendam o teu corpo – ao curares, deixa que o espírito de Deus realize a cura. Não tentes influenciar a Verdade com a tua mente. A

Verdade é infinita – o teu intelecto é finito. Não procures modificar a verdade infinita até que caiba dentro do recipiente da tua mente finita.

A inteligência e o corpo nos foram dados como instrumentos a nosso serviço. Não somos daqueles que negam a existência do corpo ou tentam libertar-se dele – assim como não tentamos extinguir a mente ou excluí-la da nossa Vida. O corpo nos foi dado para que pudéssemos entrar em contato com esse mundo material. O corpo, com seus órgãos e suas faculdades, é um instrumento a serviço do nosso Todo, admiravelmente sintonizado para esta tarefa. É um instrumento de Deus para manifestar a sua glória. O verdadeiro uso do corpo consiste em que o ponhamos a serviço de Deus e o deixemos guiar e controlar por Ele. E isto nos leva àquele estado de leveza em que “o império repousa sobre os ombros do Senhor”. Não há nenhum caminho capaz de promover, por meio de pensamentos ou preocupações, o processo da alimentação, digestão ou eliminação; a mente não nos foi dada para esse fim. A mente é um intermediário pelo qual percebemos a Verdade, e esta Verdade rege todo órgão e toda função do nosso corpo. A Verdade fortalece os nossos músculos. A Verdade nos dá a possibilidade de sabermos tudo que for necessário.

Toda e qualquer palavra da Verdade que o teu consciente receber se tornará uma parte integrante da tua mente e do teu corpo. Não és tu que dominas o teu corpo, não és tu que dás ordens à tua mente – mas é a atuação da Verdade em tua consciência, atuação essa que se serve naturalmente do teu intelecto, que o conserva puro e claro, ativo, vivo e harmonioso. E o intelecto, por sua vez, orienta o teu corpo, dá-lhe ordens e o domina. A atuação da Verdade funciona como estímulo que purifica tanto a mente como o corpo.

Há em ti um único *centro*, e neste centro se acha armazenado todo o teu patrimônio espiritual – imortalidade, eternidade, vida amor, lar, infinita plenitude. Este centro não se encontra em teu corpo, e é tempo perdido procurá-lo ali. Esse *centro* é o teu *consciente*, e esse consciente não está no teu corpo; o teu corpo está nesse consciente, que é ilimitado. E é por isto que podes, após pesquisas e exercícios, fechar os olhos e saborear a paz e achar-te dentro ou fora do teu corpo, ou onde quiseres estar; então serás capaz de haurir, de dentro do ilimitado tesouro da tua consciência tudo que houveres mister para a tua evolução, hoje, amanhã, até o fim do mundo e para além deles, através de toda a imensidade.

Muitos dos curadores metafísicos acham difícil a terapia de sofrimentos físicos por meios espirituais, porque lhes falta a compreensão da verdadeira natureza do corpo. Esta incompreensão nasce de uma idéia inexata da palavra “matéria”. Desde o início, andaram os adeptos da doutrina metafísica desorientados por esse conceito.

A maior parte dos que usam conscientemente o vocábulo “matéria” ignoram totalmente o seu verdadeiro sentido; ouviram que a matéria é irreal, uma simples ilusão dos sentidos, e que é inanimada; e, em se tratando da matéria do corpo, negam a realidade e a existência do corpo, procurando deste modo superá-lo e aboli-lo,

Como poderia a matéria ser irreal, se ela é indestrutível? A ciência provou que a matéria é uma substância indestrutível; ela pode, sim, mudar a sua forma e assumir outra, mas não pode ser aniquilada; ela pode ser dissolvida em moléculas ou átomos – e o que resta? Resta energia. A matéria não deixou de existir, em consequência desta redução ao seu constitutivo básico; mudou apenas de forma. Não há nenhuma possibilidade de aniquilar a matéria, porque ela é indestrutível.

Na realidade, a substância da matéria é espírito; *matéria é espírito tornado visível*; espírito tornado visível em forma de matéria.

A água, por exemplo, pode transformar-se em vapor; mas este processo nada destrói, e seu peso é conservado em qualquer forma. Um copo de vidro pode ser reduzido a pó de vidro e desaparecer da vista, mas os seus componentes continuam indestrutíveis, e no laboratório se pode provar que continuam a existir e que têm o seu peso.

Mas, perguntarás, se a matéria é indestrutível, como surgiu a crença de que ela seja irreal, mera ilusão dos sentidos?

A mais antiga crença de que a matéria seja irreal e que os objetos que vemos, ouvimos, tangemos, cheiramos e saboreamos sejam ilusórios, é atribuída a Gautama Siddhartha, mais tarde chamado o Buda (Iluminado). Sobre esta base, realizavam, ele e seus discípulos, curas maravilhosas. Os seus discípulos posteriores, porém, descompreenderam a palavra “Maya” ou “ilusão”, e a interpretaram como algo alheio ao seu próprio Ser, como algo externo. Quando, no século passado, o mundo recebeu pela primeira vez a doutrina metafísica, afirmaram seus adeptos que os nossos sentidos estavam sujeitos à ilusão. Em vez de afirmarem esta doutrina, começaram os assim chamados metafísicos a ensinar, infelizmente, que tudo que há no mundo é ilusão, inclusive o corpo. Mas este mundo não é uma ilusão – ilusão é a idéia que nós formamos do mundo⁵.

5. Esta distinção, que temos frisado em nossos livros, é importantíssima. Os sentidos não se iludem, porque nada afirmam nem negam, não estão no erro nem na verdade – simplesmente *percebem*, como os sentidos dos animais, nos quais não há verdade nem erro. Somente o intelecto, a mente, o juízo, é que afirmam ou negam, podem estar na verdade ou no erro. A verdade consiste na harmonia entre o nosso pensamento e a realidade, o erro está na desarmonia entre o nosso pensamento e a realidade. – Não se esqueça o leitor de que Goldsmith, neste livro, costuma usar a palavra “verdade” em vez de “realidade”. A realidade existe independentemente do nosso pensamento, ao passo que a verdade é a relação de

harmonia entre o nosso *pensar subjetivo* e o *ser objetivo*. Deus é a Realidade; se o meu pensamento afirma, harmoniza, sintoniza, coincide e fideliza com esta Realidade, então estou na verdade; do contrário, estou no erro (N. do T.).

A cura espiritual baseia-se na afirmação de que pecado, doença e morte não têm realidade em si mesmos, mas que consistem, somente na opinião ilusória da nossa parte. Entretanto, a matéria não é irreal, o nosso corpo não é irreal; este mundo não é irreal. Este mundo é belo, imortal, eterno. Este mundo não será jamais dissolvido em nada; mas os nossos conceitos sobre este mundo sofrerão modificação, bem como se modificará a idéia que temos do corpo. Todo adulto admitirá que ultrapassou a idéia do seu corpo de criança e aceitou a idéia do seu corpo de adolescente; e ultrapassou também o conceito sobre este, quando se desenvolveu em homem maduro. Na medida que progredir no caminho da compreensão espiritual aceitará uma idéia *espiritual* do corpo, mas não possuirá um corpo mais espiritual do que esse que já possui agora.

Provavelmente, haverá quem zombe dos metafísicos e dos místicos por causa do uso de palavras como “real” e “irreal”, “realidade” e “irrealidade”. Os metafísicos são, muitas vezes, ridicularizados por causa de expressões como “isto é irreal”. Dois carros colidem na estrada, e se desfazem em fragmentos; aparece o metafísico e afirma: “Isto é irreal; nada aconteceu; pura ilusão”. Poderemos levar a mal o mundo quando se ri de semelhante linguagem? O mundo não compreende o sentido da palavra “irreal” – e o pior é que nem o próprio metafísico, que tais palavras emprega, sabe o que elas querem dizer.

Em nossos livros sobre auto-realização entendemos por “real” ou “realidade” somente aquilo que é espiritual, eterno, imortal, infinito, Real, realidade somente é aquilo que é Deus. E, neste sentido, é evidente que não podemos ver, ouvir, tanger, cheirar ou saborear a realidade.

Por outro lado, os termos “irreal”, “irrealidade” se referem a tudo que não é permanente, *seja agradável ou desagradável à nossa percepção*.

E, neste particular, costuma o metafísico cometer o seu grande erro: quando vê uma pessoa sadia, ou alguém que considera como bom ou moral, diz, geralmente, desta situação que ela é real; mas, se encontra um doente ou um pecador, diz que isto é irreal. Entretanto, essa interpretação é inaceitável à luz de uma compreensão filosófica: Real é somente aquilo que é do Espírito, de Deus, da alma. Só a alma é capaz de perceber o real. O que não é perceptível pela faculdade interna da alma não é real. A isto se refere Jesus quando diz: “Vós tendes olhos, e não vedes; tendes ouvidos e não ouvis”.

Quando falamos de pecado e doença como sendo irreais, não queremos negar a sua existência objetiva. Enganamos a nós mesmos quando afirmamos que essas coisas não existem. Mas como, desde a nossa infância, nos foi impingido que o mundo material é real e que o nosso corpo material é real, para nós

também existem as doenças. Quando afirmamos que doença, pecado e morte são irreais não queremos com isto afirmar que estas coisas não existem; negamos apenas a sua existência como parte integrante de Deus e como pertencentes à Realidade divina⁶.

6. Vamos tentar dar maior clareza e precisão a estas idéias básicas da auto-realização e da logoterapia. Tudo que é Deus e vem de Deus é *real*, *Teo-real*. Mas o que não é Deus nem vem de Deus, embora não seja Teo-real, é contudo *realizado*, porque *ego-realizado*. O ego humano é um *demiurgo*, como diziam os antigos gnósticos, isto é, um “criador subalterno”, um “semi-criador” (tradução da palavra grega *demi* (meio) e *urgo* derivado de *ergon*, obra). O ego humano é um criador negativo, separatista. Ele é o “príncipe deste mundo”, o “poder das trevas”, na linguagem do divino Mestre. Este mundo da matéria, este mundo das trevas, é ego-realizado, mas não é Teo-real; não é criação de Deus, mas é criação do ego, e, enquanto ego-criado, é relativamente real, e atua sobre o ego como se fosse absoluta e plenamente real (N. do T.).

No âmbito do real, no reino de Deus, as desarmonias que os sentidos percebem não têm existência, realidade. Mas isto não elimina o fato de que temos de sofrer sob o impacto dessas desarmonias; a sua irrealidade e inexistência, da parte da realidade divina, não diminui nem elimina as nossas dores, as nossas necessidades, as nossas deficiências, porque, em virtude da nossa percepção sensorial, sofremos com esses fenômenos.

No princípio de toda a sabedoria está o conhecimento de que estas coisas não necessitam de existir. A libertação destas desarmonias não é alcançada pelo fato de recorrermos a Deus por socorro, mas sim pelo fato de descobrirmos o Deus verdadeiro, de subirmos até aquelas alturas da vida onde há somente Deus: Não há tal coisa como libertação *de* desarmonias, libertação *de* pecados, libertação *de* desejos impuros; não há libertação *de* pobreza – há somente liberdade, a liberdade *em* Deus, a liberdade *no* espírito, o *Deus-Liberdade*.

Quem descobre o Deus-Liberdade não necessita de libertar-se de coisa alguma, porque na Liberdade não há escravidão.

Se te encheres plenamente com o Espírito, verás que a Lei espiritual te encherá com todas as coisas de que necessitas. E assim se realiza também a cura do corpo; não porque Deus pense em palavras ou conceitos de um corpo doente – nem sequer de um corpo fisicamente sadio – mas porque tu, superando o conceito do material pela realização do espiritual, a tua consciência se transformou e realizou harmonia, em uma linguagem e em uma forma que te são compreensíveis.

Não usemos jamais expressões como estas: “É irreal – não é verdade – não aconteceu”, antes de compreendermos que aquilo de que falamos só é irreal, não-verdadeiro, inexistente na zona do *Reino Espiritual*. Somente à luz desta compreensão, podemos afirmar que doença, pecado, pobreza, deficiência, são irreais e não participam da verdadeira Realidade⁷.

7. Victor Frankl chama o verdadeiro *Teo-real* a Realidade, e o *ego-realizado* a facticidade. O adjetivo de *factum* (fato) é fictício, o que insinua filologicamente que o *factum* ou a facticidade é *fictícia*, ilusória (N. do T.).

O divino Mestre via a irrealidade do poder, do poder maligno, quando respondeu à ameaça de Pilatos “Não sabes que eu tenho o poder de crucificar-te, e o poder de soltar-te?”, com as palavras “Não terias poder algum se não te fora dado do alto”. Jesus admitia o poder temporal de Pilatos; mas, em virtude da sua consciência crística, que vivia na Realidade, sabia também que nenhum poder temporal tinha poder sobre a sua consciência espiritual. Do mesmo modo curou a orelha do soldado decepada por Pedro, e não opôs resistência à violência física; também na cruz proferiu as palavras “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”. Ele enxergava para além desses atos humanos e sabia que não eram reais, isto é, que não participavam da Realidade permanente, eterna, imortal. Foi também em virtude dessa faculdade de discriminação espiritual que ele foi capaz de sair vivo do sepulcro. À luz da sua consciência espiritual, não havia poder algum na crucificação.

Esta mesma consciência espiritual, iluminada – essa mesma consciência crística – está presente, aqui e agora, através dos séculos e milênios. E é esta mesma consciência crística que dá aos curadores espirituais dos nossos dias a possibilidade de curar doentes e libertar os pecadores; é a convicção de que as formas do mal são irreais, não-participantes da harmonia do reino de Deus, e que essas formas do mal são inconsistentes em face da permanente realidade de Deus. Homem! Cultua a Deus, na firme convicção de que o Reino Espiritual é íntegro e invulnerável, e que nenhuma doença, nenhum pecado, nenhuma pobreza, nenhuma deficiência fazem parte do Reino de Deus; que em nada há substância permanente, que em nenhum desses males reside uma lei, uma legalidade real e duradoura.

Depois de firmarmos esta convicção em nosso interior, passemos a considerar mais algumas expressões usadas no mistério da terapia espiritual.

Por via de regra, não falamos de uma enfermidade como sendo doença, mas sim um aspecto, uma aparência. Assim, por exemplo, designamos a tuberculose, o câncer, a paralisia, como aspectos ou fenômenos. Perguntará o leitor se faz alguma diferença usar esta ou aquela palavra. Faz, sim, uma vez que a terapia espiritual representa a atuação da consciência, e enquanto as sutis particularidades do processo curativo não estiverem claramente apreendidas, não pode a verdade exercer a sua atuação no consciente do curador, produzindo a cura.

Tomemos um exemplo. Alguém viaja pelo deserto. De repente, como acontece não raro, vê o caminho todo coberto de água. Automaticamente pára o carro; pois não pode atravessar um lago de automóvel. Provavelmente, o primeiro

pensamento será este: “E agora, que fazer? Como atravessar a água? Como remover da estrada essa água?”

O viajante olha em derredor, mas não há possibilidade de socorro. Olha novamente para a estrada, mais atentamente – e verifica que não existe água nenhuma. O que ele vira era uma dessas miragens do deserto, uma fantástica fada-morgana, reflexo aéreo de algum lago longínquo. Sorrindo da sua ilusão, põe em movimento o carro e prossegue viagem. Enquanto o Homem via água no caminho, esperava inutilmente que a água fosse removida; mas, no momento em que reconhece que o fenômeno não passa de uma simples ilusão, nada mais o impede de prosseguir.

É exatamente isto que se dá no campo da cura espiritual. Enquanto nos ocupamos com câncer, tuberculose, paralisia, tumor, resfriado, gripe, etc., estamos em um beco sem saída. Que fazer contra esses males? Como libertar-nos deles? Será que temos o poder de os eliminar? Ou haverá algum Deus que os possa remover? Milhares de orações sobem a Deus, pedindo-lhe que cure os nossos males, que modifique as circunstâncias ingratas – mas é inútil... Deste modo nada acontecerá...

Mas, então, o que fazer?

Enquanto a doença permanecer em nossa consciência como doença, nada poderá ser feito contra ela. Mas, se uma consciência mais iluminada nos fizer ver que não se trata de uma doença, mas sim duma ilusão ou miragem criada por nós, então foi dado o primeiro passo para a cura. Na realidade, é fácil o processo curativo, seja qual for a doença, contanto que o mal, doença ou pecado seja reconhecido na consciência como inexistente no plano da realidade divina, mas apenas existente no plano do nosso ego humano⁸.

8. Tornamos a frisar, para efeito de maior clareza, que os males, embora não existam realmente no plano da criação divina, existem contudo no plano da nossa criação humana; porquanto o nosso ego-consciente tem a força de criar “fantasmas”; e, depois de creados os fantasmas do mal, o ego crê firmemente na realidade das suas criações – e vira o feitiço contra o feiticeiro! As criações fantásticas do nosso ego atuam, depois, como tiranos desse mesmo ego. Não adianta lutar contra esses fantasmas – é necessário *des-criar* o que foi *creado*. Quem confunde o *Teo-real* com o *ego-realizado*; nunca sairá do seu círculo vicioso de males *ego-creados* e *ego-temidos*. Não se trata de destruir esse pseudo-objetos – é necessário retificar o próprio sujeito que projetou ao espaço essas miragens do deserto (N. do T).

Enquanto uma doença for realidade para ti, enquanto crês que a febre tem de seguir o seu curso, enquanto tentas reduzi-la com certos expedientes, enquanto tentas reprimir um tumor, enquanto acreditas que uma doença deva necessariamente percorrer este ou aquele processo – estás fora da terapia espiritual, embora a tua mente esteja desempenhando o seu papel.

Cura espiritual total consiste em não reconhecer a realidade de uma situação negativa. Eu, tu, ou outro homem qualquer que queira curar pelo espírito, deve

criar em si um estado de consciência em que Deus e as obras de Deus – o Verbo de Deus, o Universo de Deus, o Homem de Deus – sejam tão intensamente reais que nenhum contrário, nenhum negativo, nenhum mal, nenhuma doença, possam coexistir com esse Deus do Universo ou esse Universo de Deus.

A eficiência do processo curativo baseia-se, sobretudo, na realidade de Deus e na *realidade* da sua criação – quer ela se manifeste como homem, como corpo ou como Universo: e, em segundo lugar, se baseia no reconhecimento da *não-realidade* de tudo aquilo que nos aparece em forma de doentes ou pecadores, de enfermidades ou de circunstâncias indesejáveis.

Importa que compreendamos o sentido correto das expressões “real” e “irreal” – a sua significação em sentido espiritual. Com outras palavras: tudo que podemos perceber com os sentidos físicos não passa de uma ilusória miragem no deserto, porque a mente, servindo-se desse material dos sentidos, o interpreta erradamente. Discernindo essa miragem a doença cede lugar a saúde. Mais ainda, quando o homem começa a compreender espiritualmente, todas as coisas que o cercam – flores, nuvens, estrelas, o nascer e o pôr-do-sol – tudo começa a aparecer de modo diferente, ultrapassando a capacidade da mente humana. Para além do invólucro visível destas coisas se revela algo mais, algo que nem os sentidos percebem nem a mente concebe. Quando percebemos as coisas pelo poder espiritual, descobrimos o homem verdadeiro, assim como Deus o criou, segundo a sua imagem e semelhança – e é precisamente esta faculdade, de conhecer a realidade, que realiza a cura pelo espírito⁹.

9. Nestas últimas palavras focaliza o autor o âmago e a quintessência de todo o processo de cura espiritual – que é, aliás, idêntico ao processo da própria auto-realização, de que tratamos na maior parte dos nossos livros. É indispensável que o homem se acostume a ultrapassar a sua habitual consciência físico-mental-emocional, que constitui o seu pequeno ego humano, e entre na zona da consciência cósmica do seu grande Eu divino. Na zona do seu ego, o homem verá apenas os invólucros periféricos das coisas; na zona do seu Eu descobrirá o conteúdo central de todas as coisas.

A fim de descobrir o seu Eu divino, deve o homem isolar-se, de tempos a tempos, a sós com Deus e sua alma, em profunda meditação e contemplação. Depois de se firmar definitivamente nessa consciência cósmica, poderá voltar ao meio do mundo físico-emocional do ego, ficando, porém, espiritualmente em permanente contato com o mundo do seu Eu divino, permeando todas as zonas do seu ego humano com a luz e força do seu Eu divino.

Todos os grandes iluminados da história da humanidade – Moisés, Elias, João Batista, Paulo de Tarso, Jesus, o Cristo, Francisco de Assis, Mahatma Gandhi, etc. – passavam longos períodos nessa solidão auscultativa, não para fugirem do mundo, mas para colher luz e força e assim poderem transformar o mundo material com a sua experiência espiritual. A civilização moderna tornou difícil ao homem encontrar lugar apropriado para esse isolamento temporário. Ultimamente, construímos diversos *ashrams* (lugares de retiro espiritual) a fim de possibilitar ao homem de hoje esse encontro consigo mesmo (N. do T.).

Qual era o teu impedimento?

Quando crianças, tínhamos um certo jogo: traçávamos, com giz, diversos quadrados na calçada; o parceiro nos tocava para dentro de um desses quadradinhos de giz, e dele não podia sair o prisioneiro enquanto não pagasse determinado preço de resgate. Por que não podia o preso sair da sua prisão? Quem o prendia lá dentro? Um traço branco de giz, e nada mais. Mas as regras do jogo o obrigavam a se julgar preso – e por isso estava preso.

Isto é divertido, enquanto não passa de simples jogo.

Mas seria trágico se as outras crianças fossem para casa, e o preso se julgasse impossibilitado de sair do seu cárcere, por causa daquele traço de giz. Para se libertar, bastaria cruzar o traço.

O divino Mestre, no tempo da sua peregrinação terrestre, encontrou numerosos homens que estavam presos por um simples traço de giz; lá estavam os aleijados, os doentes de toda a espécie, à beira das estradas, à entrada do templo; Jesus os olhava e dizia; “Queres ser curado?... levanta-te, tome o teu leito e vai para casa!” E eles se levantavam e andavam. Nada os impedia de andarem; tinham apenas obedecido a uma certa regra da vida humana, que estabelece que, em certas circunstâncias ou com certa idade, deve o homem ficar doente – e eles haviam aceitado essa regra como obrigatória. Jesus via o traço de giz que os prendia – e eles, certos de que nada os prendia, levantavam-se e iam embora. A Lázaro disse ele: “Lázaro, vem para fora” – e Lázaro veio para fora. Que é que o impedia? As regras do jogo da vida humana.

E, destarte, continuarão os homens a sofrer, até que apareça alguém e veja que as leis do pecado, da doença, da pobreza, são apenas traços de giz; e lhes diga, em virtude da sua visão espiritual: “Qual era o teu impedimento?”

Disse o divino Mestre que todos nós devíamos tornar-nos como crianças a fim de podermos abraçar a verdade. Muitas vezes, a razão para curas retardadas é a incapacidade do curador de ser assaz infantil para enxergar uma simples linha de giz, onde outros vêem indícios de morte ou estatuem certo período para o término da doença.

E, quando se trata de um mal incurável, os homens enxergam três traços de giz, em vez de um só, e estão mais firmemente presos no seu cárcere do que nunca. Imaginem, um “mal incurável”! Que coisa pior poderia haver?

Entretanto, é fato que a cura espiritual tem, muitas vezes, mais resultado com esses “males incuráveis” do que com os “males curáveis”. A razão é esta: quando o médico desengana o doente, e diz que fez tudo que pôde, e nada conseguiu – então o paciente perde a esperança nos recursos da medicina, e esta falta de esperança o torna mais receptivo para os impulsos espirituais.

Somente os traços brancos de giz – tempo, diagnóstico, sintomas e outros indícios – te podem fazer crer que és um prisioneiro de doença e culpa. A única coisa necessária para a tua libertação é saltares por cima do traço de giz. E por que não? Que é que te impede? Uma crença? Uma teoria? No momento em que vejas nisto uma simples crença, uma simples teoria, apagam-se os traços brancos do teu cárcere – e estás livre.

Quando Pedro estava preso no cárcere, havia três ferrolhos que o fechavam na prisão, e era aparentemente impossível abrir caminho para a liberdade. Então apareceu o anjo do Senhor – e deu-se o prodígio! Pedro estava do lado de fora, mas os ferrolhos e outras fechaduras estavam ainda no mesmo lugar onde se achavam antes...

O profeta Ezequiel, em face da prepotência inimiga, bradou a seu povo, no momento da luta: “Eles confiam em braços de carne – nós, porém, confiamos em Deus nosso Senhor, que nos empara na luta!” Tens algum problema de caráter físico, espiritual, moral ou econômico? Dize a ti mesmo: “Isto é apenas um braço de carne, que tenta convencer-me de que nele resida um poder – mas esse poder não existe em um braço carnal”.

Faze a soma de todos os erros – pecado, doença, infecção, contágio, morte, pobreza, limitações, tempo, clima – e liberta-te de todos de uma vez, considerando-os todos como um “braço carnal”, que não vale a pena combater. Só então poderás começar a curar, antes não. Aproximar-te-ás do reino de Deus quando Deus se tornar para ti Tudo-em-Tudo e se cada problema da tua vida te parecer um “braço carnal”, um traço de giz no chão, nenhum impedimento real, um simples Nada – porque chegaste à experiência de que a natureza de Deus é *realidade infinita, onipresente, onisciente, inesgotável sabedoria e amor*.

É muito interessante entender isto intelectualmente; fazer viver isto em pensamentos é muito divertido. Mas eis que, um dia, defrontamos com algo que nos diz, face a face: “Eu sou um aleijado... Eu sou um mendigo... Eu sou gripe... Eu sou câncer, tuberculose, desemprego, pobreza, deficiência... “E um tremor nos percorre o corpo todo. E verificamos que só vivíamos em palavras, e nada sabíamos da experiência da realidade. Temos de enfrentar o inimigo com atos reais. Encara-o bem de frente, para verificar se, porventura, não se trata de um traço de giz, ou de um “braço carnal”; e, sabendo isto, chegarás à inabalável convicção: “Eu, o Deus em mim, é Tudo-em-Tudo; tu, lá fora, não és nada senão um traço branco de giz, um pobre ‘braço carnal’...”

Imaginemos um terrível pesadelo. Sonhamos estar nadando no mar. Afastamo-nos demais do litoral, perdemos de vista a praia. Começamos a ir a pique. Gritamos por socorro com todas as nossas forças, mas ninguém nos ouve. E, quanto mais lutamos com as ondas, mais nos afundamos. Só nos resta perecermos afogados. Mas eis que de repente o nadador agonizante se sente empolgado por mão vigorosa que o sacode. E dá-se o grande prodígio... Desaparece o mar... cessa a luta... O agonizante acorda – e está deitado comodamente em sua cama, lá em casa!... A única coisa que foi necessária para se libertar da luta e da morte foi apenas isto – acordar...

É esta a quintessência da cura pelo espírito – *acordar!* Seja qual for a tua luta – contra doença, contra pobreza, contra desemprego, contra tristeza, contra pecado – deixa de lutar e acorda! Torna-te consciente da tua verdadeira unidade com o Infinito. Não és nenhum nadador em vasto mar; não és vítima de culpa e doença; tu és a consciência do Cristo, tu és um filho de Deus; o erro contra o qual lutas é precisamente este que perpetua a luta.

Não há motivo algum para lutar. Relaxa, desentesa os teus nervos e compreende que não há nada em todo o Universo senão Deus somente, esse Deus que se manifesta na forma de um tu, na forma de um eu; o Eu divino, uno e indivisível, aparece individualizado em ti, em mim. “Vós sois deuses”... O teu destino é harmonia divina; é o destino de todo homem individual, sadio ou doente, santo ou pecador. O supremo destino de cada um de nós é a harmonia divina – *quando acordados*. “Saturar-me-ei com tua imagem, quando acordar.”

Quando o homem começa a compreender o sentido desse acordar, então percebe que as ilusões deste mundo – pecado e doenças, limitações e deficiências – não são coisas realmente existentes no mundo de Deus, mas tão-somente miragens e idéias creadas pela mente humana. Esta circunstância, de serem apenas criações nossas, não torna esses males menos dolorosos e ingratos, mas agora existe a possibilidade de nos libertarmos deles. O que foi creado por nós pode ser por nós abolido. A cura pelo espírito é impossível enquanto mantivermos a convicção de que os males sejam realidades existentes no mundo de Deus. Conhecer o seu verdadeiro caráter é ser curado desses males.

Quem se ocupou com a doutrina metafísica teve de aprender que a natureza do pecado e das doenças é pura ilusão, é “mente mortal” é um “nada”. Mas para a maior parte dos estudiosos dessa doutrina, a ilusão, a mente mortal, o nada, continua a ser algo que deva ser curado, algo de que o homem se deva libertar, uma vez que reconhecemos esse algo como inexistente, quando sabemos que o fantasma acorçado em um canto não existe lá fora, mas apenas em nossa mente, seria ridículo exigir de nós que expulsássemos o fantasma¹.

1. Spinoza diria: “Eu sou escravo de tudo que ignoro, e senhor de tudo que sei”, parafraseando as palavras do divino Mestre: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. A ignorância nos escraviza, a sapiência nos liberta (N. do T.).

Uma vez sabendo que aquilo que Jesus chamava “este mundo, isto é, a concepção material do mundo, é na realidade pura ilusão, então também compreendemos porque o Mestre podia afirmar “eu venci o mundo”. Venceu o mundo pelo conhecimento de que este mundo é uma miragem criada pela nossa mente. E, se nós quisermos vencer este mundo, só o poderemos fazer do mesmo modo: pela vitória da verdade sobre o erro, pelo triunfo da realidade sobre a ilusão. Não são os sentidos que se iludem, mas a nossa mente, que constrói juízos errôneos sobre aquilo que os sentidos nos apresentam.

Todas as desarmonias que há neste mundo são o produto da mente falaz.

Este estado de percepção imperfeita da realidade e do eterno, não raro, é designado nos livros de auto-realização, como *estado hipnótico*. Qualquer pessoa que tenha observado como a massa ou uma nação reage à propaganda ou publicidade, sabe como funciona a hipnose das massas, quando as respectivas cobaias se sentem sob a pressão e coação desses fatores. Nesses casos, não há nenhum hipnotizador individual, como não existe uma determinada cobaia visada pela propaganda, mas o efeito não deixa de ser hipnótico, supondo que haja alguém que possua suficiente receptividade sugestiva, devido à falta de vontade própria. As vítimas desse impacto nada têm que ver com os processos da propaganda, o que não impede de caírem vítimas da hipnose coletiva. O indivíduo humano aparece no mundo já hipnotizado até certo ponto, porque o simples fato de nascer entre homens o predispõe ao impacto hipnótico, uma vez que todas as pessoas do seu meio consideram o mundo material como realmente existente – e assim sucumbe também ele a essa fascinação universal. É esse ambiente coletivo da humanidade que atua sobre uns como doença, sobre outros como concupiscência, sobre outros como pobreza ou como outro mal. É a essa hipnotização universal que o indivíduo sucumbe, em virtude da sua receptividade, que já lhe vem do seio materno.

A consequência dessa sugestividade se revela, depois, pelo fato de aceitarmos os males desta vida – doenças, morte, limitações, deficiências, desemprego, inflação, guerras, acidentes, etc. – como coisas inevitáveis.

Ponhamos o machado à raiz da árvore, e não percamos o tempo em lhe cortar apenas uns galhos! Não tentemos curar aqui um pedacinho de carne, e medicar acolá um fragmento dos nossos desejos desregrados. Compreendamos que a terapia espiritual não está interessada em curar uma pessoa ou um estado mórbido particular – ela se vê em face de uma hipnose coletiva².

2. Estas últimas palavras do autor revelam uma grande tragicidade, que a Bíblia exprime com as palavras: “O mundo está posto no maligno”, Jesus se refere repetidas vezes ao “príncipe deste mundo”, ao “poder das trevas”. E o próprio tentador, no deserto, afirma que este mundo é dele: “Eu te darei todos os reinos deste mundo, porque são meus”. Paulo de Tarso previne os cristãos de que a nossa pior luta não é “contra carne e sangue, mas contra as invisíveis potestades das alturas”. Na véspera da sua morte, diz Jesus a seus inimigos: “Esta é a vossa hora e o poder das trevas”. Tudo isto confirma o que Goldsmith frisa sem cessar: que este mundo do ego é contagiado por uma mentalidade luciférica, anticristica, que cada homem tem de superar e suplantar, pelo menos parcialmente, pela transição do seu ego luciférico para o seu Eu crístico. Isto quer dizer “vencer o mundo”, “renascer pelo espírito” (N. do T).

Ultimamente, se tornou popular a expressão “percepção subliminar”. Verificou-se que muitos homens reagem a influências que lhes são totalmente inconscientes. Assim, por exemplo, foi projetado na tela de um cinema um convite aos assistentes para comprarem pipocas e coca-cola, no intervalo da exibição, mas com tanta velocidade que ninguém pôde perceber coisa alguma na tela. Embora invisível aos olhos, esse convite produziu efeito inesperado no subconsciente, tanto assim que, logo depois, uma grande multidão foi adquirir pipocas e coca-cola, que talvez nem apetecessem na zona do seu consciente. Nenhum convite lhes fora feito conscientemente; de nenhum reclamo tinham eles noção; não obedeceram a nenhum convite conhecido – agiram em consequência de uma sugestão de que nada sabiam. Se esse convite lhes fosse feito na zona do seu consciente, poderiam ter resolvido pró ou contra, se iam ou não iam comprar essas coisas; mas agiram como autômatos inconscientes.

Uma vez conhecido o modo como opera esse hipnotismo, sabemos porque todo homem cai vítima dos males deste mundo, até que compreenda a natureza desses erros. Aquele público no cinema poderia, da mesma forma, ser sugestionado inconscientemente “Tens um resfriado”, ou “Estás com câncer”, ou “Estás com medo” – eles seriam afetados por esses males. Sabemos que tal coisa acontece; por vezes nos sentimos tomados de temores e angústias, sem saber como nem por quê. Se tivéssemos lido as manchetes dos jornais ou escutado o rádio, provavelmente teríamos sabido da ocorrência de uma catástrofe. A nossa angústia era o reflexo de uma hipnose coletiva. A fonte não éramos nós, mas sim a massa, era aquele estado universal que se transferiu de pessoas a pessoas, de lugar a lugar, de situação a situação – até nos empolgar e fazer-nos vítima do ambiente geral.

Esta nossa idéia diferencia-se totalmente da doutrina que subjaz geralmente às tradicionais curas espirituais, tanto à moderna organização da ciência mental, como também à psicologia e psiquiatria, que partem, todas elas, da tese de que no consciente do homem se aninhou algum erro; se fosse possível erradicar esse erro pessoal, seguir-se-ia a cura – de câncer, tuberculose, artrite, ou outro mal, seja ele qual for – porque todos esses males são atribuídos a uma disposição negativa do próprio doente. Muitos curadores perscrutam a mente humana a fim de “desmascararem o erro” e mostrar ao

paciente que suas dificuldades provêm dos seus ciúmes, da sua sensualidade, da sua ganância, da sua malícia ou do seu ódio. Parece que muitos problemas, de fato, nascem dessas disposições negativas. Mas, no plano da vida humana, enquanto alguém vive neste mundo, todo homem participa necessariamente da consciência do mundo, aceitando, ingênua e inconscientemente, o modo de pensar e agir dessa consciência geral.

Provavelmente, já te disseram que não terias estas ou aquelas dificuldades se tivesses sido um pouco mais atencioso para com fulano ou sicrano, se tivesses sido mais liberal ou mais agradecido para com os teus parentes; que, se quiseses ser curado, importa que sejas conciliador, amigável, bondoso, paciente ou generoso para com os outros. Isto é psicologia, é ciência mental, segundo as quais a enfermidade corporal ou mental é atribuída geralmente a uma causa psíquica.

Além disto, costumam os curadores mentais focalizar o paciente. Por vezes, o nome do doente e a espécie da doença são mencionados. “Maria Isabel de Tal, tu és filha de Deus; tu estás de perfeita saúde; tu és espiritual, tu o sabes, Maria Isabel de Tal; tu és isto, tu és aquilo”. É este o modo como se processa a cura de um doente, embora a verdade seja esta, que Maria Isabel, essa criatura humana, não é nada de tudo isto. Tudo quanto esse praticante de cura mental sabe de Deus e da sua imagem e semelhança é projetado para dentro de Maria Isabel, como se ela fosse tudo isto. Martelando para dentro dela estas coisas, e afirmando-lhe que ela já é espiritual e perfeita, espera o curador da ciência mental realizar nela a sua mentalização.

A verdadeira cura pelo espírito é totalmente diversa de todos esses processos. Na cura espiritual, como é ensinada pelo caminho da auto-realização, não há nenhuma causa psíquica nem mental, quer dizer, não existe nenhuma causa mental *individual* para uma doença física. É certo que há causas mentais que têm consequências materiais, mas essas causas não estão contidas pessoalmente no homem individual; *trata-se antes de um hipnotismo universal que atua sobre a consciência humana; trata-se de uma crença geral na existência de uma eguidade separada de Deus, e essa crença atua hipnoticamente.*

No ambiente dessa hipnose coletiva, seja qual for a doença em questão, não é o doente o responsável, tampouco é ele responsável pela “falsa ideologia” da humanidade, que atuou como preliminar da enfermidade. Não sejamos tão “metafísicos” ao ponto de pensar que fulano contraiu a sua doença pelo fato de ter alimentado pensamentos errados – ele, ou talvez sua avó. Não sucumbamos a semelhantes conversas! Por esses pensamentos errôneos é ele tão pouco responsável como pelas chamadas consequências dos mesmos, porque em ambos os casos é ele apenas vítima de uma crença universal, de

uma hipnose coletiva, que ele aceitou, e que também nós, tu e eu, temos aceitado.

Com outras palavras: se tu és ciumento ou invejoso ou desonesto, não é esta a tua culpa, e, além disto, nunca te libertarás desses erros enquanto não aparecer alguém e te mostrar, ou enquanto tu mesmo, pela experiência própria, não te tornares consciente como libertar-te desses erros. Não poderás corrigi-los, tentando ser apenas um homem melhor, ou pelo fato de resolveres “Eu deixarei de ser ciumento”, ou “A partir de hoje, deixarei de ser desonesto”. Deste modo nada conseguirás; através de gerações e gerações foi feita esta tentativa, e sem resultado – e daqui por diante será o mesmo insucesso³.

3. Palavras como estas suscitarão protesto da parte dos moralistas, e psicólogos. Entretanto, quando devidamente compreendidas, são verdadeiras. Não adianta “pôr remendo novo em roupa velha”, deitar vinho novo em odres velhos” – é necessário “despojar-se do homem velho e revestir-se do homem novo”, tornar-se, de alto a baixo, totalmente, “nova creatura em Cristo”. Nenhuma espécie de moral, por mais recomendável modificará essencialmente o homem; somente a mística, atingirá a raiz do mal; naturalmente, a mística que transborda em ética; mas a moral, meramente horizontal, ego-consciente, é um círculo vicioso, que deixará o homem no *status quo* das suas misérias, corporais e morais. Quase todas as nossas igrejas se contentam com a *moral dos atos*, somente alguns místicos compreendem a *mística da atitude*. O SER é mil vezes mais importante que todo o FAZER. Nada de *continuísmos*; o que resolve é um novo *início* (N. do T.).

Mais do que isto é necessário. Algo tem de achar entrada no teu consciente, algo que te liberte de um falso pensar e que torne impossível esse falso pensar em toda a tua vida. O primeiro passo para esta decisiva metamorfose está no seguinte: *Cessa de te condenares a ti mesmo!* Cessa de repreender-te por causa dos teus pecados e erros! Nada conseguirás condenando-te a ti ou a teus semelhantes. Acaba com essa autocondenação e compreende que marcarás passo no plano negativo, de ordem mental ou material na medida em que aceitares e fizeres atuar sobre ti crenças que te foram impingidas pelo mundo.

Começa a compreender que a natureza do teu ser é Deus, que a essência de tua alma é a essência de Deus, e que a natureza do teu corpo é a do templo de Deus. Sim, o teu corpo é o santuário do Deus vivo; cessa de condená-lo, de odiá-lo ou de temê-lo. Compreende que a tua mente é um instrumento através do qual pode fluir Deus, a Verdade. Não condenes a tua inteligência, dizendo que é imperfeita ou mortal ou má. Tal inteligência não existe no mundo de Deus; existe uma mente só, e essa mente é instrumento de Deus. Se desistires dessa incessante mania condenatória, verás que a tua mente é um espelho límpido para refletir tua alma.

Quem lida com animais ou com crianças sabe que, por meio de censuras e punições, não se consegue despertar neles o que neles há de bom; não adianta mostrar-lhes quanto são maus e malcriados. Para despertar o bom

que há em uma criança, em um animal, em uma flor, ou em outro ser vivo qualquer, deve-se amá-lo, abençoá-lo, e reconhecer que o próprio Deus é o fundamento do ser e da natureza deles.

Se alguém solicita a tua ajuda, não te arvora em juiz sobre ele, não o critiques, não o censures; não procures descobrir os seus pecados de comissão ou de omissão; porque, mesmo que eles existissem, seriam apenas consequências de outra coisa. Não são causas. Por detrás de cada erro e cada culpa há uma causa, mas essa causa nunca é pessoal – a causa é uma hipnose universal.

Isto faz compreender porque há doentes e culpados, como se desenvolvem desejos e concupiscências, porque há homens fracos que se embriagam, e homens assaz tresloucados para dirigirem loucamente o seu carro. Não é porque eles mesmos queiram ser assim. Essa hipnose coletiva subjuga os homens, sem que eles tenham disto consciência, e atua sobre eles de tal modo que milhares sofrem resfriados quando o mundo afirma que está chovendo lá fora⁴.

4. O leitor inteligente compreenderá que, com isto, Goldsmith não nega o livre-arbítrio e a responsabilidade individual do homem (N. do T.).

O curador espiritual, porém, nada tem que ver com resfriados, câncer, tuberculose ou paralisia infantil; nem se interessa por influências intra-uterinas, por sintomas de períodos de transição ou de velhice; o curador enfrenta um fenômeno de falsa interpretação da realidade – hipnose, sugestão, crenças universalmente obrigatórias. Estas coisas, porém, não possuem realidade intrínseca, nem identidade. Hipnose é algo que produz uma imagem mental; mas essa imagem não tem substância, nem tem força de lei, não tem fundamento real; no momento em que a hipnose cessa dissipa-se a imagem.

Procuremos agora compreender como se desenrola esse processo. Fecha os olhos. Visualiza, em pensamentos, uma rua, uma rua qualquer, uma rua tua conhecida. Contemplas as casas, casas de todos os feitios; casas de tijolos, de pedra, de madeira. Diante das casas há gramados; diante de uma há um canteiro de rosas; diante de outra, florescem zínias e cravos. Crianças estão brincando, e pela rua passa, de vez em quando, um automóvel. De repente, uma das crianças tenta cruzar a rua, diante de um carro em plena corrida; ouves o ranger dos freios, percebes o grito da criança.

Neste momento toca a campainha de entrada da casa, ou o telefone – e tu acordas. Abres os olhos – e lá se foi o sonho! Onde estão as casas? Onde estão as crianças? Que é do acidente? Tudo desapareceu, porque nunca existiu; pois um sonho não pode produzir casas, crianças, acidentes. A substância de um sonho só pode criar imagens sem substâncias. O mesmo se dá com a hipnose. Um hipnotizador pode fazer com que vejas no teu quarto

uma dúzia de burros a dançar – mas nenhum deles estará lá realmente. Suposto que estejas tão hipnotizado que tenhas a certeza de ver esses burros na realidade; que deverias fazer para libertar-te deles? Despertar da hipnose, e nada mais.

Na cura pelo espírito, não importa que o curado se chame Fulano, Sicrano ou Beltrano; nem importa que se trate de câncer, tuberculose ou paralisia: quer se trate de desemprego, de inflação ou de desavenças domésticas – não sucumbas à tentação de focalizar pessoas ou situações, em teu tratamento. Não prestes atenção a essas substâncias insubstanciais, que poderás chamar como quiseses – mente mortal, hipnose, sugestão, etc. Pode ser tudo e qualquer coisa *contanto que tu tenhas a consciência de que não significa nada* – que é sem substância, sem força de lei, sem fundamento real.

Quando compreendemos que, na terapia espiritual, não se trata de pessoas como pessoas; quando as podemos eliminar dos nossos pensamentos com todas as suas necessidades peculiares, sabendo que tudo isto é mente mortal, braço de carne, um nada – então não tardaremos a sentir uma presença espiritual. Esta presença não será sentida enquanto não estivermos livres da barreira – e esta barreira é a crença em dois poderes, a barreira é a crença em algo separado de Deus.

Quem quiser, pode usar a palavra “tentação”, em vez de hipnose. Quem se sente doente, pode considerar isto como uma tentação, que pode ser aceita ou rejeitada.

A mente mortal não é a antítese do espírito divino; e ninguém deve esperar que o espírito divino lute contra a mente mortal. A partir do momento em que verificamos que a mente mortal é um braço carnal, um simples nada, deixamos de admitir dois poderes, e podemos “repousar na palavra de Deus”, como diz a Escritura. Repousa, pois, nesta palavra do Senhor; quando ele vem, quebrará a magia da hipnose.

Depois que despontou em mim o conhecimento de que todos os males, de qualquer natureza, procedem de uma hipnose geral, andei quebrando a cabeça durante alguns anos, para descobrir como neutralizar esse estado hipnótico. Que fazer? Um hipnotizador estala os dedos – e seu medium acorda, ou então lhe dá uma simples ordem mental para acordar. É o que eu não posso fazer, porque no plano espiritual não posso servir-me de expedientes físicos e mentais.

Foi naquele tempo que descobri o tópico da Escritura, que vai através de todos os meus escritos, tópico que fala de uma “pedra arrancada do monte sem mão humana”. Até esse tempo havia eu pensado, por alguns meses, sobre a significação obscura dessas palavras; veio-me então a resposta: A arma contra o erro – para ofensiva e defensiva – é algo que não é físico nem mental, não

são atos, nem palavras, nem pensamentos – é simplesmente a experiência da presença de Deus.

Quando transferimos isto para a prática e consideramos o modo como a pedra se forma em nossa consciência, e sai da nossa consciência, enquanto nós assistimos a esse processo como simples testemunhas e observadores – então surge em nossa alma um estado de grande paz. Então percebemos um vislumbre de Deus como “Aquele que é” – não como um poder sobre algo, mas simplesmente como “Aquele que é”, e começamos a compreender que não existe nenhum poder que possa fazer algo a alguém; passamos a ser simples espectadores, olhando como a Realidade vai aparecendo. Todas as dificuldades se dissipam na medida que desenvolvemos a faculdade de ficar quietos, de contemplar, de sermos testemunhas de como a harmonia divina se desdobra; e, graças ao princípio da unidade, também os nossos pacientes participam dessa harmonia.

O princípio que subjaz a esse processo resume-se no seguinte: sendo que a substância e atividade da mente humana é a substância e atividade da hipnose, toda a hipnotização desaparece no momento em que a mente suspende a sua atuação. Quando deixamos de pensar pensamentos e palavras, e mergulhamos no grande silêncio, então a mente pára – e a hipnose acabou. Ao vivermos essa experiência, sentimos que entramos em uma nova dimensão, que ultrapassa a vida.

Homem, não perdes o teu tempo em lutas contra as formas da ilusão; não tentes eliminar reumatismo, câncer ou tuberculose, nem te preocupes com o problema da decrepitude senil. Não procures modificar o mundo dos fenômenos. Remonta mais além! Reconhece que, na verdade, Deus somente é o teu ser, que a única coisa que te faz sofrer é essa crença generalizada em dois poderes. Remonta além de tudo e repousa na Palavra, no Verbo de Deus. Se debelares um aspecto do erro, e o derrotares, por detrás dele surgirão dez outros e tomarão o lugar do primeiro. É necessário que elimines a própria causa das desarmonias humanas. Que causa é essa? É uma vasta teia feita de Nadas, essa assim chamada mente carnal, que não tem poder algum, a não ser para aqueles que, sem cessar, lutam contra o mal, esquecidos da sabedoria do Mestre, que disse: “Não vos oponhais ao maligno!”

Se, em qualquer caso que se te apresente puderes prescindir da pessoa, do seu nome e da natureza do caso em questão; se puderes evocar alguma palavra ou expressão que para ti represente o nada – e não algo que deva ser combatido, nem algo que deva ser superado, mas o puro nada, de maneira que tenham diante de ti um único Poder – então poderás ficar sentado em tranquila meditação, e sentirás a descida do ESPÍRITO SANTO, e uma paz que ultrapassa toda a compreensão – sentirás a presença divina e a libertação de temores e discórdias.

Quando entras em meditação, mantém em ti a consciência de não pedires alguma modificação ou cura, nenhum restabelecimento ou melhoramento de algo ou de alguém. Focaliza nitidamente isto: “Entro em meditação, mas não trato de nenhuma pessoa ou circunstância. Minha meditação nada tem que ver com isto. Só se ocupa com a experiência da presença de Deus, aqui e agora onde estou. Por isto, me mantenho quieto e permitirei essa realização”.

A única coisa necessária para estabelecer a harmonia é o reconhecimento da graça de Deus. Não necessitamos de um acervo de erudição metafísica; necessitamos de saber apenas as coisas simples e ingênuas, a realidade do poder único, e a irrealidade de todas as potências adversas.

Compreende que Deus é mais que uma palavra. Deus é mais que uma longa lista de sinônimos – Deus é uma experiência, e ninguém sabe o que Deus é se não o saborear por experiência própria.

SEGUNDA PARTE

**A TAREFA DO TRATAMENTO
ESPIRITUAL**

Desenvolvimento da consciência curativa

O tratamento é uma técnica aplicada com o fim de intensificar a consciência ao ponto de estabelecer um contato com Deus que faculte à força espiritual exercer um impacto sobre a atividade humana. Consiste em um conhecimento da verdade espiritual, cujo escopo é a revelação de um estado de harmonia divina já preexistente. A realização desse estado pelo curador revela a natureza espiritual do curado, de maneira que ele se manifesta assim como na realidade é, imagem e semelhança de Deus.

Como já foi dito, deve todo curador espiritual ultrapassar o plano dos fenômenos, para além das discórdias da atitude corporal e pessoal, até atingir uma esfera de consciência superior, onde não há nenhuma pessoa a ser curada, mas tão-somente impera o espírito de Deus.

Necessário é esse tratamento somente porque certa crença da humanidade se apoderou da consciência do homem individual. Esta atitude personalista não pode ser superada pela simples tentativa de ser bom ou de ter bons pensamentos, porque qualquer tentativa dessa natureza não seria outra coisa senão uma transição de um ser humanamente mau para um ser humanamente bom. Semelhante mudança, quando humanamente considerada, é certamente desejável; e cada um chega, cedo ou tarde, à convicção de que o estado humanamente bom é preferível ao estado humanamente mau; e cada um tem o desejo de antes ser bom do que mau.

Isto, todavia, não é uma realização espiritual, mas apenas um progresso na evolução humana.

O progresso genuinamente espiritual começa lá onde o homem não trata mais do problema de ser humanamente bom ou mau, do problema de saúde ou doença, de riqueza ou pobreza, mas onde o homem se torna capaz de penetrar através de tudo isto, rumo ao espírito do Cristo, essa “cristicidade”, que é a sua identidade espiritual. A luz dessa visão espiritual desaparece, de um modo todo natural e normal, aquilo que até então era considerado errôneo ou mau, porque não faz parte da consciência espiritual. Desta consciência espiritual deu Jesus numerosos testemunhos. Embora falasse a seus discípulos em termos da experiência deles – “Marta, Marta, andas inquieta e ocupada com muitas

coisas” – revelava contudo uma consciência espiritual que vê a realidade para além das aparências. Pois, não era ele o Cristo, um com o Pai?

Quando alcançamos essa consciência crística, então atingimos a visão do olho simples.

Pode isto ser de difícil compreensão, principalmente porque estamos enredados nas vicissitudes da vida. Entretanto, meditemos, por uns instantes, sobre a razão por que os homens se acham angustiados por tantos problemas. Através de muitas gerações somos como filhos pródigos, vivendo lá fora no mundo à custa da nossa substância própria, sem o recurso ao Pai, esgotando-nos a tal ponto que acabamos por perder a experiência da nossa verdadeira identidade. O Cristo, o filho ou a emanação de Deus, jaz dentro de nós em profunda dormência todo envolto nas camadas de ideologias humanas, que se estratificaram através de séculos e séculos. Por tanto tempo estiveram os homens ausentes da casa de seu Pai que se esqueceram da paternidade divina.

Em nossos tempos, porém, se revela novamente o verdadeiro Eu do homem, e chegou o tempo em que ele despertará para a verdadeira natureza e caráter do seu ser, para aquela cristicidade, que é o verdadeiro destino espiritual do homem. Nesse processo de despertar, morre o homem para o homem humano, e renasce para o homem crístico.

O tratamento é uma ascensão da consciência para além de tudo que possa ser visto, ouvido, tangido, cheirado e saboreado, para atingir aquilo que é real. Assim como o motorista, no caminho do deserto, não vai em busca de baldes para tirar a água da estrada, mas sabe que essa água é uma simples miragem, e prossegue o seu caminho, bem assim também não há impedimento algum para a consciência crística. Uma vez que o homem atingiu essa cristoconsciência, pode olhar tranquilamente para a água na estrada, pode também verificar sem preocupação que os trilhos da via-férrea vão convergindo na distância, fazendo descarrilar o trem, ou que a abóboda celeste repousa sobre as montanhas longínquas, impossibilitando o vôo do avião – nada disto o preocupa, e ele diz em seu coração:

Nenhuma dessas limitações existe realmente. São simples imagens da minha mente, meras aparências; a verdade, porém, é que o reino de Deus, o reino da vida eterna e da harmonia universal está dentro de mim. Nada tenho de alcançar: tudo já está presente em mim. Por isto posso voltar-me para dentro de mim e gozar a realidade do reino, aqui e agora.

Conhecer, pensar e falar sobre a verdade – todos esses processos são da inteligência humana; são passos que conduzem à experiência espiritual, mas não são essa experiência. Esses processos, por si mesmos, não produzem a cura espiritual nem trazem harmonia à vida pessoal do homem. O escopo do

tratamento espiritual é a elevação da consciência até ao ponto em que se dê a compreensão espiritual ou a verdadeira realização.

Há no tratamento um processo que pode provar-se útil. Quando alguém te pede por socorro, assevera-lhe que vai ser ajudado; depois disto, liberta-te do nome e da identidade da pessoa e reconhece que o mal em questão provém da natureza da mente carnal. Deixa de pensar no paciente, no seu corpo e sua situação, mas volta-te imediatamente a Deus. Mantém o teu espírito firmado em Deus. A tua meditação pode correr, mais ou menos, nos seguintes trâmites:

Que sei eu de Deus? “No princípio – Deus”. Deus creou tudo que existe, e tudo que Deus creou era bom. O que Deus não creou não foi jamais criado. Se, pois, temos um corpo, foi ele criado por Deus, e também de Deus, isto é, da própria substância ou realidade divina, porque fora de Deus não há realidade alguma. Deus é tudo que há. Logo, o nosso corpo é perfeito, espiritual, harmonioso. Nesse corpo criado por Deus não pode haver causa para doença ou dores, nem pode haver fenômenos derivados de doença, dores, desarmonia, indisposição.

Deus é vida eterna. Se Deus é vida eterna, não pode haver uma presença ou um poder, no céu ou na terra, capaz de diminuir, modificar ou destruir essa vida eterna. Por conseguinte, não pode haver, no Universo de Deus, causa para dores e doenças, ou fenômenos manifestativos desses males. Deus é a substância única de todo o Ser, porque Deus é a substância do qual foi feito o Universo.

Deus é a lei, Deus é a única lei, Deus é absoluta legalidade. Se Deus é a lei eterna, única e universal, não pode existir nenhuma lei de desarmonia, como, por exemplo, uma lei de doença, uma lei de dissolução, de infecção ou contágio. Tais coisas não têm realidade, não são causa, não são lei. Deus é a lei única, a lei da harmonia que sustenta e mantém toda a sua criação.

Deus é amor, e, como Deus é ilimitado, o amor é onipotência e onipresença. Amor é aquilo que conserva o que creou.

Se Deus – o amor divino – conserva o que creou, não é então compreensível que a lei e o amor de Deus são suficientes para conservarem a criação de Deus em harmonia, alegria e perfeição?

O curador tenha sempre em mente, durante o tratamento, que o objeto de que trata é uma insignificância, uma nulidade, e que ele está tratando unicamente com Deus e os atributos divinos – com Deus, o Sumo Bem, o Todo, o Infinito, a ilimitada Presença e Eficiência. Finalmente, chega-se à compreensão de que Deus é Tudo-em-Tudo e que fora de Deus nada existe. E, com isto, compreendemos que não existe, separado ou fora de Deus, tal coisa como um

paciente, uma pessoa, uma personalidade ou individualidade separados de Deus¹. Nem pode haver situação ou circunstância fora de Deus.

1. Em nossos cursos de filosofia cósmica, frisamos a filologia das palavras que ilustra grandemente o seu verdadeiro sentido. A palavra latina *persona* (de que derivamos pessoa, personalidade) significa literalmente a “máscara” que os atores no tempo do império romano, usavam quando falavam no palco. A *persona* não era a identidade do ator, mas apenas uma função transitória dele. O vocábulo *indivíduo* é sinônimo de “indiviso”, não-dividido, não-separado. O indivíduo, ou a individualidade é o nosso verdadeiro Eu, indivise em si, e indivise também do grande Todo, da Divindade. A individualidade é a alma, o espírito de Deus no homem, o Cristo interno, ao passo que a *persona*, pessoa, ou personalidade é apenas o nosso ego humano, a mente, o nosso Lúcifer, que se julga existir separado do Todo, da Divindade, e, devido a esse erro separatista, crea todos os males que a ilusão pode produzir. O ilusório separatismo do ego e a idéia do *pecado*, creado pelo ego da *persona*, e abolido pelo Eu da *individualidade*. Quem conhece a verdade sobre o seu verdadeiro Eu é remido do erro do seu pseudo-eu que é o ego (N. do T.).

O tratamento curativo deve concretizar a grande verdade “Quem vê a mim, vê aquele que me enviou” – seja qual for esse “quem”, esse “alguém”, seja fulano, sicrano ou beltrano, seja Pedro, Paulo, Maria ou Isabel; Deus e sua revelação são um; Deus, a infinita Essência, se revela individualmente em Existências finitas.

Certa manhã, Deus me inspirou a mais estranha resposta a um chamado de tratamento curativo. Nunca, durante toda a minha vida de curador espiritual, tive tão estranha revelação. Percebi as palavras: “Deus, o pai; Deus o filho; Deus o espírito santo”. Só isto. Nada compreendi. Lá estava sentado eu, com Deus, o pai; Deus, o filho; Deus, o Espírito Santo. Creio que repeti estas palavras, vagarosamente, uma boa dúzia de vezes, para lhes descobrir o sentido. De repente, rompeu uma fonte de luz: “Naturalmente tu sabes que Deus é o pai; mas Deus é também o filho – pois, não somos todos nós filhos do único Pai? Por isto, nenhum filho de Deus pode estar em necessidade enquanto reconhece a sua filiação divina. E o espírito santo? O espírito santo é esta nossa experiência da unidade entre Deus e o homem”. Tão simples era o tratamento, e a cura se deu à luz do conhecimento de que Deus é o único Ser, a única identidade, que o filho trabalha sem cessar, nas coisas do Pai, glorificando o Pai.

O Processo curativo pode levar um dia inteiro, a noite toda, e pode também realizar-se em um minuto. Seja qual for o tempo que a cura leva, ela é boa quando baseada no conhecimento de que Deus é a única realidade. Todo tratamento devia ser espontâneo; tratamentos previamente excogitados são piores do que nada. É evidente que nenhum tratamento pode ser igual a outro, nem o deve ser. Por isto, não queira o curador repetir hoje o seu tratamento de ontem. É possível que realizemos hoje o mais poderoso dos tratamentos, intensificando a nossa consciência espiritual ao ponto de ressuscitar alguém de entre os mortos – e amanhã somos incapazes de curar uma ordinária dor de

cabeça. Se tivéssemos de fazer, em um dia, cem curas, seriam cem tratamentos diferentes.

O emprego de palavras – fórmulas ou constatações da verdade no sentido do tratamento – é tão inútil como a tentativa de saber as novidades de hoje pelo jornal de ontem, tão inútil como querer colher hoje o maná de ontem. O maná cai de novo cada dia, e do mesmo modo jorra a inspiração, nova e virgem, para cada necessidade a que somos chamados. Não tentes, pois, aplicar a inspiração de hoje a um tratamento de amanhã. A inspiração virá toda vez que for necessária, porque o Pai celeste sabe de que necessitas de tudo isto.

Não há nenhum tratamento que satisfaça a todas as exigências; e isto pelo fato de se acharem os homens localizados em diversos planos. Além disto, de ser diferente o plano ou nível de consciência de cada um, acontece que esse estado de consciência muda de um dia para outro. E o tratamento curativo tem de tomar em consideração esse estado de consciência, de uma pessoa particular, em um dia determinado.

Cada pedido de auxílio envolve uma pessoa, ou pessoas – tem que ver com uma situação corporal, com uma situação econômica ou com uma determinada disposição mental. Apesar disto, seja qual for o aspecto do problema, o tratamento permanece sempre no plano de Deus e na certeza de que o problema nasceu da mente carnal.

Suponhamos que alguém solicite a tua intervenção em discórdias conjugais. Lembra-te de que tu, na qualidade de curador, não tens que dar conselho aos litigantes, porque nada tens que ver com a situação humana do caso, uma vez que a situação humana nada tem que ver com a perspectiva divina; não sucumbas jamais à tentação de queres imiscuir-te nas discórdias do casal, tentando mantê-lo unido, ou então promover uma separação. Nada disto é da tua conta.

A atividade espiritual não visa consertar algo no plano das coisas humanas, porque o homem espiritual compreende que todo o problema remonta a uma falsa atitude ou perspectiva do ego humano, que se julga separado de Deus, e, desta falsa perspectiva, não pode haver solução satisfatória: Com a visão da unidade entre o homem e Deus vem a verdadeira solução do problema. A compreensão da verdade produz certeza e segurança, e com isto vem a experiência da paz. Se essa certeza não vier, costumo sentar-me novamente em meditação e estabelecer novamente em mim a paz e o silêncio, até que sinta em mim que tudo está bom.

Em outra ocasião, vem o chamado de um doente. Se se trata de algo que tenha que ver com funções vitais, como as do coração ou dos pulmões, surge imediatamente o conhecimento de que se trata de uma imagem mental – e logo eu conscientizo Deus como sendo a atividade universal, a atividade única da

vida, do ser e do corpo, e assim estabeleço aquela experiência do ser e do agir divinos.

Até aqui, o leitor deve ter compreendido que todo o tratamento se baseia no reconhecimento da impotência das circunstâncias; atua somente no plano de Deus, e não do homem mortal. Além do mais, o tratamento já está quase terminado antes que o telefone seja desligado; ou, quando o pedido de socorro vem por via epistolar, o tratamento já acabou antes de eu terminar a leitura da carta. Caso eu não sinta logo em mim a certeza de que tudo está em ordem, entrego-me por momentos à meditação para encontrar a minha paz interna e realizar a minha união com Deus – e isto é tratamento.

Se, uma ou duas horas mais tarde, o caso me voltar à memória, juntamente com um senso de urgência, retomo o tratamento, porque o simples fato de me voltar à memória significa sem dúvida que o processo ainda não terminou. Mas, em todos os casos, se trata do conhecimento que o problema é puramente aparente, e que Deus é a única vida – indivisível, inseparável, perfeita.

No momento deste conhecimento o tratamento terminou. É, provavelmente, o momento em que o paciente foi curado. Mas nem sempre a cura é logo visível. Há muitas razões para essa reação retardada. Entretanto, importa não esquecermos que o fato de uma determinada doença, física, psíquica ou de outra natureza, não é a meta da cura espiritual.

O escopo real é a conscientização da realidade de Deus. Quando o tratamento começa com a pergunta “Pai, de que natureza será este testemunho?” não tardará a resposta a vir mais ou menos da seguinte forma:

Realiza-me em ti, meu filho! Sente que eu sou um ser que vivo e me movo em tua vida. Conscientiza que eu estou presente em ti. Testifica que eu estou em ti como força vital, assim como eu o era em meu filho, o Cristo.

Se não te dirigires a Deus por uma razão única – unicamente por causa de Deus – então admites a existência de dois poderes, o Bem e o Mal, e esperas que Deus, o grande Poder benéfico, empreenda algo contra o outro Poder, o maléfico. Não terás paz nem sossego enquanto viveres na expectativa de um Deus, grande e poderoso, que deva fazer algo contra o erro. A paz surgirá em ti somente se puderes sentar-te tranquilamente e dizer:

Eu te agradeço, meu Pai. Tudo que de teu verbo espero é que rasgues o véu que me encobre a harmonia, que já existe. Aqui não estaria eu na expectativa de ouvir a tua voz se acreditasse na existência de uma desarmonia, de uma discórdia.

Só nos podemos dirigir a Deus no sentido de realizarmos em nós a consciência da sua presença. Isto nada tem que ver com a questão do que Deus faça ou não faça por ti ou por teus negócios. No momento em que tentas induzir Deus

a que te arranje bons amigos, casa, emprego, talento ou outra coisa qualquer, usas Deus como meio para um fim – e isto é horrível, quando bem pensado, – quase uma blasfêmia, essa idéia de nos servirmos de Deus como de um meio – e, no entanto, é esta a idéia geral que se tem da oração e do tratamento curativo: que Deus faça alguma coisa por nós, o que supõe que Deus possa ser por nós influenciado em determinado sentido. Isto não é orar, e é por isto que quase todas as nossas orações são ineficientes.

A única oração verdadeira é o desejo de nos tornarmos conscientes da realidade de Deus.

Geralmente, a segunda parte do tratamento é bem mais curta que a primeira, apesar de ser a mais importante, e é negligenciada pela maior parte dos metafísicos; pensam eles que o seu tratamento é que produz a cura – e é esta a razão por que muitas tentativas de cura são ineficientes.

Torno a repetir: Não és tu o autor do processo curativo; tu és apenas o veículo, através do qual vem a cura. O tratamento que realizas tem por fim único preparar o teu estado de consciência para receberes o *verdadeiro* tratamento, o Verbo de Deus, que te vem de Deus, do Deus dentro de ti. Para dentro dessa tua receptividade, que se desenvolve em ti pelo conhecimento da Verdade, é que se derrama espontaneamente o Verbo de Deus; Deus é que realiza o tratamento, que produz a verdadeira cura.

O zênite do tratamento é atingido quando não mais são empregadas palavras, nem afirmações nem negações – é este o estado mais perfeito, que nem todos alcançam; jamais encontrei homem algum que fosse capaz de manter continuamente esse estado de consciência. Por esta razão, temos de retornar ao tratamento, de tempo a tempo, acompanhado de algumas palavras ou de alguns pensamentos.

Entretanto, nunca nos esqueçamos de que nenhum tratamento é realmente completado enquanto o curador não sinta em si um certo grau de certeza interior. Pouco importa qual seja a forma do tratamento escolhido que nos conduza a esse grau de certeza interna, mas é importantíssimo que não ponhamos ponto final no tratamento antes que esse sentimento de libertação interior se manifeste em nossa alma.

O tratamento purifica os teus pensamentos de credices humanas, ignorância e falsas teorias e te torna transparente para os “pensamentos de Deus”. Tu mesmo, nunca serás o curador, tu és apenas alguém que se ocupa com o tratamento – o curador é outro, o Poder Supremo e Único. Esse sentimento de paz que, te inunda – de uma paz que ultrapassa o entendimento – é ele que é o verdadeiro curador. Se atingires essa consciência de paz interior então se realiza a cura. É essa conscientização da presença de Deus que realiza a cura.

Avisos práticos para o curador espiritual

O primeiro requisito para quem exerce a terapia espiritual, seja para si mesmo, seja para outros, é uma consciência espiritual altamente desenvolvida; porquanto toda a cura é o resultado de uma consciência individual, tua ou minha. Essa consciência não depende de Deus, não depende da consciência de Deus, da consciência do Cristo, em sentido abstrato – *mas depende da consciência individual de cada homem elevada a alturas da consciência crística*¹. É esta a força divina que torna possível fazer as obras de Deus. Mas, se o curador não está repleto da verdade e do amor de Deus, os que cruzam os caminhos da sua vida não tardarão a perceber que ele não faz as obras de Deus e por isto não pode dar ao mundo paz e harmonia.

1. Com estas palavras focaliza o autor o princípio fundamental de toda a cura, quer física quer metafísica: não é o *fato objetivo* da presença de Deus ou do Cristo que resolve o problema, mas é a *consciência subjetiva* que o homem tem dessa presença. A presença objetiva sempre existiu e sempre existirá, e dentro do ambiente dessa onipresença de Deus há milhares de doentes e de pecadores – por quê? Unicamente porque lhes falta o contato consciente com essa presença, falta-lhes a *cons-ciência*, a *ciência com*, a ciência ou consciência desta realidade divina ou crística. No dia e na hora em que o homem, doente ou pecador, estabelecer o contato com a *usina cósmica* da luz e forças divinas, haverá luz e força divinas em seu receptor humano – e a consciência da presença de Deus é incompatível com doença e pecado, ou outro mal qualquer. O problema está, pois, na *conscientização* vital e nítida dessa presença (N. do T.).

Jesus, o maior curador de todos os tempos, movia-se e tinha o seu ser permanentemente na realização do Pai em seu interior, e por esta razão podia realizar as obras do Pai e dizer com plena convicção: “Quem me vê, vê aquele que me enviou”.

Mas, se é Deus que cura, por que é que recorremos precisamente ao Cristo para obter a cura? É porque, ao que nos consta, era ele que possuía no mais alto grau a consciência de Deus, plenamente desenvolvida e realizada. Se não fosse possível conseguir o auxílio através de Jesus, talvez apelaríamos para Pedro ou Paulo ou João, consoante o conhecimento de cada um, porque neles existia elevado grau de consciência crística.

O curador é sempre a consciência de algum homem individual que tenha conseguido alto grau de consciência do Cristo, e a medida dessa consciência

crística determina o grau da cura. Há quem julgue que o poder curativo seja um privilégio exclusivo concedido alguns eleitos; na realidade, porém, consiste em um determinado grau de consciência da verdade, e na medida em que ele está permeado da verdade, possui a sua consciência o poder de curar.

Pela graça de Deus se realiza a consciência de Deus na consciência do homem individual. Perguntará alguém como se alcança essa consciência? Como se supera o abismo que medeia entre o estado de um negociante ou de uma dona de casa, e essa consciência que torna a pessoa um instrumento para a cura espiritual?

Não nos esqueçamos jamais de que todo progresso espiritual vem invariavelmente da graça de Deus, e que nada podemos alcançar sem ela, por maior que seja o nosso esforço, o nosso zelo e a nossa fé. Devemos compreender que não fomos nós mesmos que empreendemos esses estudos, mas que algo nos impeliu a isto, e que esse algo está em nós mesmos. O impulso vem sempre de dentro. Grande é a responsabilidade de quem se dedica à cura espiritual; dele se exige a mais alta compreensão. São esses homens que oferecem à humanidade os maiores benefícios – mas são também eles que são os mais vilipendiados e caluniados pela humanidade. Ninguém deveria dedicar-se a esse ministério da logoterapia, a não ser que Deus o agarrasse pelo pescoço e o empurrasse para dentro desse serviço. E, mesmo neste caso, deveria o homem resistir ao chamamento, caso o pudesse. O ministério espiritual não é para ele – como não é para ninguém – a não ser que a voz interna insista e lhe diga: “Não há outro caminho para ti”. Do curador se exige a mais alta coragem espiritual de que for capaz, para resistir àqueles que hostilizam a verdade, e mesmo aos que a aceitam. Não está dentro dos limites da capacidade de um simples ser humano abraçar uma vocação espiritual; só é possível àqueles que receberam a graça de Deus, para que tenham uma luz maior, que é necessária.

Um curador ou mestre se torna transparente para a atuação de Deus. Deve ser capaz de manter dentro de si tamanha medida de experiência da verdade que todo paciente ou discípulo que ingresse no âmbito da consciência do curador ou mestre, lá não encontre nada senão somente verdade e amor. Quem entra na aura de um curador de cuja consciência transpareça a sabedoria espiritual deve ter a sensação de entrar em uma atmosfera de paz e integridade. Na medida que o curador se enche de pensamentos de verdade e de amor desaparecem as desarmonias e discórdia da vida daqueles que entram em contato com ele, em busca de socorro; e mesmo os que na rua se encontrarem com ele participarão, na medida da sua capacidade, dessa consciência do curador, porque há nele uma constante realização.

Sendo que Deus é minha consciência, sendo que esse Deus, que é a verdade, enche toda a minha consciência, e é a sua substância e a sua atuação, por isto

é esta verdade também a substância do meu universo, mesmo que apareça em forma de uma árvore ou de uma flor, de um amigo e de um inimigo – tudo que está no meu universo reflete esta minha experiência.

Abraço o meu universo dentro da minha consciência, um universo que nasceu e foi plasmado por meu consciente; e como o meu universo é repleto da verdade, por isto revela ele a atuação, a propriedade, a substância, a essência e o característico da verdade, da eternidade e da imortalidade.

Vigio à entrada da minha consciência e não permito que entre nela nenhuma forma discordante do mundo fenomenal; mantenho a sua pureza como um foco sagrado de onde Deus é irradiado pelo mundo exterior. Todos os que ingressarem no meu santuário, no meu lar espiritual, encontrarão nele paz e alegria, que passarão a ser a substância do seu ser, do seu corpo, e até do seu estado econômico. Esta consciência divina os envolve, os mantém e guia e revela a verdade como sendo a verdade do seu próprio ser individual, de maneira que esta verdade se torne a sua lei interna, não só para eles mesmos, mas também para todos os que lhes vêm pedir auxílio e assistência.

A consciência, permeada de verdade, radicada e alicerçada na verdade, produzirá curas, seja minha ou tua consciência. Tudo que há neste mundo assume a propriedade da tua consciência, e cada desarmonia ou discórdia deste mundo reflete exatamente até que grau tu permitiste às ideologias deste mundo entrarem pela porta da tua consciência.

Compreendes agora como tu te tornas a lei para o teu mundo, na razão direta que a consciência crística se apoderar da tua vida?

Toda vez que se te oferecer uma dissonância da vida, deves interpretá-la sempre de novo, até que essa interpretação forme em ti um hábito que não mais requeira um processo consciente. Sempre que alguém invoca o teu auxílio, deves estar pronto a lhe conceder o melhor tratamento possível, por dois ou três anos. Mas, depois de realizares, durante um ou dois anos, centenas, quiçá milhares de tratamentos, estará a verdade a tal ponto animada e incorporada em tua consciência e viverás em tão excelsa altura de conscientização que, quando alguém te solicitar auxílio poderás responder simplesmente: “Eu estou contigo” – e isto será tratamento suficiente. Mas tal coisa só te será possível depois de haveres realizado avultado número de tratamentos e estiveres firmemente consolidado na plenitude da verdade.

Muitas vezes ouvimos a pergunta: “Que é que impede a cura? Por que é que a verdade não atua em qualquer tempo? Por que é que, por vezes, a cura é tão demorada?”

Há muitas respostas, nenhuma das quais é de todo satisfatória. Uma delas diz que, no momento dado não havia o curador atingido suficiente intensidade de

consciência espiritual. Certa vez, quando os discípulos de Jesus não haviam conseguido realizar uma cura, disse-lhes o Mestre: “Esta espécie não sai a não ser por meio de oração e de jejum”, fazendo supor que certos males não são atingidos por um tratamento comum, requerendo-se algo mais alto, em que só Jesus era mestre.

Nem em todos os casos consegue o curador espiritual resultado cabal. Pode isto ser devido ao fato de ele não se achar, nesse momento, na altura da consciência espiritual. É possível também que o paciente não esteja ainda acessível ao impacto do tratamento, pelo fato de se achar ainda enredado em conceitos materialistas da vida, ou estar ligado por outro estado de consciência que o prenda a seu mal. Por vezes, o processo iniciado pelo curador fará ceder o paciente; mas, em outros casos, o doente se prenderá ao seu estado de consciência de tal modo que é praticamente impossível ali curador libertá-lo do mal.

De resto, a cura não se resume simplesmente a uma restauração do estado físico do sofredor. Por vezes, é mais importante despertar nele o senso espiritual do que libertá-lo de um mal físico. Em um caso desses, o tratamento provavelmente, não surtirá efeito até que o curador consiga nele esse despertar; depois disto, a cura será rápida. É da responsabilidade do curador continuar essas tentativas até que o doente desperte – *mas não é o curador que o desperta, é o Cristo que o desperta, servindo-se do conhecimento da verdade que atua na consciência do curador.*

Muitos tratamentos não têm efeito pela simples razão de não serem baseados no conhecimento nítido da verdade do ser. Há muitas afirmações sobre a verdade, porém muitas são confusas e contraditórias. Um curador espiritual deve ter do conhecimento da verdade idéia tão exata como um músico ou um matemático têm da música ou da matemática. Um nada de inexatidão na matemática leva a um resultado falso; um nada de inexatidão na música produz um som errado. Da mesma forma é de importância vital, no campo da cura espiritual, ter noção exata dos seus princípios, sob pena de falhar o tratamento.

O conhecimento que tu tens da verdade se tornará em lei de harmonia para o teu mundo, suposto que seja uma consciência nitidamente definida. Mas, se for confusa e inexata, confuso e inexato será também o resultado. Se quiseres realizar a harmonia não podes ficar sentado por aí comodamente e esperar; terás de fazer algo específico nesse sentido, e esse algo específico consiste no fato de manteres a realidade do ser como a verdade da tua consciência.

O curador se tornará para seu paciente a lei da harmonia na medida que ele mantiver em sua consciência a realidade do ser; mas, se permitir entrada a pensamentos mundanos, ou se ceder a sentimentos pessoais de “eu” ou de “meu”, não terá efeito o seu ministério espiritual. O curador deve sair da massa e separar-se. Acima de tudo, deve possuir elevado padrão de integridade

espiritual, uma vez que os homens lhe confiam o destino de sua alma, em um estágio peculiar da sua evolução. Revela isto uma confiança sagrada, que ele deve guardar intacta; deve abandonar o mundo inteiro a fim de poder viver e mover-se, e ter o seu ser na consciência divina, de manhã, ao meio-dia e à noite.

Curador profundamente comprometido com deveres sociais ou familiares raras vezes terá sucesso em seu tratamento; porque o atendimento a seus pacientes e discípulos deve sobrepujar quaisquer outras ocupações. Somente o pouco tempo que lhe sobrar, depois de atender plenamente ao seu ministério espiritual e curativo, é que pertence à família e à sociedade.

Da mesma forma, não há na vida de um curador espiritual vaga para divertimentos sociais, passatempos fúteis, muitas amizades, nem participação ativa na vida da comunidade ou política, o que não quer dizer, todavia, que um curador deva negligenciar os seus deveres necessários como cidadão consciente das suas responsabilidades, servidor do seu povo e da humanidade.

Quem quiser desempenhar a tarefa de curador deve emancipar-se em alto grau das suas relações humanas, a fim de se manter em um estado de consciência espiritual que o torne idôneo para atender a qualquer momento as solicitações superiores. É uma vida da alma, que, inevitavelmente, acarreta a morte para as coisas do mundo.

Se, por um lado, o curador deve libertar-se das relações pessoais da família e da sociedade, a fim de atender à sua vocação superior, por outro lado não deve também sucumbir ao abuso da parte de seus pacientes e discípulos. Desde que me dedico ao ministério da logoterapia, me impus a obrigação de limitar as minhas conversas telefônicas a cerca de três minutos cada. A razão dessa limitação temporal é para manter a linha telefônica livre para outros chamados e para não onerar a minha consciência com coisas não essenciais.

Um curador deve estar disposto a atender a qualquer chamado, seja de dia seja de noite. Não há horas de expediente para esse ministério espiritual – o expediente abrange vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana. Não quer isto dizer que o curador deva estar pronto para atender, a qualquer hora do dia ou da noite, a visitas pessoais, a não ser em casos excepcionais. Por que correr à casa do paciente, se o problema não passa de uma ilusão? Se o curador se apressa a visitar o doente em sua casa, porque o chamado é urgente, atribui importância a um fato de mera aparência, e pode ser que o caso esteja perdido.

Em casos raros é permitido ao curador visitar o doente pessoalmente; por via de regra, a sabedoria requer que o curador fique em casa e viva a sua vida em Deus; viva constantemente na consciência espiritual e não permita ser

perturbado pelos homens do mundo. Se o curador é conivente com as coisas do mundo, aceitando aparências à primeira vista, então é ele um guia cego guiando outros cegos – ambos cairão na cova. O curador deve manter distância entre si e o mundo. Não equivale isto a ignorar o erro; equivale a atribuir ao erro o lugar que lhe compete, como mera ilusão, um nada – não há nada que temer, nada que odiar, nada que amar – *nada!*

A cura espiritual só é realizável mediante uma verdadeira realização de Deus no homem. Nada tem que ver com o nome, a doença ou o estado de alguém, só tem que ver com o conhecimento da verdade de que aquele que aparece como paciente está na unidade essencial com Deus. Como curador, não tenho o direito de estar interessado no nome do doente, da doença ou do diagnóstico do mal, embora o curador digno de tal nome nunca deixe de mostrar bondade, amor e compaixão para com os que vêm ter com ele com seus problemas. Escuta benevolmente, mas não toma nota, ciente como é de que a infinita sapiência, que é a Realidade do Ser, sabe de tudo e não há mister de que alguém a instrua sobre o nome do paciente ou a doença; essa infinita inteligência conhece as nossas necessidades, antes mesmo que o curador ou o paciente as conheçam.

Se alguém nos declara: “estou com dor de cabeça”, não há nada que, do ponto de vista humano, possamos fazer contra isto; ou, se nos diz que está com dor no pé, nem contra isto podemos fazer nada. O mesmo vale quando chegamos a saber que alguém fraturou um osso, que está com câncer ou tuberculose. Do ponto de vista humano, que podemos fazer contra isto? Que adianta sabermos disto? Que adianta ouvirmos todos esses “boatos”? Que adianta estarmos expostos a todas essas tentações de crermos em um Ego ou em uma lei separados de Deus, tentações que, com demasiada facilidade, nos são impingidas por um paciente loquaz? O curador permanece muito mais facilmente na sua consciência divina quando não presta atenção à pessoa, à circunstância, à coisa, mas compreende imediatamente: “Essa pessoa é vítima de uma crença generalizada, da qual não sabe como libertar-se de momento”.

Se, de algum modo, esperas participar do ministério da terapia espiritual, aprende, antes de tudo, a não condenar aqueles que desejas ajudar. Cessa de condenar, cessa de criticar, cessa de julgar! Eleva-te acima da influência geral, que se compraz em condenações. Cada um tem as suas fraquezas, e ninguém se orgulha delas. Ninguém gosta de ser para sempre afetado por elas – e, no entanto, é precisamente isto que fazes quando criticas, condenas ou julgas a ti mesmo ou os outros. A tua tarefa de curador está em não manter ninguém nas algemas dos seus pecados de comissão ou de omissão. Mesmo que alguém os cometa setenta vezes sete vezes, ainda tu o deves absolver deles, setenta vezes sete vezes.

O curador deve ser homem de compreensão, de amor e compaixão, quer o paciente seja vítima de doença ou de culpa. Na medida que alguém é capaz de conviver com outros, sem os condenar, sempre na atitude “nem eu te condenarei”, ele se liberta a si e os outros do fardo de seus erros – e isto os torna livres, a ti e a eles, para o recebimento da graça de Deus.

Deste modo foge de ti e dos outros a maldição da mortalidade, e homem se revela como verdadeira imagem e semelhança de Deus. Esta semelhança é seu verdadeiro ser, dele e meu; é o ser de todo santo que jamais viveu, e também o de todo pecador. O Mestre veio para que os pecadores fossem remidos, e não tanto para que os bons ficassem um pouco melhores. Nenhum pecador é rejeitado para sempre, sem redenção. Uma das grandes funções do Cristo está em redimir, em restaurar, em recuperar aquilo que estava perdido – quer sejam anos de trabalhos perdidos ou uma vida frustrada, quer seja uma saúde arruinada ou uma vida esbanjada em imoralidades. Cura física seria impossível se não houvesse regeneração espiritual. A restauração disto implica na restauração daquilo. Ambas são partes integrantes de um Todo.

Quando mantemos os Homens na condenação das suas faltas, empurramo-los ainda mais para baixo, a um abismo do qual nunca mais terão oportunidade para se elevar à inteireza do espírito, da mente e do corpo. Olha para dentro da alma e do coração do teu paciente ou discípulo e vê a Deus presente nele. Enquanto não vires a Deus manifestado na pessoa que está diante de ti, terás vontade de pedir a Deus para que faça algo por alguém – e isto derrotará a tua intenção. Toda vez que pensas que teu paciente necessita de ajuda está turvada a tua visão espiritual. Assim como turvada estava a visão daquele homem que estava sentado à mesa de um bar com seu amigo, bebendo, e o censurou dizendo: “Melhor seria que deixasse de beber, porque a tua face já está ficando turvada”. É o que te acontece toda vez que o teu tratamento focaliza alguém “lá fora”; não é a face do teu paciente que está ficando turva, nem é o seu corpo que está doente – a tua própria visão, o teu olho espiritual é que está turvo, porquanto és tu que enxergas o outro incorretamente.

Alguns dos teus pacientes te darão muito trabalho, antes de cederem; não permitas que essa resistência te leve à idéia de que eles sejam um tanto profanos, um tanto materialistas, um tanto antipáticos. Não te deixes iludir por simples aparências. Provar-te-ás idôneo para a obra de Deus se encarares face a face qualquer fenômeno sem nenhum julgamento condenatório. Mesmo que isto te acontecesse durante anos a fio, fica firme na convicção:

Tu és o Cristo de Deus. Tu és um ser puramente espiritual. O Cristo habita em ti. A tua mente é um instrumento de Deus. O teu corpo é um templo de Deus. Deus é a alma do teu ser.

Não te esqueças de tomar em consideração as três partes essenciais do teu paciente; o seu espírito divino ou alma, a sua mente ou inteligência, e o seu

corpo. Compreende, antes de tudo, que Deus é a alma, o espírito, a vida de todo o ser. Compreende que a mente de cada homem é o instrumento através do qual Deus funciona. Compreende, finalmente, que o corpo é o templo do Deus vivo. Assim enxergarás o homem total – alma, mente e corpo – todos um, partes de um *Todo*, e esse *Todo* é Deus.

O curador é um instrumento pelo qual a voz de Deus se revela a si mesma, e sua palavra é viva, aguda e poderosa. Não pense ninguém que sua palavra seja viva, aguda e poderosa, porque ninguém atingiu ainda essas alturas. O próprio Cristo confessou sem reboços e com verdadeira humildade: “De mim mesmo nada posso fazer”.

Nenhum curador deve estar tão cheio de si a ponto de querer usurpar as funções de Deus, julgando saber o que é bom para seu paciente e pretendendo dizer ou explicar-lhe como encher de harmonia a sua vida. Não compete ao curador invadir o cenário da vida humana com seus juízos humanos e decidir como um problema possa ser solucionado. Não é a sapiência do curador que cura o paciente, mas sim o poder de Deus. Por isto, a função do curador espiritual é orar. Deve tornar-se receptivo e sensível ao impulso divino; deve tornar-se transparente – e depois vem Aquele a quem compete curar. Aquele que é vivo, agudo e poderoso, e mudará o corpo do doente em um instante.

Se as doutrinas metafísicas do século passado provaram algo, então é isto: que todo homem que se esforça seriamente por tornar-se um curador, pode curar – nem sempre com facilidade. Em alguns a consciência desperta depressa, em outros vagarosamente; mas está ao alcance de todos que trabalharem resolutamente nesse sentido. Isto nada tem que ver com algum Deus misterioso lá fora não tem nada que ver com algum poder misterioso externo – tem que ver unicamente com o grau de consciência desenvolvido dentro do homem individual.

O tratamento é uma conscientização da onipresença

Muita gente estranha como é possível que um paciente entre centenas de milhões seja beneficiado pelo tratamento, sem que seja necessário o curador lhe conhecer sequer o nome e a condição do seu estado, tanto assim que nenhum desses pontos é tomado em consideração, durante o tratamento.

A solução está no princípio fundamental da unidade. O doente que pediu auxílio recebe esse auxílio pelo fato de se ter dirigido à consciência do curador, o qual sabe que não existe nenhuma “consciência de doente”, nem um “consciente de curador” mais uma consciência de Deus – mas existe uma única consciência, a *teo-consciência*.

Quando um doente apela para um curador realmente integrado na consciência de Deus, então se faz ele parte integrante dessa teo-consciência do curador. Pode alguém pedir também para seu filho, para seus pais, para seu cachorrinho, para sua colheita, e, assim fazendo, ele oferece isto à única e infinita consciência divina, que está presente no curador. Por mais estranho que pareça, pode um homem viver no mesmo quarto com o curador, estar bem perto dele, ano por ano, com os seus sofrimentos, e não receber o menor benefício – se não se colocar no foco dessa consciência.

Durante três anos andou Jesus pela Terra Santa, encontrando, dia por dia, doentes e pecadores; mas tão somente àqueles que lhe pediam: “Mestre, cura-me!” dirigia ele as palavras: “Tens fé que eu te posso fazer isto?” E somente estes, que se integravam na consciência do Mestre, somente estes, no meio da multidão sentada a seus pés, recebiam o benefício das grandes bençãos de Jesus.

Ao redor de cada um de nós se acham homens que necessitam desta ou daquela espécie de cura – e isto suscita a pergunta: qual a nossa responsabilidade para com aqueles que entram em contato conosco? Teremos de esperar o tratamento até que sejamos especialmente invocados para ajudar? E que dizer daqueles que estão lá fora, necessitados de cura? Teremos de ser o guarda de nosso irmão?

Perguntas como estas podem surgir a quem compreendeu o princípio básico do tratamento.

Nunca nenhum tratamento visa uma determinada pessoa, e nenhum tratamento gira em torno de uma determinada condição.

Quando, nas tuas andanças por este mundo, esbarrares com tragédias e frustrações, nunca aplicarás o teu tratamento a uma determinada pessoa nem a um determinado caso, nunca! Quem recebe o tratamento, é o problema em si, e esse problema se baseia sempre na crença de que alguém ou algo exista separadamente de Deus. Se alguma crença dessa natureza surgir em teu pensamento, terás de tomar atitude em face dela não como se se tratasse de uma pessoa ou de uma coisa à parte, mas tens de encarar o problema em si mesmo, como tal.

Quando se te deparar algo que pareça ser uma deformidade, uma insanidade mental ou um acidente, volta-te para dentro de ti; convence-te de que aquilo que estás presenciando é uma ilusão; mergulha na paz da presença de Deus em ti. Todo problema que se te apresentar tem de ser enfrentado no interior da tua consciência – não somente quando alguém invoca o teu auxílio, mas toda vez que te encontrares com alguma necessidade. Quando passando pela rua, encontrares um bêbado, surge um apelo à tua consciência, e é dentro da tua consciência que tens de tomar atitude. Quando topares com um aleijado ou um mendigo, não passes de largo sem lhes prestar atenção; não procedas como aqueles que, na estrada de Jericó, passaram pelo homem ferido e o deixaram onde estava. Não o deixes jazer onde está – fisicamente, sim, talvez possas deixá-lo, espiritualmente ergue-o à verdade do Ser divino.

Uns anos atrás, em Honolulu, uma jovem que acompanhava os nossos cursos e voltava para casa de ônibus, reparou em um homem, no fundo do veículo, que falava em termos arrogantes e obscenos. Imediatamente ela despertou em si a consciência de que Deus se revela na forma do ser individual de cada pessoa e que o verdadeiro indivíduo possui exclusivamente os atributos de Deus. Ela não se ocupou com aquele homem, nem conhecia nada das circunstâncias da sua vida; ela começou consigo mesma conscientizando Deus – e, por fim, o homem veio ter com ela e disse: “Muito obrigado porque orou por mim; agora me sinto melhor”.

Não podemos passar de largo, indiferentes, àqueles que estão doentes e culpados, ou estão morrendo; não podemos isentar-nos da responsabilidade de erguê-los em nossa consciência, visualizando neles a presença da infinita realidade de Deus, que se manifesta na forma deste ou daquele indivíduo. Se algum deles possui certo grau de receptividade, embora diminuto, não deixará de sentir a nossa conscientização. É deste modo que atraímos benefícios sobre nós e sobre nossos semelhantes e oramos pelos nossos inimigos. Teu inimigo nunca é este ou aquele indivíduo; teu inimigo é sempre uma aparência

apenas – algo mascarado de pecado, doença, discórdia, penúria e deficiência¹. Há um único modo certo de orar, que consiste em perguntarmos a nós mesmos: “sou crédito a meus olhos, ou dou crédito aos místicos do mundo, àqueles que, pelo contato intuitivo com Deus tiveram a revelação que o mal no mundo não existe como uma realidade, e que não há nenhuma lei de pecado e enfermidade?”

1. Na linguagem de alta precisão da nossa Filosofia Univérsica, diríamos: Teu inimigo nunca é algum indivíduo, algum Eu, real – mas tão-somente alguma pessoa, algum ego fictício. Porquanto o verdadeiro Eu do homem, o seu indiviso indivíduo, é Deus, “o Pai que está em vós”, e esse não é inimigo de ninguém; somente a pessoa, ou persona isto é, máscara, que é o ego ilusório, é que pode ser inimigo (N. do T.).

Muitas pessoas gostariam de tratar, ou ver tratados, seus filhos, marido, mulher, amigos, mesmo que estes não se interessem pela cura espiritual nem se achem no caminho do espírito, nem tenham desejos dele. A despeito dessa sua falta de interesse, algum amigo de orientação espiritual fez a tentativa de ajudá-los, porque lhes quer bem e desejaria vê-los libertos; e, lá no seu zelo, se julga com o poder de fazê-lo.

Entretanto, convém frisarmos com a máxima insistência que todo ser humano tem o direito para viver e o direito para morrer; tem o direito de ter saúde ou de estar doente; tem o direito de procurar saúde pela medicina material, assim como outra pessoa tem o mesmo direito de procurar saúde em Deus. Quem põe a sua confiança na medicina material não está disposto a engolir alguma verdade servida por um amigo de orientação espiritual – da mesma forma que o homem que aspira a saúde e harmonia mediante a verdade e sabedoria espiritual não aprecia que seus amigos ou parentes se metam na sua vida e procurem demovê-lo do caminho encetado.

Por isto deve todo homem, que crê em tratamento espiritual e o exerce, ser solícito em conceder a todos a mesma liberdade que reclama para si mesmo. “Tudo que quereis que outros vos façam, fazei-o também a eles!” Se, por conseguinte, alguém prefere medicamentos, cirurgia ou outra forma qualquer de assistência médica, tem ele o direito de assim fazer, e nós devemos deixar-lhe a liberdade de encontrar a seu modo o caminho que julgar melhor.

Os que estão no caminho espiritual têm o direito, o dever e o privilégio de conhecer a verdade e alcançar a paz pela experiência da presença de Deus, embora seus pais ou filhos, marido ou mulher vivam segundo conceitos contrários. Se esse modo de viver espiritual promove ou não a libertação de seus próximos – isto é outra pergunta; por vezes acontece, por vezes não acontece. Por vezes, desperta neles o desejo de libertação, mesmo de libertação espiritual; mas, caso isto aconteça, caso não, o curador, permanecendo na verdade espiritual, fez tudo que estava em seu poder. Antes

que alguém possa ser ajudado, deve existir nele um certo grau de receptividade – um grãozinho de fé – “tens fé de que isto possa acontecer?”²

2. Não se esqueça o leitor de que “fé” é *fides*, radical de fidelidade. Deve pois, haver, no consciente ou inconsciente do curando uma *fides* ou fidelidade mesmo latente, com a divina realidade do seu verdadeiro Eu, o “Pai em nós”, a “luz do mundo”, o “espírito de Deus no homem”, que não pode estar doente. A canalização dessa fonte divina do Eu através dos canais humanos do ego doente é o segredo último da cura. A palavra “crer” é inexata, porque não indica fidelidade, sintonia (N. do T).

O tratamento, como já foi dito, é individual, mas o nome, o aspecto, o corpo, ou outra coisa qualquer que caracterize o doente ou a doença, não devem ter entrada no pensamento do curador espiritual. Se alguém chama o curador espiritual para lhe comunicar que está com gripe, pode ser que o tratamento tome nota especial da crença dos mundanos concernente à infecção, contágio, temperatura e clima, mas não no sentido que o curador focalize especialmente o doente ou a doença.

Assim, por exemplo, se alguém comunica ao curador as circunstâncias peculiares de um acidente, então deve o curador, durante o tratamento, conscientizar que Deus mantém a sua lei e ordem, que todo pensamento repousa na consciência divina, e que nunca coisa alguma pode cair fora da harmonia, da ordem e da lei da consciência de Deus. Até esse ponto, o tratamento parece bitolado pelo caso peculiar – mas essa bitolação não deve jamais ir ao ponto de querer o curador tratar especialmente de uma perna ou li um braço quebrado, focalizar uma dor do lado direito ou esquerdo, em cima ou embaixo. Pode alguém sentir dores na região cardíaca, e, contudo, não ter nenhum mal no coração – e não seria absurdo, neste caso, aplicar tratamento ao coração?

Não importa que, em um só dia, tu tenhas cem ou trezentas chamadas de pessoas que invocam o teu auxílio; o tratamento será sempre o mesmo. O momento em que um doente te chama é o instante em que ele, e nenhum outro, recebe o teu tratamento. Nenhum curador pode fazer uma lista de nomes e tomar a resolução: “Todas estas pessoas terão o meu tratamento, esta noite”. O tratamento deve realizar-se no momento preciso em que o doente entra na zona da consciência do curador – quer isto aconteça por telefone, telegrama ou carta, quer a lembrança do paciente surja subitamente na consciência do curador. Neste mesmo instante é que se dá o tratamento do doente, e nem um minuto mais tarde.

Se alguém, neste momento em que escrevo este livro, me surgisse no consciente, receberia tratamento agora mesmo. Eu não hesitaria um só momento com o tratamento; porque há um só instante para remover a crença, e esse instante é justamente aquele em que ela surge no meu consciente. É este o tempo para a intuição correta ou para seu desdobramento. *O segredo da cura está nessa reação – nesta intuição imediata.*

Há curadores que organizam um fichário de pacientes, pela qual, de manhã e à noite, fazem os seus tratamentos. Por que procedem assim? Por que seria necessário guiar-se por um fichário, para fazer tratamento, quando o tratamento se realiza no momento exato do chamamento? O trabalho já devia estar terminado nesse momento, a não ser que o curador seja novamente invocado para Auxílio.

O curador tem a obrigação de prestar assistência e prosseguir no seu trabalho até que experimente em si um sentimento de libertação, ou até que o doente o solicite para suspender o tratamento. É dever do curador ajudar o doente; mas, depois disto e depois de ter esse sentimento de libertação, deve ele admitir que a carga passou para os ombros de Deus, que providenciará sobre o resto. Se O caso não lhe voltar à memória, ou se o doente não o invocar novamente, esqueça o caso.

Não pense o curador que ele, pessoalmente, deva curar alguém, quando é procurado; o auxílio que ele deve dar é a convicção de que tais coisas não existem realmente. Por esta razão, também não se deve sentir obrigado a voltar ao tratamento, no dia seguinte. Se a ilusão não tem realidade hoje, não a pode ter amanhã; se a ilusão não tem realidade hoje, não a teve ontem tampouco.

É esta a razão por que doentes a grande distância recebem auxílio de mim, mesmo antes de chegar ao meu conhecimento o seu grito de socorro. Dia por dia, eu conscientizo dentro de mim que uma ilusão que não tem realidade hoje, tampouco a teve ontem, quando foi feito o pedido. Vivo permanentemente na consciência de que este é o momento único, e que a harmonia deste momento é uma harmonia eterna, que sempre foi e sempre será. Enquanto permaneço nesta consciência, deve toda pessoa que pede meu auxílio recebê-lo nesse mesmo instante, quando o pede, porque é esse o instante em que a verdade se tornou consciente em mim.

Quando o curador acorda, de manhã, não deveria ter nenhum paciente, a não ser que alguém peça nesse momento. E por que deixaria de ser assim, se ele tratou dos casos que lhe foram apresentados? Em todos os anos da minha atividade prática, tratei diariamente de muitíssimos casos; em um ano os casos foram, na média, 135 por dia, durante sete dias da semana, e nunca tive um fichário de pessoas que tivesse de tratar. Quando recebia uma carta, realizava o tratamento, e esquecia o caso e a pessoa, a não ser que o assunto me voltasse à memória ou o interessado me escrevesse novamente.

Toda vez que vem um pedido, conscientizo dentro de mim: “Este é o dia que o Senhor fez” – e é este o momento em que realizo o trabalho. Se o paciente não me voltar à mente, terminou o meu trabalho; se me surgir de novo na mente, recebe o tratamento que lhe posso dar.

Realizo também, todos os dias, o que se poderia chamar “trabalho de grupo”, conscientizando, dia e noite, que toda a pessoa que apela para a minha consciência – esteja onde estiver, e seja quando for – possa, sem delongas, entrar em contato pessoal comigo e ter resposta imediata. A única coisa que essa pessoa deve fazer é pedir auxílio e terá a resposta.

Esse trabalho não é tratamento de grupo no sentido habitual do termo; mas pode ser chamado assim porque eu não mentalizo determinada pessoa, trinta, quarenta ou cem pessoas diferentes; mentalizo apenas um grupo de pacientes ou discípulos. Quando entro em meditação em prol de um – o que faço muitas vezes por dia – não acolho no meu consciente quarenta ou cem pessoas diferentes; represento-me apenas que elas, como grupo, são afetadas por opiniões e sugestões mundanas.

A partir daí, o grupo deixa de surgir na minha meditação; a minha meditação focaliza exclusivamente a Deus e o princípio básico: que Deus é a consciência do ser individual. No âmbito desta consciência divina não vigoram leis materiais, não há leis de tempo; não há idéias falsas na mente humana, que é instrumento da Consciência, ou de Deus. Há tão-somente um único Poder, uma única Consciência, uma única Presença – e este Consciência-Deus é a Consciência do grupo.

Graças a esses exercícios de meditação diária – pelos quais muitos de nós, que trilhamos o caminho da *auto-realização*, incluem na sua consciência todos os nossos adeptos – o grupo dos nossos discípulos, que é de âmbito mundial, se conserva relativamente livre da hipnose das idéias comuns – e deste modo se diminuem a culpa, as doenças, a pobreza e as desarmonias humanas na vida deles.

Há tempos em que eu me recordo da minha família, não de cada membro em particular, mas da família como um Todo. E neste caso medito do mesmo modo para ela, como para os meus grupos, à luz da *auto-realização*, na certeza de que Deus é o espírito, a vida e a alma da minha família. Nada pode penetrar de fora, nada posso criar desarmonia ou discórdia, uma vez que toda a lei e toda a soberania vem de dentro – de dentro da Consciência Divina, que é a vida de cada indivíduo e de cada membro da família.

Se eu fosse professor de uma escola, de uma escola dominical ou catecismo, se fosse pároco de uma igreja, meditaria do seguinte modo: primeiramente incluiria a classe ou comunidade em minha meditação; logo depois, porém, as excluiria da minha consciência e me elevaria ao conhecimento de que, nesta igreja ou classe, só atua uma única lei, que é a consciência de cada um dos indivíduos, que totalizam a igreja. “Sobre os ombros de Deus repousa a soberania”.

Outro aspecto do trabalho de grupo poderia relacionar-se com as forças armadas do mundo inteiro. Neste caso, nenhuma pessoa particular seria focalizada, como se houvesse uma verdade para este, e outra para aquela pessoa; mas Deus seria reconhecido como sendo a consciência de cada homem implicado na situação. Esta conscientização abrangeria todos os exércitos, tanto deste como daquele lado.

Como regra geral, convém não realizar tratamento de grupos a não ser nos casos mencionados.

* * *

Sei, como resultado de muitos anos de experiências práticas, que o grau da minha conscientização determina o grau da harmonia, da paz, da prosperidade, da alegria, da saúde e da perfeição dos que se acham no ciclo da minha terapia ou dos meus discípulos. Sirva como concretização o seguinte: nos primeiros anos da minha prática, durante o inverno, não tinha mãos a medir com os chamados para curar gripe, resfriados, pneumonia, casos que ultrapassavam muitas vezes de uma centena. Um dia, porém, no inverno, na Nova-Inglaterra, tive uma experiência que me abriu as profundezas das palavras de Jesus: “Eu e o Pai somos um”. A noite, deixei a sala de visitas, depois de ter atendido, durante a tarde, vinte e nove chamados de pacientes em diversos estágios de resfriados, gripe e influenza. Na manhã seguinte, logo após a minha chegada, vieram seis chamados. Nesse tempo andava eu muito atarefado e, como é natural, sempre estavam tomadas todas as cadeiras do meu consultório, e o meu calendário todo marcado. Neste dia, porém, verifiquei que nada estava marcado para 1 a 2 horas da tarde. Sendo que tal coisa nunca me acontecera, perguntei a mim mesmo: Que foi que aconteceu? Que quer dizer isto?

De súbito, este lampejo me atravessou a mente: Não sou eu que trato disto; nada tenho que ver com isto. Deve ser a vontade de Deus. Deve haver uma razão para isto...

Fechei a porta do consultório, como se houvesse um paciente, sentei-me, fechei os olhos e disse: “Pai, isto tem algum sentido; faze-me saber o que significa!...

Entrei em meditação auscultativa, e, por fim, compreendi isto: Tu não tens diante de ti trinta e cinco casos de resfriados e influenza; tens apenas um – e este é a crença em um Eu separado de Deus. É a crença de que haja na consciência forças que não sejam Deus. Podes tu aceitar algum Poder separado de Deus, a Consciência única, a Inteligência única? Podes admitir uma Potência que atue fora dessa Consciência única, que é Deus?

Era um pensamento impressionante. Durante a tarde desse dia não vieram outros chamados relacionados com esse assunto peculiar. Todos, ou quase todos os pacientes foram curados durante a hora dessa experiência. Assim que a verdade do Ser foi recebida em minha consciência, estavam todos os doentes libertos dos seus males. Não se tratava de atender a cada um deles em particular, nem de pensar neles ou meditar por eles, um por um – o que foi decisivo foi o fato de estar a verdade do Ser registrada em meu consciente. E com isto estava curado todo aquele que havia ingressado no âmbito da minha consciência. Uma vez aceita por mim a verdade do divino Ser, toda a pessoa – sejam trinta e cinco ou trezentas – que entra no meu consciente participa da natureza da verdade que atua na minha consciência.

É este o modo como os males devem ser curados. Quem o fez, anda pelo mundo como uma bênção e um benfeitor. O curador não aplica tratamento a um homem, nem procura ver neles o Cristo – *ele vê o Cristo como o único Ser.*

Vê o Cristo! Sente o Cristo! Experimenta o calor do amor do Cristo em teu próprio Ser! Muitos daqueles que abençoas em silêncio serão curados, e alguns deles encontrarão o caminho da verdade, porque tu lhes abriste o centro espiritual, que até esse momento não estava aberto.

“Eu, quando for elevado acima da terra, atrairei todos a mim”.

TERCEIRA PARTE

EXECUÇÃO PRÁTICA

O problema do nosso corpo

Nos capítulos precedentes foram explanadas as bases da cura pelo espírito. Entretanto, uma simples explicação não produz cura. Mesmo que esses esclarecimentos se tenham tornado inteligíveis – para se tornarem praticamente exequíveis e criarem no homem uma consciência curativa – devem essas regras sair do âmbito da sua generalidade e do puro intelectualismo e concretizar-se em realidades definidas, visando os setores da vida espiritual, psíquica, moral ou econômica.

Um problema que, para muitos é de capital importância, é o da saúde de um corpo doentio ou envelhecido. Mesmo os que estão gozando bem-estar físico não têm clareza sobre a relação vigente entre seu chamado corpo físico e a realidade do mundo espiritual.

Qual é o problema do nosso corpo? Que lugar ocupa ele em um universo espiritual? É este corpo material o Verbo que se fez carne? Que é que vai ressuscitar; o corpo material, ou somente o corpo espiritual? É o corpo material uma manifestação de Deus?

Não estranhe o leitor se lhe digo que existe um só corpo. Não há tal coisa como um corpo material e um corpo espiritual. O corpo é um só. Aqui, como em todos os demais setores da vida, vale o princípio da unidade.

Verdade é que nós temos um *conceito material* do *corpo*. E é este conceito do corpo que nos atrapalha e emaranha em todas as espécies de males; mas o corpo em si não tem o poder de causar males. O corpo não tem o poder de causar o bem ou o mal, de produzir saúde ou doença; é a *nossa concepção* que se revela como corpo sadio ou como corpo doente.

Se o teu conceito de corpo é de caráter material, abres as portas a todos os pecados e males a que o corpo pode estar sujeito. Mas no momento em que rejeitares essa concepção e firmares em ti a consciência de que não há duas, três ou quatro espécies de corpo, mas um só corpo, e que esse corpo é o templo do Deus vivo, governado e mantido por Deus, sujeito somente às leis de Deus – então submetes o teu corpo à graça divina.

Mas, se disseres: “Ao que me parece, nutro uma *concepção* material do corpo”, compreendo isto e concordo contigo uma vez que todo mundo, até certo ponto, tem essa concepção da materialidade do corpo.

Se puderes atingir a compreensão que, embora tenhas essa concepção do corpo material, tu não és um corpo material, pouco a pouco se dissipará esse conceito materialista do corpo, cedendo lugar à compreensão de que não existe poder algum no mundo visível, que não há poder algum no corpo, nos órgãos e nas funções do corpo, assim como não há poder em bactérias e no alimento. “A mim me foi dado todo o poder.”

Então compreenderás que não tens saúde porque teu coração funciona normalmente – mas que teu coração tem saúde porque tu existes harmoniosamente. Tu não andas porque as tuas pernas funcionam bem – mas as tuas pernas andam porque tu és harmonioso. Fisicamente, tu tens saúde somente porque o teu corpo é sadio; mas espiritualmente tens saúde e integridade porque a tua integridade governa a atividade do teu corpo.

Tu és que dominas o teu corpo pela conscientização da tua verdadeira natureza e esta consciência reverterá em saúde também para todos aqueles que se dirigem a ti.

Suponhamos que o Sr. Fulano de tal se tenha dirigido a ti por causa do seu estado de saúde; possivelmente, ele mencionou que se tratava de gripe, que, nesse tempo, grassava em sua zona, assumindo caráter quase epidêmico. Ao fazeres o tratamento, tu conscientizas, antes de tudo, que o doente é vítima da sugestão de uma personalidade que se julga separada de Deus, e isto te dispensa da obrigação de pensares ulteriormente no paciente e no seu estado. A inteira verdade de que sabes se refere a Deus, e o tratamento decorre inteiramente no plano de Deus.

Se Deus é o Ser Infinito, então não existe nenhum outro Ser: não existe tal coisa como um “Ser Fulano de tal”, ao lado e separado do “Ser-Divino”. Não pode haver Deus como Ser Infinito e mais um outro Ser ao lado de Deus. Deus é o Bem Universal que tudo abrange, e fora desse Bem não há nada.

Além disto, se Deus é ilimitado, então deve Deus conter em si toda a lei e ser a única lei. E isto exclui toda a possibilidade de outras leis ao lado da lei de Deus. Por isto, não podem vigorar, no âmbito espiritual, leis materiais; nesse âmbito não podem atuar leis de injeção ou de contágio. Nem tampouco existem leis que causem enfermidades físicas. Existe tão-somente a Lei-Deus, a Lei-Espírito-perfeita, integral, harmoniosa, operando sozinha e por toda a parte. Não há nada que se possa opor à lei de Deus, que se possa afirmar contra ela – Deus somente é lei.

Deus é a vida única, a tua vida, a minha vida. A vida de Deus não pode jamais estar doente ou enfraquecida; assim como não pode sucumbir a influências externas de qualquer espécie, fora do próprio Deus.

O tratamento, em sua totalidade, se desenrola no plano de Deus, dentro da conscientização de Deus como sendo a vida de cada indivíduo, como sendo a lei de cada um, como lei individual, como Espírito divino em forma de substância individual – dentro da conscientização de Deus como a Causa Única. Ora, se Deus é a Causa única, então deve Ele ser também o Efeito único, e, se Ele é o Efeito único então está, com isto, terminado o tratamento. O curador não tem de tratar de nenhuma outra coisa sendo só de Deus – Deus como *causa*, Deus como *efeito*. Deus como *lei*, Deus como o verdadeiro *ser* de cada indivíduo.

Com o auxílio da primeira parte do tratamento, o curador se elevou acima de todo temor e de todas as aparências. A aparência era de um Fulano de tal com o seu caso de gripe; mas, enquanto o curador permanecia imerso na esfera da perfeição divina, esqueceu-se do Fulano de tal e de seus problemas; habita no lugar sagrado de Deus e dos seus anjos. Chegou a seu término o papel do tratamento – e, depois disto, o curador assume a atitude de auscultação, como se de fato esperasse ouvir uma voz.

Cedo ou tarde, vem como que uma respiração profunda, como se algo engatasse, por vezes também uma mensagem; geralmente, porém, um sentimento de libertação. A responsabilidade desapareceu – e passou para os ombros de Deus... Com isto terminou o tratamento, na zona da atividade humana, e o curador lhe pôde pôr ponto final, porque o assunto passou para o plano divino, onde o homem deixou de ser responsável.

Seis, oito ou doze horas mais tarde, possivelmente, o Sr. Fulano de tal se fez ouvir e participa “estou piorando”, ou “estou melhor”, ou “estou de perfeita saúde”. No último caso, terminou o tratamento. Mas, se piorou, ou se continuou na mesma, ou se melhorou apenas um pouquinho, pode ser que o curador resolva retomar o tratamento. Torna ele a retirar-se então, não com as mesmas palavras e pensamentos, mas sempre manterá o seu diálogo no céu e conscientizará o tratamento unicamente no plano de Deus. Não conscientize nada senão a verdade sobre Deus, porque tudo quanto ele sabe da verdade sobre Deus é também a verdade sobre ti, sobre mim, sobre Fulano de tal. É isto uma consequência natural do fato de que Deus é infinito: Deus é infinito, e, por conseguinte, não há nenhum tu, nenhum eu, nenhum Chico da Silva que não estejam em Deus e não venham de Deus, como manifestações da Divindade. Se Deus é infinito, ilimitado, onipresente, ninguém pode achar-se fora de Deus; e pelo fato de estarmos em Deus e sermos partícipes de Deus, é toda a verdade sobre Deus também a verdade sobre qualquer indivíduo particular.

Em quase todos os casos que enfrentarmos teremos de encarar uma ideologia humana ou material sobre a eficácia de uma lei, quer se trate de uma lei de contágio ou infecção, quer de uma lei de decomposição ou fratura. A tudo isto subjaz uma lei inventada pelo homem, a qual, em sua substância, deve ser reconhecida como um fenômeno hipnótico.

Pode o problema ser oriundo de uma doença orgânica ou funcional; e durante o tratamento, o curador compreenderá que, assim como as folhas e os caules não governam a vida de uma planta, mas que são governadas pela vida, da mesma forma os órgãos e funções do corpo não governam a vida, mas a vida é que governa os órgãos e as funções do corpo. Enquanto a vida flui através da planta, ela prospera; as folhas e os caules não são senão a expressão externa da energia vital interna.

Do mesmo modo, não são o coração, o fígado ou os pulmões que determinam a vida, Deus é a vida, e a vida não pode ser afetada pelos órgãos e funções do corpo. Por isto, tu não tens de preocupar-te com a idéia se eles agem de acordo com as leis da medicina. Pela inversão dessas leis e pela compreensão de que a vida governa todas as atividades do corpo, esta funcionará com harmonia e sem dor alguma. A luz desse conhecimento sobre o verdadeiro governo do corpo, não desce o homem ao nível do corpo; pela compreensão de que a vida governa o corpo retificamos a crença de que o corpo possa afetar a vida. O coração não poderia pulsar, se a vida não pulsasse nele; os órgãos digestivos e eliminatórios não poderiam trabalhar, se neles não trabalhasse uma inteligência e uma vida, permeando esses órgãos, atuando sobre eles e através deles.

Não há razão para temer os órgãos e as funções do corpo. Não reside neles nenhum poder de destruição, de morte ou de enfermidade; porque em todo o ser humano se acha implantado o poder de Deus, que é a ressurreição até do corpo morto, dos órgãos mortos, das funções extintas e dos músculos mortos. Na consciência individual é que jaz o poder da ressurreição.

O Verbo se faz carne. Será que o Verbo modifica a sua natureza quando se faz carne? Não! Tampouco modifica a sua natureza como a água não se modifica quando se torna gelo ou vapor; em todos os casos ela conserva as suas propriedades de água. Bem assim também acontece quando o Verbo, Deus, se torna carne; não modifica a sua natureza. Continua a ser a Realidade ou Substância autocreadora e autoconservadora, que contém em si a lei, a causa e a atividade das formas em que se manifesta.

A compreensão de que Deus é o princípio dominador de tudo quanto existe, como sendo a Realidade única e a lei única, essa compreensão consciente dissolve todas as aparências que o mundo chama doença, pecado, angústia e morte. Quando o homem vive do ponto de vista de conceitos e de crenças, a sua experiência é a manifestação dessas crenças. Mas a atividade da verdade

na consciência é o Verbo de Deus que se faz carne em uma vivência harmoniosa.

Embora não seja fácil realizar isto, e ainda que o homem seja tentado a se apegar às aparências, é necessário que o homem reconheça que isto não passa de sugestão e hipnose e se volte imediatamente para a Realidade, que é Deus. O tratamento deve manter-se no âmbito chamado Deus, ou Realidade, e unicamente dentro da Verdade, que é Deus. Não há nenhuma verdade sobre o corpo físico, porque esse não passa de um simples conceito. Deus é o princípio que anima tudo quanto existe. Não faça pouco caso desta afirmação, porque cada dia e a todo momento enfrentará as leis “deste mundo”. O teu tratamento está baseado na realidade de que somente Deus é a lei.

Sendo Deus infinito, infinita é também a lei. Por isto, a única lei que pode existir é uma lei espiritual, e esta lei espiritual é a única que atua na experiência individual do homem, animando o ser e o corpo. Não há nenhuma lei material, lei mental ou lei moral a ser superada. Eu reconheço uma única lei somente, e esta é a infinita lei de Deus, lei eterna e infinitamente onipresente. A lei, que Deus é, é a Onipotência. Não há outras leis que a essa lei única se possam opor. Ela é a lei única, a lei total, a lei espiritual, ao lado da qual não existem leis materiais, leis mentais, leis morais, leis físicas. Há somente uma lei única, e essa lei é Deus.

Não tente o curador querer superar leis materiais, leis psíquicas, leis morais ou outra lei qualquer. Esteja sempre consciente de que tem de tratar com uma única lei. Tudo que de contrário se lhe apresenta não é mais do que uma *concepção material* da lei. Basta que ele reconheça a lei espiritual como a lei única, e todos os outros aspectos de lei desaparecerão.

No momento em que o homem enfrentar qualquer problema deve despertar em si imediatamente a consciência da natureza do problema como sendo uma concepção material ou uma hipnose. E logo a palavra “Deus” lhe surge na consciência, eclipsando logo todo o conceito em torno de pessoas, condições e circunstâncias.

Lembro-me do pedido de socorro de alguém que caíra em uma vegetação de hera-venenosa¹ e sofria os sintomas maléficos que essa planta produz. Imediatamente me veio a resposta, mais rápida que qualquer pensamento consciente: Deus, que fez tudo quanto existe, é o elemento básico e o atributo de todas as coisas e, portanto, o efeito único deve ser algo que esteja em harmonia com a essência divina.

1. A hera-venenosa (*poison ivy*) é, nos Estados Unidos, uma das maiores pragas da flora; é uma planta rasteira, parecida com a nossa hera de jardim, mas que produz efeitos muito mais dolorosos e violentos do que a nossa aroeira. Basta o contato com a pele para que, pouco depois, a vítima sinta a epiderme inchada e ardente; aos poucos se formam emplasas como de

queimaduras, cheias de um líquido amarelado, que abrem em chaga viva, se não houver remédio eficiente, desde o início (N. do T.).

Segundo as aparências e de acordo com a crença humana há propriedades que se coadunam com a idéia de que temos de Deus, e não adianta negá-lo, porque, segundo o conceito humano, isto é evidente. Entretanto, quem se acha no caminho da auto-realização, nada tem que ver com as aparências. A essência do tratamento está no preceito: “Não julgueis segundo as aparências, mas julgai consoante julgamento justo”. Quando o homem julga segundo as aparências, tem que ver com os poderes deste mundo.

Não negues as aparências de desarmonias físicas, mas reconhece Deus como a realidade que está por detrás de todas as formas. Deus é sempre a substância ou realidade da forma, quer esta apareça como uma roseira quer como uma hera-venenosa. Enquanto não te habituares, mediante uma prática persistente, a enxergar a realidade através das aparências, acharás difícil compreender que Deus seja o princípio que anima todas as coisas existentes. A aparência pode ser chamada hera-venenosa, roseira ou tumor, mas não há realidade substancial nestas coisas. A verdade é que Deus é a realidade de tudo quanto existe.

Quando és capaz de ver Deus através das aparências como sendo a substância em todas as formas, não terás medo de ver uma planta venenosa ou um tumor maligno, porque compreenderás que isto não passa de uma falsa interpretação daquela realidade indestrutível, que não é afetada por pecado, doença, temor, preocupação, ódio, inveja, ciúme ou maldade. Esta realidade indestrutível contém em si mesma o poder da autocreação e da autoconservação. Habitua-te a conscientizar diariamente o seguinte:

Meu corpo não é nem qualidade nem quantidade do bem ou do mal. Não tem saúde nem doença, não é pequeno nem grande, não conhece vida nem morte. Meu corpo é o templo de Deus, é a Realidade-Deus expressam forma de corpo, incluindo todas as qualidades e quantidades que perfazem Deus, o Eu-Sou, a Alma. Meu corpo não é jovem nem velho, ele é antigo como Deus e novo como cada dia recente.

Meu corpo não é governado por leis materiais nem mentais, mas pela graça de Deus, porque “teu é o reino, o poder e a glória”. Deus é a luz do meu corpo. No meu corpo não há treva material nem ignorância mental, porque Deus é a luz do seu templo sagrado, que é meu corpo. Deus se desdobra e revela e manifesta como corpo – como templo, lugar de paz e de santidade. A graça de Deus mantém e sustenta o seu corpo – que é meu corpo.

Evolução espiritual

– sem nascimento nem morte humanos

No mundo de Deus havia luz antes que o Sol aparecesse. No mundo de Deus houve colheita antes que a semente fosse semeada. Com outras palavras: não houve processos materiais. É este o mistério de Melquisedec: não tinha pai nem mãe, nenhum processo físico fora causa da sua existência.

Não sabes, leitor, que é também esta a verdadeira vida, tua e minha? Não compreendes que, em nosso verdadeiro ser, nós somos como Melquisedec? Não temos pai nem mãe. “Não chameis a ninguém pai sobre a terra – um só é o vosso pai, aquele que está nos céus.”

No plano do sonho de Adão há encarnação sobre encarnação mas em nossa verdadeira natureza não há nascimento nem morte – há tão-somente o Eu.

Eu estou atrás de mim, do meu ego. Eu sei de tudo que acontece a essa pessoa chamada ego, e a essa coisa chamada corpo – mas eu não sou idêntico a nada disto. Eu sou, e eu era, antes de ser concebido no ventre de minha mãe – e eu serei mesmo depois de passar pelo portal da morte. Eu hei de presenciar todos esses fatos, olhando-os à distância. Serão fatos que acontecerão ao meu ego, ao meu corpo – mas não a mim, ao meu Eu – assim como também o meu nascimento não aconteceu ao meu Eu.

Eu sei que sou o Eu; sei que o Eu assumiu esta forma, transmudando-a desde a infância através da juventude, progredindo rumo à maturidade, e daí para a velhice. Tenho a consciência de que este processo de mutação continuará até que, um dia, eu ultrapassarei esse plano material, atingindo a verdadeira identidade ou forma do meu corpo, seja ela qual for, porquanto, há um Eu, e eu sou esse Eu. O meu Eu aqui está como testemunhas assistindo a todo esse processo.

Eu sou consciente de mim como pessoa, assim como sou consciente do meu corpo. Eu sou consciente de ti como pessoa, eu sou consciente de ti como corpo; por vezes também sou consciente da tua verdadeira identidade. Quase que sinto a tua verdadeira realidade, que jaz oculta para além dos teus olhos.

Isto és tu; essa realidade está lá onde tu estás. Essa outra coisa aqui fora é apenas um invólucro, uma forma que assumiste na vida terrestre a fim de te poderes manifestar.

Concepção e nascimento não passam de formas de crenças humanas. O que se designa por concepção e nascimento de uma criança não é, na realidade, outra coisa senão o próprio Deus em vias de evolução, em um processo de revelação e manifestação existencial. Quando tenho de tratar com nascituros ou recém-nascidos, me sobrevêm frequentemente, como primeira idéia, o pensamento de que não existe no mundo inteiro tal coisa como uma criança. Para o não-iniciado pode essa idéia ser estranha e paradoxal; mas, pensa por um instante e considera que Deus sempre se acha em estado de absoluta perfeição. Se a tua potência visual fosse mais desenvolvida, verias que a colheita já terminou antes de semeares o grão. Assim também acontece com toda a criança.¹

1. Para compreender essas e outras afirmações paradoxais não se esqueça o leitor de que o autor, de acordo com os grandes filósofos e psicólogos de todos os tempos e países, fez nítida distinção entre a *Realidade do Ser* (Essência) e as *facticidades do existir* (Existência). A Essência ou Realidade é toda *simultânea* (como um filme de cinema enrolado na cabine, antes da projeção na tela) – ao passo que a existência das facticidades é *sucessiva* (como as figuras do filme, quando projetadas na tela). A Realidade simultânea é a verdade, ao passo que as facticidades sucessivas são mera ilusão. Pelos sentidos e pelo intelecto vivemos na zona das ilusões (ego) – pela razão intuitiva (Eu) vivemos no mundo da verdade. O passo decisivo na evolução do homem está em ultrapassar a ilusão existencial e entrar na verdade essencial (N. do T.).

Perguntar-me-ão: Mas como é então que o homem se desenvolve desde a infância até a maturidade, e da maturidade à velhice?

O que percebemos é apenas o desenvolvimento da nossa idéia sobre o nascimento humano, sobre crescimento, maturidade e velhice – mas não percebemos o nascimento e crescimento do ser espiritual, do filho de Deus. É como quem observa a projeção de um filme na tela de um cinema, filme que já existia pronto, enrolado na bobina; vemos como, no tempo e no espaço, se desenrola, do princípio até o fim; mas a película já era a história completa antes de ser exibida na tela através de tempo e espaço. De modo análogo, é o crescimento de uma criança uma atuação de Deus, que se desenrola no tempo e no espaço. Na realidade, tudo já existia, perfeito, desde o princípio; possuía plena maturidade; tinha o seu ser completo desde o início – sempre teve, sempre tem e sempre terá essa plenitude. Uma conscientização como esta é um tratamento, em todos os casos, para crianças nascituras ou recém-nascidas. Deus como Deus não pode ser concebido, Deus como Deus não pode nascer – mas Deus como criança pode ser concebido e nascer. Nem a vida de Deus, nem o espírito de Deus, nem a essência de Deus podem nascer – mas podem desenvolver-se, no plano da existência, na forma de um ser individual.

No plano humano, há o sêmen do homem e o óvulo da mulher – e ninguém sabe como essas sementes são implantadas no indivíduo. Mas... quem poderia produzir isto senão a própria vida? E não são as sementes o produto da vida? Foi a vida que as criou, e é a vida que atua através dessas substâncias de modo que nem sempre continuam a ser simples sementes. Graças ao poder vital, essas sementes mudam as suas formas, e, com o tempo, essas formas em transmutação se tornam testemunhas viventes. Será que pai e mãe são os criadores do filho – ou são eles apenas os canais e instrumentos através dos quais a criança entra em uma manifestação visível? Também do ponto de vista humano existe uma força espiritual ou invisível por detrás das sementes que produzem a vida.

Se Deus é essa força, então tudo que podemos herdar dessa Divindade Pai-mãe é a irradiação da vida única – vida que se expressa, se auto-revela e se automanifesta em formas várias: vida que se revela em forma individual, universal e impersonal. E por isto não pode essa irradiação vital possuir propriedades que não tenha recebido da sua fonte e origem. As propriedades, a natureza e a essência da Divindade se revelam como sua expressão na vida do indivíduo.

É claro que, no plano fenomenal, existe tal coisa como humanidade, e existe a idéia de uma existência individual separada de Deus. Quando surge um problema que parece ter a sua origem na hereditariedade, devemos considerar que Deus é a vida única e a essência da herança divina. Devemos considerar que a herança do homem é espiritual, é vida e verdade, amor, alegria e paz, é poder e domínio. Devemos focalizar as palavras da Escritura: “Nós somos filhos de Deus e co-herdeiros do Cristo”. Que outra coisa poderia, por conseguinte, ser o quinhão da nossa herança senão vida e amor?

Compreendes agora o que quer dizer: “Não chameis a ninguém pai sobre a terra, porque um só é vosso pai, aquele que está nos céus”? Se não chamares a ninguém pai sobre a terra, então terás um só pai. Não tens pais aqui na terra; por isto, a paternidade que tens não é de raça preta nem branca nem amarela, não é oriental nem ocidental. Todos os homens têm o mesmo pai, o pai que está nos céus, o único princípio creador espiritual. Cada homem é filho de Deus. Não importa que uns sejam mais cultos que outros, que uns sejam mais eruditos, mais avançados, devido ao ambiente e às circunstâncias. Ora, se há um só pai, um só princípio creador, então tu és herdeiro de todas as riquezas celestes. Por ti mesmo não és nada, mas, graças à tua filiação divina tu és tudo que Deus é; tu tens tudo que Deus tem, porquanto filho meu, tu estás sempre comigo, e tudo que é meu é teu”.

Entretanto, quando tentas aplicar praticamente esse princípio de filiação divina, logo esbarrarás com certas limitações em ti e nos outros. Parece que todo homem experimenta, cedo ou tarde, esta ou aquela deficiência em virtude da

sua hereditariedade ou devido a outras circunstâncias – experimenta falta de inteligência, falta de oportunidades, falta de instrução, falta de estabilidade econômica, falta de ensejo para se manifestar devidamente. Mas, se ponderares o sentido do ensinamento acima exposto, estarás convencido da verdade e saberás como interpretar qualquer indício de limitação.

Podem os cinco sentidos falar de deficiência ou limitação, mas eu dou fé somente a esta verdade única: Eu e o Pai somos um, e tudo que o Pai tem é meu. Recebi a minha filiação divina e me reconheço como herdeiro de Deus, herdeiro de todos os tesouros celestes – da inteligência e de ilimitadas possibilidades. O Pai não negará a seu filho amado nenhum dos seus bens.

Pondera isto e mantém-no ante teus olhos. Pode ser que venham dias, semanas, meses em que sintas falta dos bens da vida com persistente e crescente veemência – mas esses períodos são o tempo do teu teste. Darás crédito e cederás às circunstâncias aparentes – ou permanecerás fiel à tua convicção?

O filho divino do Pai celeste nunca admitiu, nem jamais admitirá tal coisa como limitação de qualquer espécie. Deus é meu Pai, Deus é meu Princípio Creador, e o filho é herdeiro de toda a inteligência e de toda a sapiência do Pai. Deus é qualidade e a quantidade do filho, ele é a substância do filho. Eu sou da família de Deus, sou descendente de Deus, não de homens.

A consideração da verdade de que não somos produto de descendência terrestre, mas que o espírito de Deus é o nosso princípio creador, liberta-nos das estreitas limitações da geração humana. Deixamos de nos mover no plano humano, expostos aos altos e baixos das marés e vazantes do destino terrestre. Transcendemos esse nível e, finalmente, compreendemos a significação das relações espirituais como a relação fundamental humana entre pais e filhos.

Assim como a mensagem deste livro não é minha, mas flui apenas através de mim como de um canal, assim são também os pais apenas os instrumentos pelos quais os filhos vêm ao mundo. E, embora os pais tenham uma função necessária na vida de cada indivíduo humano, não são contudo os creadores de seus filhos. Deus é a fonte, os pais são canais através dos quais fluem as águas da fonte, para que os filhos apareçam no mundo como filhos de Deus.

Esta compreensão de que a única vida que existe é Deus e que não está sujeita a crenças humanas, é o caminho para manter a vida e vitalidade do corpo em toda a sua perfeição absoluta. Por isto, a vida não está sujeita a concepções subjetivas; está sujeita tão somente a si mesma, isto é, a Deus, que é a essência e a lei única da vida.

Quando te encontras na zona que se chama Deus, que é que vês? Vida! Que idade tem a vida? Qual a duração da vida? Qual a natureza da vida? Que é que tu sabes da vida, do ponto de vista espiritual?

Vida é o vocábulo que, provavelmente, mais vezes do que outro qualquer usamos quando tratamos com pessoas que sofrem de velhice ou debilidade. E sempre de novo surge a pergunta: qual é a natureza da vida? E a resposta é esta:

Deus é a vida; e nessa vida, que é Deus, não há anos. A vida contém em si mesma a semente da perpetuidade. Tem em si a lei da continuidade, da imortalidade, da eternidade. E esta vida eterna e imortal, que é Deus, se manifesta como existência individual. Não emos de tratar com idade, porque eu não tenho a vida humana que possa ser melhorada ou prolongada; eu tenho de tratar somente da vida divina.

Não temas a concepção humana da vida ou sua perda. Essa concepção humana da vida não é a tua vida verdadeira. A tua vida verdadeira é a que estás vivendo em tua alma. É esta a vida real, é este o teu verdadeiro ser. O teu corpo não governa a tua vida, a tua vida é que governa o teu corpo. A vida é, na verdade, o princípio que anima o corpo. Não é o corpo que te influencia, tu é que influencias o corpo. O corpo não é lei para tua vida, a tua vida é que é lei para o teu corpo. O corpo não controla a tua consciência, a tua consciência é que controla o teu corpo.

Nenhuma religião ou doutrina, por mais elevada, consegue manter o homem para sempre sobre a terra, visivelmente; inevitavelmente todos desaparecem dos olhos humanos. Entretanto, na medida da nossa progressiva iluminação, já não consideramos esse desaparecimento como acontecimento trágico; os iluminados compreendem que não é segundo o plano divino que os homens vivam sempre aqui na terra, na forma atual.

Assim como ultrapassamos a nossa infância, entrando na adolescência, assim também teremos de ultrapassar toda a nossa vivência terrestre; e, para o homem que não se agarra freneticamente à presente forma de vida, será essa transição para outra forma uma progressão inteiramente natural. Convém que cedo comecemos a encarar o fim da vida terrestre, não com terror, como se fosse o fim de alguma coisa bela: não é o fim; é um novo princípio. É apenas o termo de uma fase evolutiva, e o princípio de outra fase.

É bem compreensivo que, se esta vida fosse permanente aqui, homens que muito contribuíram para a vivência terrestre – como Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Elias, Eliseu, Jesus, João, Paulo, Krishna, Buda, Lao-tse – continuariam a ser visíveis para nós. Mas, com todo o seu saber e toda a sua extraordinária contribuição para a prosperidade humana, teve cada um deles

de progredir para outro campo de atividade – e o mesmo acontecerá a todo ser humano.

A obra da terapia espiritual não deve ser encarada como se a sua finalidade estivesse em segurar cada um de nós, para sempre, na vida terrestre. Não é este o escopo da cura. A sua finalidade é o renascimento espiritual, para que cada um, pela expansão da alma, se torne idôneo para experiências superiores, não só aqui na terra, mas também no meio daqueles que possa encontrar em outros planos de existência, quando ele deixar a terra. Não pensemos um só instante que os homens que acabo de nomear, e muitíssimos outros que poderia citar, estejam mortos. Não pensemos jamais que eles estejam menos vivos e ativos do que no tempo em que viviam visivelmente aqui. Não duvidemos um segundo sequer de que eles estão continuando a sua missão espiritual, pois são eles os autores do progresso espiritual que em nossos dias começa a manifestar-se. É a verdade que eles conscientizaram; é a verdade que eles representavam na terra, e que ainda agora representam, verdade que se reflete no caminho daqueles que procuram viver espiritualmente. E é esta a razão por que esses grandes vultos continuam a viver nos seus escritos, conforme disse o Mestre: “As minhas palavras não passarão”. Quem for capaz de se elevar devidamente ao nível da consciência espiritual receberá e conservará essas mensagens do espírito, às quais, através da palavra escrita, são canalizadas para a consciência.

Toda vez que uma inspiração te atinge interiormente procede ela de Deus; mas, será que existe um Deus à parte e separado da sua forma como ser individual? Não! Deus se exprime sempre e por toda a parte como um tu individual, como um eu individual, e esse processo de expressão se perpetua por toda a eternidade. Todo homem pode descobrir isto em si mesmo, mediante a experiência mística, e pode encontrá-lo testificado nas mensagens dos grandes místicos de todos os tempos e países. Os místicos – os videntes e profetas, quer do Antigo, quer do Novo Testamento² – disseram isto, de modo simples e claro, de maneira que a sua mensagem não se podia perder. Mas foi precisamente essa simplicidade deles que cegou os homens e lhes velou o verdadeiro sentido: “Não te abandonarei nem te deixarei... Antes que Abraão fosse, eu sou... Eu estou convosco até à consumação dos séculos”.

2. Goldsmith, nascido e educado em um ambiente bíblico, nem sempre consegue universalizar a sua visão espiritual, como se fora da Bíblia não houvesse videntes, profetas e místicos. O que Mahatma Gandhi, nestes últimos tempos, disse e fez, ultrapassa tudo o que muitos dos autores do Antigo Testamento disseram e escreveram; é ele, sem dúvida, o mais autêntico discípulo do Cristo, nesses últimos séculos. Os seus princípios básicos de não-violência (*ahimsa*) e amor-à-verdade (*satyagraha*) são a mais deslumbrante vivência real do Sermão do Monte. E a libertação da Índia, sem derramamento de sangue nem ódio, mas somente pelos supremos princípios da verdade e do amor, é bem a realização histórica das palavras do Cristo: “Vós fareis as mesmas obras que eu faço, e fareis obras até maiores do que estas”.

Toda a promessa, do Antigo e Novo Testamento, que se refere à palavra “Eu” é garantia da tua imortalidade. Como poderias separar-te do *Eu* da tua essência? Dela não te separou o nascimento, dela não te separará a morte, nem algum acontecimento casual. *Eu* não comecei ao nascer; *Eu* não acabarei ao morrer; *Eu* estou contigo antes que Abraão existisse. Jesus não disse que estaria conosco, mas sim que está conosco, na forma do Cristo; ele, o *Eu* crístico, está conosco todos os dias, através de todos os tempos. Se ele dissesse que estaria conosco até ao fim dos dias, não haveria religião cristã em nossos tempos, porque hoje o Jesus humano não está mais aqui.

Também tu poderás dizer esse *Eu*, e encontrá-lo sempre dentro de ti – esse teu *Eu* crístico. Se estás doente, encontrarás em ti esse *Eu*. Quando se aproximar a tua última hora terrestre, o *Eu* estará contigo. Quando cruzares a fronteira chamada morte, então esse *Eu* te carregará para o além, porque o *Eu*, a tua identidade individual, não poderá jamais ser extinta³.

3. É certo que esse *Eu*, a minha identidade individual, minha alma, não poderá jamais ser extinto por um fator externo, por alguma facticidade de fora, – mas poderá ser extinto pelo poder do *livre-arbítrio* interno, se esse poder funcionar em sentido negativo. “Não temais aqueles que apenas podem matar o corpo – teme aquele que pode também perder a alma”. “A tal ponto amou Deus o mundo que lhe enviou seu Filho Unigênito para que todos os que tenham fidelidade com ele não pereçam, mas tenham a vida eterna...”. “Quem tiver fidelidade a mim não morrerá para sempre”. Nenhum homicídio físico pode extinguir o *Eu*, mas somente o suicídio metafísico o poderá extinguir (N. do T.).

Uma vez que descobriste a Deus como sendo o *Eu* do teu ser, a tua permanente identidade, nada tens que temer. Se fores dormir nos inferos, lá estou *Eu*. Se andares pelo vale das sombras e da morte, lá estou *Eu*. Nada tens que temer, enquanto tiveres consciência da minha presença, *Eu*, o teu *Eu* divino, está contigo. E se errares pelos desertos, esse *Eu* te preparará um lauto festim no meio da solidão; guiar-te-á para o oásis; conservar-te-á em harmonia até que encontres esse oásis e te conduzirá a ele. *Eu, Eu, Eu* – o centro do teu ser.

No reino espiritual não há forma temporal de futuro. Convém que o homem grave na memória o seguinte: no reino do espírito, no reino de Deus, no reino da paz, no reino da alegria, do poder e do domínio, não há tempo futuro; não há tempo algum; há tão-somente o eterno AGORA, e nesse AGORA estou *Eu*. Para conceitos humanos, pode isto significar um leito mortuário, um extravio no deserto, um naufrágio em pleno mar ou uma asfixia no meio de um incêndio – é isto algo que talvez o momento afirme – mas a resposta é: EU SOU. Não há tempo futuro. Ninguém poderá ser salvo no futuro, como não pôde ser salvo no passado.

Não importa o que digam o relógio ou o calendário – é sempre AGORA, e será sempre AGORA. E é nesse AGORA que *Eu* estou em teu meio e sou a tua salvação. A resposta a toda dificuldade é a palavra AGORA – eu sou agora. É

agora que estou realizando a obra de meu Pai. E qual é essa obra de meu Pai? É a glorificação de Deus. É só por isto que estás vivo e com saúde, para que se manifeste a glória de Deus. É esta a única razão da tua existência – para que a graça de Deus se manifeste.

Todo homem que tem medo não tem Deus. Medo é ateísmo. Medo é a convicção de que não há Deus. No momento em que o homem tem Deus não tem medo. Que poderíamos temer? Andar pelo vale das sombras da morte? E por que temer isto? Não terá cada um de nós de deixar um dia, este cenário da consciência terrestre? Não é que, durante a guerra, mandamos para a frente de batalha jovens de dezoito, dezenove e vinte anos, para morrerem – e não hesitamos em fazer tal coisa? E por que temeríamos nós isto que fizemos aos outros?

Deixar o cenário terrestre não é morte, é morte somente para os que têm medo – e eles despertarão e verão que fúteis eram os seus temores, uma vez que a partida deste plano não é mais do que uma transição para outro. Cada um de nós tem de fazer essa transição – ou pensas tu que tu e eu possamos abrir exceção? Achas que tu e eu não teremos de passar pela mesma experiência? Não está no plano de Deus que o homem viva para sempre nesta terra, assim como ninguém pode viver para sempre como criança ou como um jovem de trinta anos. Provavelmente, nós, se fôssemos Deus, faríamos arranjos para que cada um de nós permanecesse para sempre no plano dos trinta ou cinquenta anos sadios e vigorosos. Para nós, isto talvez correspondesse à idéia de um mundo ideal; se assim fosse na verdade, certamente Deus teria tomado providência neste sentido.

A nossa vida é eterna e imortal. Quer tenhamos seis, ou sessenta ou seiscentos anos – sempre vivemos. O corpo é que está sujeito a mudanças; passa do corpo da criança de peito para o do infante, do jovem púbere, do homem adulto – mas não deveria jamais caducar no estado da velhice – deveria permanecer sempre em estado de sadia maturidade. Então se daria diretamente aquela transição para a próxima fase de existência, que é apenas uma continuação da nossa atividade no plano da vivência atual.

Qual é o modo de existir do homem quando deixa o plano terrestre? Uma coisa é certa: que os que não vivem espiritualmente não se tornarão espirituais só pelo fato de terem morrido. É fora de dúvida que acordarão no mesmo nível de consciência em que deixaram a terra. Aqueles, porém, que se acham no caminho espiritual – e isto sei eu, não por vaga opinião, mas por experiência interior – atingirão imediatamente, após o seu passamento, um plano superior de consciência, mesmo que não tenham feito grandes progressos nesse caminho. Com outras palavras: para quem se acha no caminho espiritual – a própria passagem pela morte é um processo de libertação daquilo que está relacionado com a existência material. Isto não quer dizer, naturalmente, que

faríamos bem em pular pela janela para morrermos de vez porque semelhante ato agravaria ainda mais a prisão material.

Mas o passamento em si, mesmo que este seja devido a doença ou acidente, parece representar para os que se acham no caminho espiritual uma libertação de uma boa parte dos conceitos materiais da existência, e os assim libertos ingressam imediatamente em um nível superior de consciência.

O último passo, porém, está em que cada homem individual alcançará, um dia, a plenitude da consciência cósmica. Entretanto, parece que ninguém sabe quantos dias, semanas, meses, anos, séculos ou milênios durará esse processo; nem sabemos quantas vezes teremos de voltar a essa dimensão de consciência humana, para novas oportunidades de aprendizagem.

Uma coisa é certa, que tu mesmo não escolheste esse caminho espiritual; na qualidade de Eu humano nem tinhas o poder para tanto, provavelmente, como Eu humano, terias recusado esse modo de viver, porque a vivência espiritual não favorece o conceito *material* que tens do bem; revela um mundo de um bem *espiritual*. Por isto, aqueles que julgam poder melhorar a sua saúde física e a sua prosperidade material por meios espirituais têm de aprender ainda muitas coisas; e a primeira dessas lições seja talvez esta: que abram mão dessas suas metas materiais e só procurem a sua realização espiritual em Deus. As coisas externas são aditamentos subsequentes, mas nunca poderão ser a meta. A meta da vida espiritual consiste em despertar em si a imagem e semelhança de Deus e realizar a identidade espiritual do Cristo, o Filho de Deus.

A relação da unidade

O nosso mundo, teu e meu, é a imagem da nossa consciência. Se esta nossa consciência estiver repleta de verdade, então se manifestam em nosso mundo ordem, harmonia, prosperidade, paz, alegria, poder e domínio. Mas, se em nossa consciência não estiver presente a verdade e sim conceitos de valores materiais e ideologias mundanas, então o nosso mundo assumirá o colorido do acaso, da instabilidade e do caos, que caracterizam os conceitos dos mundanos. Todas as circunstâncias refletem a atividade da consciência do respectivo homem.

O teu mundo está contido em tua consciência; é o reflexo da tua conscientização, porque a tua consciência é que governa o teu mundo. O conhecimento que tens da verdade se torna lei para o teu mundo; mas, por outro lado, também o teu desconhecimento da verdade se torna lei para o teu mundo. Assim, por exemplo, não existe nenhuma lei das trevas, porquanto, como sabemos, a luz dissipa as trevas; a presença da luz é a ausência das trevas. Mas, na ausência da luz, as trevas firmariam a sua (suposta) presença. Da mesma forma, na ausência da verdade em tua consciência, estariam presentes em ti a ignorância, mentiras, ilusões, confusão e desarmonia. Por isto, em face da deficiente atividade da verdade em tua consciência, o teu mundo será o reflexo de casualidades, de sorte fortuita, de opiniões humanas, conceitos sobre medicina, convicções astrológicas. Mas a verdade, quando atua em tua consciência, se torna lei de harmonia para a totalidade do teu mundo, e tudo que te concerne espelha essa harmonia da tua consciência.

Suponhamos que te encontres em uma sala cheia de pessoas com as quais tenhas de tratar por esta ou aquela razão, falando-lhes, instruindo-as ou trabalhando para elas. Aos teus olhos, representam essas pessoas uma miscelânea de formas e fenômenos – bons e maus, sadios e doentes, ricos e pobres. Como poderás sentir unidade no meio de tanta diversidade? Para que te sintas unido a alguma dessas pessoas, terás de entrar em contato, antes de tudo, com o espírito dentro de ti mesmo e ter consciência da tua própria inteireza; terás de sentir a presença do Pai dentro de ti; e depois, com espontânea naturalidade, entrarás em contato com todos aqueles que tua consciência abrange.

Deus é o princípio vitalizante de cada pessoa. Deus é o espírito de cada um dos presentes, a Inteligência que se revela como pessoa. Deus é o Amor único, e, como Deus é ilimitado, Deus é somente amor por isto Deus é o amor de

cada indivíduo; e nenhum homem repleto de amor, que é Deus, pode ser usado como instrumento de ódio, de inveja, de ciúme, de maldade.

Uma conscientização como esta elevará o homem acima do plano dos fenômenos aparentes para a esfera do puro ser.

Possivelmente, alguém lutará com os efeitos de atitudes falsas – mas que importam essas aparências dos sentidos? Exatamente no mesmo lugar onde essas aparências se nos impingem lá está Deus. Temos de tratar unicamente com Deus, não com opiniões, com pessoas ou circunstâncias.

Uma e muitas vezes foi comprovado que, quando enfrentamos um homem furioso ou um animal prestes a nos atacar, e conscientizamos a presença de Deus, como sendo o verdadeiro ser – a única Realidade do Ser – Deus como a substância única, a lei única, a causa única, o efeito único – então acontece algo que podemos denominar cura. Esse processo nunca sai da zona de Deus, não desce ao plano do homem ou da pessoa, das condições ou circunstâncias; nem tampouco toma nota de culpa ou doença ou pobreza.

O meu ser é no Cristo; e enquanto o meu ser permanece na consciência do Cristo, somente o Cristo atua na minha consciência – ele, que é a consciência única de cada indivíduo aqui na terra.

Com outras palavras, se correres os olhos pelo mundo e verificares pessoas e circunstâncias que te façam crer que tenham sobre ti poder para o bem ou para o mal, logo debes conscientizar que o teu ser é no Cristo, e que somente aquele que é inspirado pelo Cristo poderá ter influência sobre a tua vida e afazeres.

Há diversos anos, em tempo de grande desespero, me veio o pensamento que eu devia amar os que me odeiam e que deveria pagar ingratidão com amor; e minha resposta foi esta: “Meu Pai, tal coisa me é impossível! Não sei como realizar tal coisa. Posso, sim, fingir e dizer que amo aqueles que me condenam e odeiam, combatem e maldizem – mas devo confessar sinceramente que não os amo; não sou capaz de amá-los. Verdade é que não os odeio, porque compreendo a sua mentalidade, que não lhes levo a mal.

Se eu não possuísse um pouco de compreensão por teu ilimitado amor, seria bem capaz de fazer o mesmo que eles fazem, se estivesse em seu lugar; assim, porém, não sinto vontade de os condenar, julgar e criticar. Até sou capaz de dizer: “Pai; perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!” – mas isto de amá-los? Não, devo confessar sinceramente que não os amo. Isto me é impossível. Mas, se eu puder ser o caminho através do qual tu possas amar esses homens, então, Pai, ama-os Tu através de mim. Se assim puder ser, seja feito assim; mas não exijas de mim que eu ame esses homens, porque isto transcende a minha força”¹.

1. O que o autor descreve neste tópico é a solução de todo o mistério. Não se trata de obrigar o nosso pobre ego humano, o “homem velho”, a amar forçosamente, virtuosamente, um outro ego humano, um outro “homem velho”, prolongando um velho continuísmo no plano horizontal – trata-se de descobrir o ignoto Eu divino, o “homem novo”, a “nova criatura em Cristo”. Trata-se de fazer um novo início, na grande vertical da sabedoria; trata-se de entrar em uma nova dimensão de consciência fechar os olhos para a velha ilusão do ego e abrir os olhos para a nova verdade do Eu, onde não há vício nem virtude, mas sapiência, compreensão, meridiana compreensão da realidade central, eterna e divina, da natureza humana. Não se trata de “perdoar”, no sentido tradicional do termo, mas sim de “desligar”, como é a palavra do texto grego (*afiem*), que quer dizer “desligar”, “libertar-se” da ilusão da ofensa, que só existe para o ego, mas não para o Eu. Quando Mahatma Gandhi foi interrogado se havia perdoado todas as ofensas que recebera de seus inimigos, respondeu, com suprema sabedoria, que não perdoara nenhuma ofensa, porque nunca ninguém o ofendera; disse a verdade, porque ele já vivia na pura consciência do Eu verdadeiro inofensível, e não na impura consciência do ego ofensível, e sempre contagiado de ofendimentos de que sofre todo o ego ilusório (N. do T.).

Em menos de um minuto me sobreveio uma paz maravilhosa... Caí em um sono, e acordei perfeitamente curado. É impossível amarmos a ingratidão, a injustiça, o fingimento, a mentira – mas é possível deixarmos tudo isto por conta de Deus. “Deus, tu que podias amar o ladrão na cruz e a mulher adúltera, tu é que podes amar também os meus inimigos”.

Que é que era necessário, da minha parte, para que tal acontecesse? Não era a idoneidade de eu me aniquilar a mim mesmo, de eclipsar o meu ego ilusório, mesmo ao ponto de não me sentir virtuoso pelo fato de ser capaz de amar a meus inimigos? Homem, se disseres que amas a teu inimigo, que é isto senão autocomplacência, virtuosismo? Tens de aprender a deixar a Deus todo esse problema de amar, e fazer de ti instrumento e veículo apto pelo qual o amor de Deus possa fluir e derivar até aos teus amigos e até aos teus inimigos.

Aqui no mundo há bons e maus; mas, se transcendermos o mundo e entrarmos na zona da Divindade veremos que Deus é o princípio único de todos; Deus é o princípio único de todos os homens, o amor que tudo permeia e anima, a vida e a verdade de todas as coisas – de todos os homens em sua profissão, em sua vida privada e no círculo doméstico.

O teu lar é para ti aquilo que tu conscientizas como sendo o teu lar. Tu és o porteiro da tua casa, e deverias ter o cuidado de não deixares transpor o limiar de teu lar nada que não tenha o direito de entrar em tua casa. Essa porta, porém, não é uma coisa material; a única porta para a tua casa é a porta da tua consciência, e só por esta tu és responsável. A quem permites transpor o limiar da tua consciência? Recebes portas adentro da tua consciência coisas como contágio, infecção, como poderes maléficos? Devias fazer hoje objeto do teu pensamento diário que nada possa entrar pela porta da tua consciência senão a verdade do ser, para que nenhuma ideologia de poder humano, seja físico, mental ou psíquico, se constitua lei para ti. Toda e qualquer ideologia que penetra em tua casa tem de passar pela tua consciência, e a verdade do

verdadeiro ser atuará em tua consciência como lei, que aniquilará todas as falsas ideologias que tentarem invadir o teu interior.

Tudo que entra na zona da nossa consciência assume o ser e o caráter dessa consciência. E não somente a tua vida individual é afetada pelo que entra na tua consciência, mas também a vida de todos os que entrarem nesse âmbito da tua consciência, e isto inclui as pessoas da tua família, muitas vezes também os membros da tua comunidade e da tua igreja. Todos eles esperam ser alimentados por ti, esperam receber de ti o pão da verdadeira vida, do ser verdadeiro; tu porém, estás muitas vezes tão ocupado com as tuas discórdias e desarmonias que eles se retiram de ti sem terem recebido a substância ao pão divino.

Nas profundezas de cada um de nós vive a fome do pão da vida. Amigos, parentes, conhecidos, quando vêm a tua casa, na manifesta busca de amizade, auxílio ou sustento material, mesmo quando julgam vir por esses motivos, demandam na realidade a substância da vida, o alimento imperecível. Se lhes deres dinheiro, e nada mais, se lhes deres apenas dádivas materiais, ou amizade humana, lhes dás uma pedra, e não lhes dás o pão da vida; não elevas o nível da consciência deles. Este benefício espiritual, porém, só lhes podes prestar se mantiveres viva em ti a consciência da verdade, quando eles te procuram, conscientizando em ti mesmo:

Deus é a substância e atividade do meu lar; Deus é a consciência de todas as pessoas que entrarem em minha casa, quer se trate de membros da minha família, quer de amigos. Nada transporá o limiar da minha casa que possa contaminar a sacralidade da verdade, uma vez que Deus é o único lugar da minha vivência.

Enquanto a minha casa aqui na terra aparecer como construção material, dará testemunho da harmonia de Deus. E os que habitam nesta casa ou refletirão essa harmonia, ou serão afastados dessa moradia, porque nada que não seja semelhante a Deus pode permanecer em minha casa – no meu templo, no meu ser, no meu corpo. Mas o que sofre discórdia e procura entrar em minha casa, ou nela penetrou transitoriamente, será afastado a seu tempo de tal modo que não ofenda ninguém e que todos os participantes sejam por ele beneficiados.

E, uma vez que Deus é a minha consciência, nada pode ingressar nessa consciência que me faça mau ou mentiroso; e mesmo que eu, por ignorância ou indulgência, deixe entrar algo incompatível com a minha consciência, não ficará por muito tempo. A consciência da verdade e da vida, que eu sou, o há de curar, ou então afastar. Eu estou de acordo que tudo quanto entra na minha consciência seja curado, ou então afastado. Não ousou apegar-me a alguém e dizer. “Com todas as tuas faltas eu tenho necessidade de ti e te desejo”. Eu tenho a minha atitude firme em Deus e estou disposto a abandonar, se

necessário for, pai e mãe, irmão e irmã, esposo, a fim de habitar no lugar secreto do Altíssimo.

Isso de estarmos apegados a algo que sabemos não estar certo, somente por sentimentos humanos, significa muitas vezes um grande obstáculo à nossa realização espiritual. Todo homem deve confiar no seu guia interior, quando se trata de solver ou manter ligações humanas.

Quase toda a liturgia do matrimônio contém esta passagem: “O que Deus uniu não o separe o homem”. A verdade, porém, é esta: O que Deus uniu em verdadeira unidade isto nenhum homem pode separar. É absolutamente impossível ao homem adquirir poder sobre Deus e sobre a obra de Deus. Ninguém tem o poder de anular a obra de Deus. Verdade é que no mundo dos fenômenos pode haver – e há mesmo – discórdia passageira, luta, desarmonia – mas isso não existe para ti, se penetrares naquela zona de Deus, nela viveres e tiveres a nítida consciência de que, o que Deus creou, existe para sempre, e o que Deus uniu não pode ser desunido por homem algum.

Em se tratando de problemas matrimoniais, focaliza em tua consciência que a única relação que existe é a relação da unidade, porque Deus é tudo, e nessa unidade não pode haver tal coisa como divórcio ou desquite – nenhuma discórdia ou desarmonia pode subsistir no uno da unidade. Em momentos em que há dualidade, pode haver toda a espécie de discórdias e desarmonias; mas tais coisas são impossíveis na unidade.

Muitos pensam que esta compreensão seja uma garantia para a inseparável união de um casal, tornando impossível qualquer divórcio ou desquite. Nada mais longe da verdade. Pode um par ser casado legalmente, mas não ter união espiritual na sua verdadeira essência. Por esta razão, pode semelhante idéia de união acelerar muito mais o divórcio ou o desquite do que em outras circunstâncias, libertando o homem e a mulher do jugo da discórdia e desarmonia e dando-lhes oportunidade para encontrarem a sua verdadeira união em outra parte. Duas pessoas não podem encontrar unidade ou verdadeira felicidade, se a vida se esgota em incessantes lutas de incompreensões e discórdias. Vida matrimonial sem amor é pecado.

Um curador espiritual não devia jamais imiscuir-se na vida familiar de um casal ou de uma pessoa, nem ousar externar opinião, sobre se dois devem casar, permanecer casados, divorciar-se ou desquitar-se. Isto não é da conta do curador espiritual. Além disto, não é fácil saber, pelas aparências externas, qual seja a verdade sobre a situação. Em qualquer caso, em se tratando de discórdias e desarmonias matrimoniais, atenha-se ao fato de que Deus é um só e que existe um só matrimônio, que são as núpcias místicas. Esse matrimônio místico é determinado por Deus, e ninguém o pode destruir.

Por vezes, o melhor modo pelo qual Deus pode manter essa união consiste em uma separação do vínculo humano ou legal. Não pensemos jamais que a simples noção da unidade possa manter os casados unidos, porque isto não é verdade. A noção da unidade mantém a pessoa unida com o seu bem; e, se esse bem significa estado de solteiro, matrimônio, divórcio ou desquite, então é isto que vai acontecer. Ninguém tem o direito de prescrever o modo como uma realização tenha de acontecer, porque cada um deve desenvolver-se de acordo com o seu bem espiritual, mas não de acordo com a idéia que fulano ou sicrano tenham desse bem. Ninguém devia arrogar-se a competência de decidir sobre o que seja humanamente bom.

É imprudente querermos proteger nossos amigos de discórdias e desarmonias que eles mesmos, consciente ou inconscientemente, acarretaram sobre si, ou estão acarretando. É preferível abrir mão de ansiosas solicitudes, porque a excessiva solicitude, que os preservaria do resultado da sua própria conduta, é muitas vezes o entrave que os impede de despertarem para o conhecimento da verdade sobre o seu próprio ser. É possível que o sofrimento deles venha a ser o estímulo necessário para o seu despertar. Cada um de nós tem de aprender a lição de “soltá-lo e deixá-lo ir”. Solta os teus queridos para o Cristo, põe-nos em liberdade rumo a Deus – permite que a lei de Deus os governe.

Apesar do grau de realização espiritual que alguém tenha adquirido e sua aplicação prática na vida diária, sempre haverá pessoas que, por esta ou por aquela razão, não podem ou não querem reagir. A maior testemunha de vida espiritual que conhecemos foi o divino Mestre, e até ele teve o seu Judas, o seu Tomé céptico, o seu Pedro negador, e seus discípulos dormentes no horto de Getsêmane. Sem dúvida, Pedro e Tomé acordaram e se converteram do seu lapso temporário. Quanto a Judas, não consta que tenha despertado para a luz espiritual. Além disto, houve um tempo em que o impulso espiritual não teve resposta da parte de Saulo de Tarso, e no entanto, mais tarde ele não somente respondeu ao apelo, mas se tornou uma grande testemunha vivente da luz.

Por isto, ninguém precisa desesperar quando membros da sua família, da sua igreja, da sua nação, ou no mundo lá fora, não responderem ao impulso espiritual, neste momento. A seu tempo responderão. É possível que, para alguns deles, leve dias, semanas, meses, anos; para alguns deles, talvez muitas vivências futuras. Mas, cedo ou tarde, se dobrará todo o joelho – todo o joelho. Em um determinado período de tempo, todos os homens se tornarão discípulos de Deus.

Há quem julgue não poder avançar devido à falta de espiritualização de pessoas em derredor, ou porque a falta de realização espiritual de fulano ou sicrano exerça influência adversa sobre eles. Tal coisa nunca poderá acontecer, a não ser que essas mesmas pessoas permitam que aconteça.

Cada um é responsável por seu progresso espiritual, e é inútil culpar a terceiros pela nossa falta de coragem espiritual.

Autoridade máxima, como a do próprio Mestre, ensinou que se alguém quiser atingir a estatura da plenitude do Cristo, é necessário abandonar pai e mãe, irmão e irmã, “por causa dele”. Por que, pois, não encarar o fato de que muita gente não está ainda em condições de abandonar aqueles que, como crêem, com o seu modo de agir, lhes são entrave à auto-realização? Por isto, ninguém devia censurar os outros – nem a si mesmo – mas quanto antes convencer-se de que somente a crença de um Ego separado de Deus o pode seduzir hipnoticamente à idéia de que alguém de fora possa influenciá-lo. De que modo seria possível que alguém influenciasse, promovesse ou impedisse o nosso progresso espiritual? Como seria possível que alguém se interpusesse entre nós e conscientização da nossa cristicidade? Tal coisa só seria possível se nós dependêssemos de algum ser humano.

Quando alguém admite a crença universal de que a sua subsistência provenha de marido ou mulher, de algum investimento ou negócio, então ele se sujeita à lei. Enquanto o homem não possui ainda sabedoria espiritual, semelhante confiança é natural; mas, depois de sabermos da verdade da nossa essencial identidade com o Pai, e, ainda assim, pusermos a nossa “confiança em príncipes” – confiando em família e amigos – em vez de nos libertarmos e vivermos na graça, continuaremos a viver sob a escravidão da lei. Na vida espiritual não há tal coisa como dependência de pessoas ou coisas; há, sim, uma comunhão de bens mas não há dependência. Aquilo que compartilhamos com os outros flui da infinita plenitude de Deus.

“Eu e o Pai somos um” – é esta a minha relação com Deus e é esta a relação de Deus comigo. Isto nada tem que ver com pessoas, com parentes e sócios. O meu bem-estar não depende deles de modo algum, nem o bem-estar deles depende de mim. O meu bem-estar é a universalidade de Deus revelada na individualidade do meu ser humano.

Assim que vislumbrarmos essa unidade, então toda a relação se torna uma relação de amizade, de alegria e de cooperação. Quando deixamos de depender de outros, então não mais sofremos com nenhuma falta ou perda, quando se extingue a nossa relação com outros, uma vez que o nosso bem está baseado em Deus, e ninguém tem o poder de destruir essa nossa relação de co-herdeiros do Cristo em Deus. Verdade é que a concepção humana não testifica isto, uma vez que se faz mister que entre em ação a verdade da consciência individual a fim de tornar sensível o benefício resultante de relação entre Pai e filho.

Quando te convenceres de que não deves “chamar pai a ninguém sobre a terra”, então automaticamente cada homem, cada mulher, cada criança se torna para ti irmão e irmã. Segundo conceito humano, pode ser que sejas filho

único e não tenhas parentes sobre a terra; mas, uma vez que aceitaste a verdade de “não chamares ninguém pai sobre a terra”, nada disto é exato, porque toda pessoa no universo inteiro se tornou para ti irmão e irmã. E então muitas pessoas que até essa data te consideravam um estranho começam a sentir subitamente: “Eu conheço essa pessoa, e tenho a impressão de a ter conhecido desde o princípio”. E, embora não sejais irmãos pelo parentesco carnal, sois irmãos por uma afinidade espiritual superior a todo parentesco corporal: agora sois irmãos e irmãs por uma disposição divina.

Há um vínculo, um liame espiritual, que irmana todos os filhos de Deus. Esse vínculo não vigora no plano de seres humanos e simples mortais, e é por esta razão que os que a todo custo querem permanecer no plano da humana mortalidade, se separam pouco a pouco e ficam fora do âmbito da experiência dos espiritualmente iluminados. Cada um atrai a si aqueles com os quais está unido espiritualmente, seus irmãos e suas irmãs por afinidade; ao passo que os que querem viver no plano mortal e material, cedo ou tarde serão afastados; e por vezes há grandes sofrimentos, quando tentamos manter a ligação com eles.

Ao longo desse caminho talvez encontremos falsidades, fraudes e impropérios; muitas vezes encontraremos amigos e parentes dormindo; não nos ajudam; por vezes se nos opõem ou obstruem o nosso caminho. Mas temos de atingir um ponto em nosso desenvolvimento em que tais coisas deixem de nos afetar. Então já não fará diferença em nossa vida quem nos abandona; esse abandono só tem importância para eles, por ser uma falência em sua consciência crística: para nós, porém, não terá importância uma vez que conhecemos a nossa relação com Deus.

Sendo que Deus é a vida, a sabedoria, a atividade e plenitude do teu ser, nada tens que realizar que dependa de alguém sobre a face da terra. O que te nutre, te veste, te oferece teto, é o espírito. A tua inteira e total confiança está alicerçada na verdade de que tudo que o Pai tem é teu. Se o mundo inteiro desaparecesse, continuaria a persistir esta verdade: “Eu e o Pai somos um”, e tudo que o Pai tem continuaria a ser teu.

Quando o Mestre mandou a seus discípulos que, por causa dele, abandonassem mãe, irmão e irmã, não mandou abandonar os que faziam parte do seu lar espiritual. “Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?” E olhou em derredor para aqueles que o acompanhavam e disse: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos! Pois todo aquele que cumprir a vontade de meu Pai me é irmão, irmã e mãe”.

Todos os que são aptos para se encontrarem no nível espiritual estão irmanados entre si, agora e para sempre, compartilhando entre si todos os seus bens.

Deus é nosso destino

O Espírito atua sem cessar, atraindo a nós o que é nosso, seja isto o que for, tanto no plano das relações humanas como no dos negócios.

Há uma atuação invisível que nos leva à nossa profissão idônea, para um casamento adequado, para a cidade que nos convém, ou para um povo conveniente. Dia a dia, o Pai nos designa o trabalho diário, e com esse trabalho vem remuneração adequada.

Muitos de nós, provavelmente, concordariam em admitir que a maior parte dos problemas que nos preocupam tem que ver com descontentamento quanto ao passado ou temores no tocante ao futuro. Por via de regra, no momento presente vamos bem. Se pudéssemos continuar a viver neste momento, satisfeitos com a certeza de que o poder de Deus está em ação e dispostos a deixá-lo agir daqui por diante, nada nos preocuparia o passado e bem poucos cuidados nos daria o futuro. De um ou outro modo saberíamos o que fazer, dia a dia, e às vezes o saberíamos até algumas semanas antes. Tenho feito a experiência que raras vezes Deus revela com muita antecedência os propósitos que tem a meu respeito.

Quando atingimos um estágio evolutivo em nossa experiência onde nos dedicamos totalmente ao trabalho construtivo que de momento realizamos, verificamos que a nossa subsistência material coincide com esse trabalho; quando descobrimos em nosso trabalho algo que equivale a um serviço a ser prestado, então o nosso trabalho nunca mais nos parecerá um fardo, e qualquer fracasso é impossível.

Dia por dia, vivemos com o objetivo de ganhar dinheiro para o nosso sustento, às vezes com sucesso, às vezes com insucesso; não é possível prever o resultado final. Mas, quando encontramos uma ocupação à qual nos possamos dedicar de corpo e alma e com a qual possamos prestar algum serviço, por mais modesto que esse seja no princípio, então iniciamos a ascensão a um trabalho de caráter superior.

Quando a nossa consciência está saturada de um senso de serviço e cooperação, então a nossa atividade, seja ela qual for, passará a expressar esse serviço e essa cooperação em nosso consciente, e se transformará em uma atividade em incessante expansão e desenvolvimento.

O Infinito, que é Deus, é também o Infinito do meu ser. Não que o meu ego humano seja o Infinito, mas é porque há somente um Infinito, que é Deus, e, sendo que Deus é o meu Eu individual, o meu ser individual abrange o Infinito. E neste Infinito tudo está contido. Nada pode ser acrescentado ao meu Eu divino, e nada pode ser tirado dele.

Que poderia impedir-te de experimentares esse Infinito? Somente a tentativa de ganhar alguma coisa, de desejar algo ou a crença de que algo me pertença ou que eu possa merecer alguma coisa.

Fecha os olhos, enche-te totalmente de Deus, e então, como espectador, contempla as coisas grandiosas que Deus está fazendo através de ti, embora nem sempre de acordo com a tua expectativa, nem sempre no tempo preciso que tu esperavas. Há uma realização espiritual para todo o filho de Deus, e tu és esse filho de Deus, “se é que o espírito de Deus habita em ti”.

Quando alguém tenta atingir determinado escopo, por exemplo, uma oportunidade para iniciar certa profissão, ou para passar de um para outro modo de vida, então se move ele no plano das ocorrências humanas, em vez de se abrir à vida da graça divina. Possivelmente, a graça divina lhe providencie outro caminho, de maneira que ele deixe de estar preso à antiga rotina da vida e se eleve a um novo nível de atividade até então nem sequer sonhada.

Desejar algo ou alguém significa permanecer preso à cadeia da rotina habitual da existência humana. O que realmente deveríamos desejar e o que podemos legitimamente realizar é uma experiência mais intensa do Cristo. Se conscientizássemos a presença de Deus, seríamos possuidores de um Bem inesgotável; mas, quando tentamos realizar algo que não seja a presença de Deus não encontramos senão limitações – e é isto mesmo que vamos conseguir. Mas, se alguém vive de acordo com os princípios do caminho da realização rumo ao Infinito, então compreenderá a natureza infinita da vida. E então deixa o homem de estar sob o poder da lei, mas vive na luz da graça – uma vida sem limites.

Quando, pela primeira vez, falei aos ouvintes de um centro metafísico, veio ter comigo uma senhora com uma lista de nove coisas que ela desejava alcançar, e pediu-me que orasse para que as alcançasse. Devolvi-lhe logo a lista, dizendo: “Sinto muito não poder orar para que a senhora alcance essas coisas; nem mesmo estou interessado em que a senhora alcance”. Ela ficou muito surpresa, porque julgava que o escopo da verdade consistia em obter tais coisas; achava que Deus era algo que pudesse ser utilizado pelo homem.

A finalidade da auto-realização é a realização da Cristo-consciência no homem, que é graça divina, a qual nulifica toda a lei do *karma*. Há uma lei *kármica* que condena o homem a comer o seu pão no suor do seu rosto, como punição de

atos pretéritos. Enquanto o homem trabalha unicamente com o fim de ganhar o seu sustento, está ele, indubitavelmente, sob o poder da lei do *karma*. Se agora compreendes o que quero dizer com estas palavras, e resolves não mais trabalhar para o teu sustento, nem por isto deixarás de trabalhar: o que fazes é quebrar a lei *kármica*, de causa e efeito, e com isto descobrirás que, daqui por diante, não mais terás de trabalhar com o fim de poderes viver.

Quando digo estas coisas, muitas vezes há quem me replique: Como afirmas tal coisa, quando tu mesmo trabalhas para ganhar o teu sustento? Posso garantir aos interessados que isto não é verdade, e deixou de ser verdade desde o ano 1928. Eu não trabalho para viver, trabalho para alegria que o trabalho me dá. Será que alguém trabalha vinte horas por dia, como eu, somente para poder viver? Não! Eu realizo o meu trabalho porque é esta a missão que me foi dada pela graça divina, e os meios da vida são o natural corolário desse trabalho¹.

1. Nestas poucas palavras enuncia o autor o grande princípio redentor que milhares de “espiritualistas” nos nossos dias não conseguem compreender. Falam de débitos (*karma*) que devam ser neutralizados por meio de crédito, nesta ou em outra existência, como se um ego virtuoso pudesse nulificar os débitos de um ego vicioso! Que é, afinal de contas, um homem virtuoso senão um ego de boa vontade, continuação do velho ego de má vontade, que é o homem vicioso? Portanto, *continuísmo*, “remendo novo em roupa velha”. A solução real não está em nenhum continuísmo de boa vontade, está, sim, em um *novo início*, em uma iniciação, na sabedoria do Eu divino, em uma eclosão de Pentecostes, terremoto, tempestade e incêndio, em um total despojamento do “homem velho” e em um total revestimento do “homem novo”, da “nova creatura em Cristo”. Quem passa da viciosidade e virtuosidade do velho ego para a sabedoria do novo Eu, esse nulifica de vez todos os seus débitos *Kármicos* e ouvirá as palavras: “Ainda hoje estarás comigo no paraíso” (N. do T.).

Não me descompreenda o leitor: eu não afirmo que o homem não deve trabalhar; *afirmo que ele não deve trabalhar por causa do seu sustento*. Há nisto uma grande diferença. Quanto mais o homem se aproxima da vida pela graça, tanto mais trabalha e tanto mais intensamente realiza os seus trabalhos. Mas, nesse caso, o trabalho não visa o sustento, mas se inspira na alegria que o próprio trabalho proporciona. E os meios de vida serão a natural consequência, vindos de acréscimo. Possivelmente, os meios de subsistência virão, inesperadamente, de uma outra fonte, acabando por libertar o homem totalmente da necessidade de trabalhar e facultando-lhe assim outra atividade. Em qualquer hipótese, seja qual for a fonte de subsistência, ela fluirá sempre da única Fonte.

No plano do homem-ego está cada um sob a lei *kármica*: “O homem colherá aquilo que ele semeou”. Mas, todo homem pode quebrar essa lei, pelo conhecimento de que nem só de pão vive o homem: ele vive pela graça, por todo o verbo de Deus.

Se alguém for chamado para ajudar em um caso de desemprego, o tratamento a ciar consistirá provavelmente em conscientizar que, sendo Deus a Realidade

Infinita, e a única Realidade, ele é tanto empregador como empregado. Com outras palavras Deus é único, e, não sendo dois, não pode haver tal coisa como se um desse o serviço e o outro o recebesse. Há somente unidade, unidade do Ser, e Deus é o único Ser. Deus trabalha sempre, eternamente. Deus realiza sempre a sua obra, e o filho de Deus não pode deixar de estar sempre realizando a obra de seu Pai.

“Lembra-te dele em todos os teus caminhos, e ele te guiará no caminho certo”. Isto pode ser simples, quando o homem é cumulado de todos os favores e bens da vida: mas, quando eles nos são aparentemente negados, será que ainda somos capazes de dizer: “Pai, eu te agradeço, porque também isto deve fazer parte da tua obra”? É necessário que reconheças que Deus está em todos os teus caminhos, e não somente em alguns deles. Humanamente considerado, há tempos que parecem de insucesso. Agradece a Deus também por esses, porquanto, pelo conhecimento de Deus, também o insucesso pode levar a um bem superior. O fracasso pode resultar em benefício, se tiveres visão suficiente para não permaneceres no trilho a que te levou o insucesso temporário, mas passares para outro trabalho. Reconhece Deus em todos os teus caminhos, quer pareçam sucesso quer insucesso!

Renuncia, de uma vez para sempre, à crença de que possa haver sucesso ou insucesso. Nunca terás sucesso – mas também nunca terás insucesso. Testificarás por toda a eternidade a obra de suas mãos; tu serás eternamente aquele lugar na consciência pela qual Deus transparece. A glória do teu ser não é tua, é a glória de Deus, que é do teu ser. Por esta razão disseram todos os grandes mestres da humanidade que a humildade é o princípio da sabedoria. Mas a humildade nada tem que ver com depreciação de si mesmo. Humildade é a compreensão de que Deus é tudo. Humildade não é desprezo de si mesmo; pelo contrário, ela é a compreensão de si mesmo como aquilo através de que se revela plenamente a glória de Deus. A luz de Deus é tua luz, a sabedoria de Deus é tua sabedoria, o amor de Deus é teu amor.

Graças te dou, meu Pai, porque sou instrumento do teu Ser. Não possuo sabedoria como minha própria; não tenho idade, não tenho corpo, não tenho alma própria, nem tenho bondade própria. Só existe um único bem, uma vida única – o Pai nos céus – e eu sou aquele lugar através do qual transparece a plenitude da glória da Divindade.

Não é o teu conhecimento nem a tua habilidade que possam jamais ajudar a alguém: é o conhecimento e a habilidade de Deus, para os quais tu te fazes um canal idôneo, assim como o compositor permite às melodias que se sirvam dele como canal. Será que o compositor é o autor da música? Será que o poeta é o creador da poesia? Será que o artista é o creador e da pintura ou da escultura? Não! Todo artista creativo nada mais é senão o caminho ou canal pelo qual o poder creador da Divindade se manifesta. Ele é o instrumento, o

pincel, o cinzel, o martelo na mão de Deus. É só isto e nada mais que um pintor é; é só isto que um poeta ou um escultor é – é só isto que tu e eu somos, e nada mais.

Nós somos as ferramentas que Deus usa. Nós somos os veículos, os utensílios de que o Pai se serve para revelar a sua glória e as obras do seu poder. Quanto mais sadios e felizes formos, quanto mais prósperos formos, tanto melhores testemunhas seremos. Testemunhas de quê? Da nossa inteligência? Não, testemunhas da graça de Deus, que flui através de nós – da graça de Deus! Deveras, é ela a fonte de todas as coisas. Nós somos os recipientes, as testemunhas da graça de Deus, e nós a compartilhamos uns com os outros. Ela não pertence a mim, e ela não pertence a ti. É a graça do Pai – a graça divina, que flui através de nós.

Se visássemos orientação espiritual em todas as nossas atividades, sem a tendência de as relacionar ao plano humano, sentir-nos-íamos espiritualmente tão repletos e tão iluminados que essa iluminação não somente nos revelaria a verdadeira doutrina espiritual, mas também se manifestaria em coisas tão mundanas como a de acertarmos na escolha do vestido, do carro e da habitação mais conveniente. A luz da bitola divina, não há nenhuma diferença entre essas coisas.

Deus é plenificação total. A iluminação espiritual não nos acontece sem trazer consigo a verdadeira profissão ou um lar conveniente. Deus não pode ser dividido. Deus é indivisível. A atuação de Deus não inclui isto e exclui aquilo. Deus não poderia revelar-se a ti na forma de uma determinada ocupação, e deixar-te sem os respectivos meios de subsistência – nem poderia, por outro lado, providenciar o teu suprimento e não dar-te uma ocupação condigna.

Parece muitas vezes que estas coisas não acontecem simultaneamente; mas assim parece pelo fato de nós não termos orado às direitas. É porque fizemos uma oração dividida; é porque oramos para receber coisas, ou porque oramos com a tendência de que o espírito se manifeste de certo modo; em vez de pedirmos unicamente que Deus se revele em nós como luz, como a plenitude da luz, como a verdade em toda a sua plenitude. A vestimenta de Deus é inteiriça, completa e perfeita. Quando Deus põe o seu manto sobre os teus ombros, inclui ele todo o teu ser.

Não te dirijas a Deus com o desejo de ser curado; não vás ter com Deus esperando emprego; não vás ter com Deus na expectativa de receber segurança e proteção: vai ter com Deus esperando Deus. Vai ter com Deus na esperança de receber a experiência espiritual da sua presença. E verás como então Deus se manifesta em forma de harmonia nos acontecimentos, nas coisas ordinárias de cada dia – até em coisas como a de encontrares um lugar para estacionar o carro, ou de conseguires uma passagem de avião ou um lugarzinho em um hotel super-lotado.

Encontrarás perfeição tanto nas coisinhas de cada dia como também nas tuas experiências mais profundas – se procurares o Pai em espírito e como espírito. Não tentes dividir a vestimenta. Não ores para ter saúde ou riqueza, nem segurança nem proteção, nem paz aqui na terra. Ora unicamente para que Deus se revele como a verdade. Ora para teres luz, verdade, iluminação; ora para teres mais sabedoria. Procura a vestimenta integral – verdade, luz, revelação, iluminação. Adora Deus como espírito, e permite que seu manto te cubra com toda a sua inteireza, revelando-se como suprimento, como habitação, como relações harmoniosas, como atividade satisfatória.

Uma nova concepção de suprimento

O suprimento dos bens da vida é uma das coisas mais simples que um principiante no caminho espiritual pode realizar. Vigora, todavia, grande diferença entre a verdade espiritual que subjaz ao suprimento e a concepção humana desse suprimento. Em sentido espiritual, ser suprido dos bens da vida, não quer dizer receber algo, mas sim *dar* algo. Segundo o conceito humano, é bem o contrário. Mas, no plano espiritual, não existe nenhum caminho para realizar o suprimento como tal: tal processo seria impossível, uma vez que todos os bens do céu e da terra já estão dentro de ti, neste momento, razão por que toda e qualquer tentativa de receberes de fora o suprimento desses bens significa necessariamente um fracasso. Não existe nenhum processo de subsistência fora do teu ser. Se quiseres fruir a plenitude daquilo de que necessitas para tua vivência, tens de abrir um caminho pelo qual essa plenitude possa fluir e se manifestar.

O modo de libertares essa plenitude interna e a pões ao serviço da tua vida, isto te será revelado por tua íntima comunhão com Deus.

Se alguém te pede para ajudá-lo a tomar atitude correta em face desse processo de suprimento, e espera diretrizes de ti, é necessário que lhe esclareças do seguinte modo o princípio de possuir os bens da vida: Naturalmente, estou disposto a ajudar-te; entretanto, tu mesmo podes, desde já, começar a adquirir essa consciência do suprimento, procurando descobrir alguma coisa que possas dar a alguém a quem nunca deste nada até agora; esse alguém não deve ser nenhuma pessoa da tua família, que certamente, costuma receber, mas sim uma pessoa alheia à tua família, possivelmente até hostil a ti. Procura no teu guarda-roupa ou na tua despensa se encontras algo de que não tenhas necessidade. Começa com a corrente do *dar* – e abrirás a represa à corrente do *receber*. O teu conhecimento da verdade sobre a onipresença e infinita abundância do suprimento libertará o teu paciente da crença em pobreza e limitações; e, se ele começar a mudar a sua atitude de *querer-receber* em uma atitude de *querer-dar*, então os bens da vida principiarão a fluir rumo a ele. Não há limite algum nesse desejo de dar. Esse dar nada tem que ver com quantidades – dinheiro, etc. – esse dar se refere à intensidade da doação por parte do doador. Trata-se de compreender que o processo de suprimento consiste em uma atitude de distribuir, e não de ganhar.

Esta disposição de datividade não precisa começar, necessariamente, com a doação de objetos materiais, dinheiro e coisas análogas; não é de preferência, *dar* algo. Pode começar também com a *renúncia* a algo; por exemplo com a renúncia ou desistência de rancores, de ciúmes ou ressentimentos; pode consistir também no fato de não queres reconhecimento, recompensa, gratidão, auxílio. Juntamente com essa renúncia virá a doação de paciência, colaboração, amor. Dá sempre, na certeza de que o teu suprimento não está naquilo que recebes, mas sim naquilo que dás¹.

1. Albert Schweitzer escreveu: “Não há heróis da ação – há somente heróis da renúncia e do sofrimento” (Nota do tradutor).

É possível que tenhas estado muito apegado ao dinheiro. Neste caso, deves aprender a soltá-lo, abrindo mão dele, pondo em movimento a corrente, a qual voltará a ti inevitavelmente. Não quer isto dizer que devas lançar fora, prodigamente, o teu dinheiro ou outras coisas boas. De ninguém se requer mais do que aquilo que o bom senso e a prudência aconselham. O que se requer é uma radical mudança de atitude, uma prontidão permanente que, no momento dado, nos permita começar a dar, quer se trate de um tostão, quer de um milhão – o principal é a que as coisas entrem em circulação.

Isto, aliás, não é nenhum pensamento novo; a Sagrada Escritura nos ensina isto mesmo sob a designação de *dízimo*, quer dizer, a designação de dez por cento da nossa renda para a causa de Deus. Muitas pessoas vivem na convicção de não poderem dispensar essa importância, que significaria excessivo ônus para sua bolsa e é mesmo possível que a prática do dízimo tenha, para eles, efeito catastrófico, no princípio. Para esses, seria mais avisado que principiassem com uma importância menor – digamos 5%, 3% ou 2%, ou outra importância, contanto que uma importância determinada seja posta de parte, importância que preceda todas as demais despesas e se destine a um fim pessoal, não em prol da família nem de algo que redunde em benefício de nós mesmos; é necessário que o dízimo se destine a um fim inteiramente pessoal.

Muitos pensam que o dízimo se deve deduzir da importância que sobrar depois que foram pagas todas as demais despesas; mas, o segredo do dízimo está precisamente, em não o deduzir do que sobre, mas em entregar a Deus as “primícias”, e isto possivelmente, às ocultas, para que somente o próprio doador saiba do fato.

Depois de verificar como é fácil dar 2% ou 3% da sua renda, poderá o doador maiores a importância, passando para 4% ou 5%, até finalmente atingir a 10%. É interessante verificar que, raras vezes, o dizimista pára na casa dos dez. Conheci três pessoas que davam 80 por cento da sua renda, e, estranhamente, nunca lhes faltou nada para as necessidades da vida gastando mais do que poderiam ganhar se vivessem prodigamente.

Torno a insistir nesse aspecto importantíssimo do princípio do suprimento: suprimento não consiste em *receber* – suprimento é *dar*. O pão que jogas à água é o pão que volta a ti. Não é o pão de teu próximo, é teu pão próprio; e, se não o lançares sobre as águas, nenhum pão poderá voltar a ti. Todo pão que jogares à água está marcado com o sinete do retorno; terá de voltar infalivelmente para aquele que o distribuiu.

De um ou outro modo, deve o homem lançar o seu pão sobre as águas. Quem não aprendeu o modo como fazer isto, deve aprender quanto antes esta primeira e grande lição. Devido ao caráter finito do seu ser, não pode o homem adquirir saúde, prosperidade, riquezas e amigos; o único que ele pode fazer é reconhecer que o homem manifesta em forma individual tudo que Deus é e tem de um modo universal. Não procuremos, pois, alcançar, reter ou atrair a nós os bens da vida; temos de aprender a deixar fluir de dentro de nós a infinita abundância que em nós está. O retorno do pão é um movimento retroativo, que acontece por si mesmo, assim como uma bola de borracha volta àquele que a jogou contra a parede. Nós lançamos a bola, mas ela volta a nós por impulso próprio.

Quando lançamos o nosso pão às águas, verificamos como a graça de Deus começa a irradiar, assumindo a forma de harmonia do nosso próprio ser. Quem deixa de observar este ponto da doutrina espiritual, ou quem o considera de somenos importância, acabará, provavelmente, por falhar o caminho certo; enquanto o homem vive preso à crença de poder alcançar alguma coisa – mesmo de um Deus de fora – está separado da fonte do seu verdadeiro bem. No momento em que se torna capaz de compreender que todas as coisas boas estão no *aqui* e no *agora* do seu verdadeiro Ser, começa ele a enxergar o mundo através da jubilosa experiência do Eu-Sou, e diz consigo mesmo:

Eu te agradeço, meu Pai – não tenho desejo algum! Não necessito de nada senão da tua graça. Não necessito de ninguém senão somente de ti. Faze que eu viva cada minuto assim como vivo neste instante, no amor do mundo inteiro e no amor de todos os seres humanos. Não tenho rancor a ninguém. Ninguém pode entrar no âmbito da minha consciência a quem eu deva perdoar, porque já lhe perdoei sete vezes setenta vezes.

Outro aspecto, não menos importante, do princípio do suprimento é o fato de ser o suprimento algo essencialmente *invisível*. Não se pode ver, ouvir, tanger, saborear ou cheirar o suprimento. Nunca ninguém percebeu suprimento, uma vez que ele não existe na zona da perceptibilidade física. Suprimento é *espírito* e *vida*, absolutamente invisível em sua íntima essência.

Hoje em dia, o suprimento não é menos abundante do que foi no tempo de Jesus, de Moisés, de Elias, de Eliseu. Todos eles vivam na consciência de que possuíam em si a infinita abundância, e disto deram testemunho. A mesma abundância infinita está em mim, ao meu dispor, nenhum centavo a menos.

Mas, enquanto o homem não compreende que o Deus Infinito é a Realidade do ser finito em cada indivíduo, não pode ele compreender a natureza inesgotável de cada ser, e tentará sempre de novo arranjar os bens da vida e sua segurança de fora de si mesmo, por meio de dinheiro e de outros valores.

A crença de que dinheiro e propriedade representam suprimento e segurança já vigora por tantos anos que a maior parte dos homens confia nessas coisas; e se, por algum tempo ou em virtude de poderes superiores, os milhões e bilhões se dissolverem no mundo inteiro, devido à inflação ou desvalorização, então acabou o mundo para esses homens. Quem trilha o caminho da sabedoria espiritual deve chegar a compreensão final de que não existe suprimento algum fora do nosso próprio ser, que suprimento é algo que não se pode perceber pelos sentidos físicos. Suprimento é o Infinito, o Invisível².

2. Quem leu os livros de certos filósofos e psicólogos modernos, sobretudo de Victor Frankl, verificará que Goldsmith faz a mesma distinção que eles fazem, entre *realidade* e *facticidade*, embora não use o segundo termo. O suprimento está todo na realidade do Infinito (o nosso Eu divino), antes de se manifestar nas facticidades dos Finitos (o nosso ego humano). Requer-se, todavia, uma grande clarividência, introvidência ou ultravidência, para enxergar a fonte da Realidade infinita, de onde os bens da vida derivam através dos canais das facticidades finitas. Somente um mergulho cósmico nas profundezas da Fonte do Infinito fará compreender a sabedoria das palavras do autor, que são um permanente desafio à insipiência do ego, sobretudo do ego contagiado de ignorância erudita (N. do T.).

Suprimento é algo dentro do nosso próprio ser – e a verdade é que Deus é o nosso ser. Quando alcançamos Deus como o nosso ser, então nada mais temos que fazer senão reconhecê-lo realmente como tal. Quem tem Deus tem suprimento. Mas o problema central está precisamente nisto: será que temos Deus? Em teoria e na realidade, todo homem tem Deus – mas nem todos têm a consciência de terem Deus. Se todos tivessem Deus conscientemente, não haveria no mundo essa penúria e falta dos bens da vida. De fato, os homens possuem a Deus apenas como simples possibilidade. Ter Deus na verdade é tê-lo com plena consciência, ser conscientemente unido a ele, viver conscientemente em comunhão com Deus, reconhecê-lo conscientemente como o nosso eu interior, como a nossa íntima Realidade.

Moisés tinha Deus deste modo, e por isto caía maná para ele. Elias tinha Deus conscientemente e por isto era alimentado no deserto por um corvo, acordava de manhã e encontrava refeição pronta sobre as pedras. Onde vinha esse alimento? Do nada – do nada daquilo que era visível e tangível. Essas coisas lhe vinham de dentro da sua teo-consciência, vinham de Deus, que aparecia visivelmente em forma de vida, substância e alimento. Esses homens, tendo Deus, tinham tudo.

Os homens do mundo se comprazem em locuções como estas: “Deus providenciará, se Deus quiser”, “Deus o fará” – e, no entanto, Deus nada faz. Quem tudo faz acontecer é tão-somente a nossa relação consciente com Deus.

Finalmente, o homem tem de chegar a essa compreensão: que ele tem tudo se tem Deus conscientemente, e não tem nada se não possui Deus deste modo, embora pareça possuir muitas coisas. Nada falta, nada é negado àquele que chegou a conscientização de Deus.

Não há dúvida, dirá alguém, isto soa muito bem no papel – mas de que modo chegarei a essa consciência do suprimento, que sem cessar se esquivava de mim?

Voltemos ao nosso ponto de partida inicial. Sendo que Deus é infinito, nada existe realmente senão só Deus. Logo, não há outro suprimento senão Deus, a única Realidade. Se tens a consciência da onipresença de Deus; se Deus te é mais próximo, em sua onipresença, do que o teu próprio fôlego; então fazes jus a uma plenitude sem limites. Esse jus não é algo irrazoável, porque o que afirmamos é a presença de Deus em tua íntima consciência, Deus, a infinita riqueza e plenitude.

Verdade é que não é fácil para ninguém libertar-se de todas as preocupações, quando não sabe de onde tirar o dinheiro para o aluguel no fim do mês, para luz e telefone, ou mesmo para a próxima refeição³. Não é nada fácil traduzir na prática o ensinamento do Mestre: “Não andeis solícitos pela vossa vida, o que haveis de comer, o que haveis de beber, com que vos haveis de vestir” e, contudo, um dos passos mais importantes no desenvolvimento da consciência de suprimento consiste em nos libertarmos de toda e qualquer preocupação e inquietude, porquanto as formas externas do bem espiritual são apenas corolários e simples aditamentos. Com outras palavras, a tua prosperidade externa não passa de mero símbolo externo da onipresença do teu suprimento interno.

3. Tivemos de modificar o texto. O autor, como bom americano, diz “de onde tirar o próximo automóvel ou com que realizar a próxima viagem de férias”. Para o leitor brasileiro, confinado a magros reais, e não dispondo de gordos dólares, é preferível não mencionar tão luxuosos granfinismos, mas falar das necessidades mais modestas e imediatas da vida comum (N. do T.).

Quando o homem deixa de criar dentro de si essa atitude certa para o suprimento, então também não terá no bolso os símbolos desse suprimento. Em primeiro lugar, deve estar presente a consciência disto, e depois seguirão os símbolos externos. Quando vivemos na permanente consciência da presença de Deus, onde quer que estejamos; quando reconhecemos que “o lugar onde estamos é terra sagrada”; quando sabemos que “meu filho, tudo que é meu é teu” então não tardarão a aparecer os símbolos externos dessa consciência interna, na medida que deles houvermos mister. Esses símbolos podem variar, de dia para dia; por vezes assumem a forma de dinheiro; em outra ocasião aparecem como uma promoção, como um emprego, como uma hospedagem em um hotel; ou assumem a forma de alimento, de roupa, etc.

Seja o que for, o certo é que aparecerão, quando necessários, porque são símbolos e expressão externa de uma consciência interna.

Repetimos, o suprimento nunca pode ser percebido pelos sentidos. Suprimento é Deus, suprimento é espírito, suprimento é a presença do Senhor contigo, suprimento é uma força vital que atua através de ti.

Quem é dotado de receptividade espiritual não necessita de outro testemunho desta verdade senão o aspecto de uma árvore frutífera durante o inverno, quando está sem fruto, nem ainda brotaram as flores. Será que vais derrubar a árvore por infrutífera? Por que não a derrubas? Não é alvo de nenhum cuidado, nenhuma solicitude externa é verificável. Segundo todas as aparências, essa árvore morreu. Entretanto, tu sabes que não é assim; sabes que há na árvore uma força vital, que atua através dela, uma vitalidade, que gera a seiva, que ascende pelo tronco, se difunde nos ramos, depois se revela como flores e, finalmente, aparece em forma de frutos. Não te iludes com as aparências, considerando a árvore estéril e inútil, que não possua reserva vital para frutos.

Por que não aplicaríamos esse mesmo princípio à nossa vida e oportunidades, a despeito da ausência de um suprimento visível, em dado momento? Se viesse um furacão e arrasasse tudo, nem por isto deixaríamos de estar em “terra sagrada”, porque “a terra é do Senhor com tudo quanto ela contém”; continuaria a existir o Eu-Sou, essa força vital invisível, infinita, toda amor, que nunca deixaria de atuar em nossa consciência. Mais um pouco de paciência, e as flores e os frutos reaparecerão – em forma de dinheiro ou quaisquer outras oportunidades da nossa vida.

A única coisa que para isto se requer é o reconhecimento da verdade.

Creiamos ou não creiamos, o certo é que há uma força vital que atua de dentro, assim como atua dentro da árvore. Mas, perguntará alguém, por que essa força não se manifestou ainda? Por que essa interminável luta que mantenho com o eterno problema da pobreza?

Será, porventura, que a tua consciência não está ainda afinada pela *Realidade Invisível*? Será que ainda te guias pelas coisas visíveis? Será que sempre tentaste, e continuas a tentar, haurir a tua subsistência do mundo das coisas visíveis? Pão e peixe não podem ser multiplicados por nenhum processo conhecido no mundo das coisas visíveis – tampouco, podes multiplicar notas de dinheiro. Se alguém tentasse multiplicar cédulas de dinheiro, dentro em breve estaria na cadeia. Quem deseja ter mais dinheiro deve proceder à sua multiplicação na zona do mundo invisível. Como realizar isto? Reconhece e conscientiza que Deus é infinito, e também o teu suprimento é infinito como o próprio Deus.

E que dizer daqueles que deixam os seus frutos na árvore e não os colhem?

Não tardarão a verificar que a árvore pode definhir e deixar de produzir frutos: somente quando se colhem os frutos das árvores e se apanham as flores dos arbustos é que a força principia o seu processo de multiplicação, brotando com duplicada vitalidade.

O teu suprimento se tornará visível somente na medida que amares a teu semelhante – distribui amor, distribui perdão, oferece colaboração – *mas dá sempre sem jamais esperar recompensa!* Somente um materialista crasso dá para receber em retribuição. A verdadeira Luz espiritual distribui da plenitude de um coração repleto de dedicação, sem pensar em correspondência. Prêmio – para quê? Deus é o nosso prêmio!

Compreender isto significa compreender uma das bases mais importantes da cura, à luz da auto-realização. O estado da tua consciência em face da verdade é que determina o teu suprimento – não algum Deus, não algum Cristo, não algum Espírito que habite algures! Decisivo é tão-somente a tua consciência, o *grau da tua conscientização altamente desenvolvida.*

Bem poucos homens vêm ao mundo com a consciência da verdade plenamente amadurecida. Por via de regra, é resultado de uma evolução paulatina. A consciência dos pescadores que se tornaram discípulos do Cristo passou por uma lenta evolução. A consciência de Saulo de Tarso desenvolveu-se na consciência do apóstolo Paulo. Santo Agostinho, quando jovem, estava bem longe de ser um luzeiro espiritual, mas também ele passou para um estado de consciência desenvolvida.

O segredo está no fato de ser a fonte do suprimento a própria consciência sobre Deus como sendo esse suprimento – quer dizer, é o nosso próprio estado de consciência em estado de elevada evolução.

Quando alguém busca suprimento por intermédio de um curador, então depende esse suprimento da evolução da consciência espiritual do curador. Isto, todavia, não é um suprimento duradouro; cedo ou tarde, todo homem se verá na contingência de ter de confiar em seu próprio estado de consciência, na permanente certeza de que essa consciência desenvolvida é teo-consciência, a consciência de Deus que se desdobra na forma da nossa própria consciência individual.

Acontece então que, até certo ponto, abrirás mão da concepção de que suprimento seja algo relacionado com outro homem; e então surgirá em tua vida o grande e poderoso momento em que o mundo inteiro te cai dos ombros e tu sabes e dizes de todo o coração:

“De Deus é a terra e tudo quanto nela está... Meu filho, tudo que eu tenho é teu... A plenitude da grandeza de Deus – não apenas uma parte, mas a plenitude total – é minha, agora, superando a mortalidade com o seu limitado

senso de vida e revestindo-me de imortalidade, superando o meu limitado senso de eguidade e revestindo-me da infinitude de Deus, da graça de Deus, da presença de Deus, do poder de Deus.

Não tenho nenhum poder próprio; de mim mesmo nada posso fazer. Eu de mim mesmo não sou nada. Se falo do meu ego, do meu poder, do meu suprimento, dou testemunho de mentira. O Pai é minha vida. O Pai é meu suprimento.

Eu sou invisível, o meu suprimento é invisível; e eu o levo comigo aonde quer que vá.

Há certos homens no plano da busca espiritual que têm a idéia fantástica de que Deus, de algum modo é mais amigo deles do que de outros. Que Deus horrível seria esse! É possível, naturalmente, que a falta de conhecimento ponha teu vizinho face a face com a pobreza, criando nele a idéia de falta ou limitação; mas Deus não concede os seus bens mais liberalmente a uns do que a outros. A única diferença está no fato de que alguns, sobretudo os do caminho espiritual, sentem mais conscientemente do que outros a presença de Deus manifestada em forma visível.

Nenhum pesquisador da verdade deve pensar que um povo, uma raça, uma religião tenha acesso mais fácil a Deus do que outros, ou que alguma pessoa goze de algum privilégio especial perante Deus. A infinitude de Deus é universal; mas o que realiza o teu bem é o grau da compreensão da verdade. Uma vez que compreendeste que a conscientização da presença de Deus tem como consequência a manifestação real e a expressão da abundância, nunca mais acreditarás que algo possa ser melhorado por meio de manejos miraculosos ou pela oração. Compreenderás que o que aconteceu foi o seguinte: que tu te tornaste mais consciente de uma coisa que já existia desde o princípio em toda a sua plenitude.

Na mesma cidade em que fulano sofre pobreza e penúria, sicrano goza de abundância. Quem é responsável por isto não é a cidade, nem o tempo. Pode haver um ano de penúria, outro de prosperidade. O ano não é responsável por isto; muitas pessoas perderam a sua fortuna em períodos de prosperidade. Não é o tempo que te faz rico nem pobre. Não é o lugar que te faz ganhar nem perder. Tu mesmo te tornas uma lei para a tua experiência, na proporção que compreenderes que Deus é a substância real que subjaz a todas as formas aparentes.

Ora, se Deus é a substância subjacente a todas as formas, como poderias tu aumentar a forma? Será que Deus é a substância de formas limitadas? Não, a forma já é infinita, assim como infinita é a substância que produziu a forma. O segredo está em que reconheças que Deus é onipresente – mais do que isto, que Deus é a própria Onipresença, a presença do teu próprio ser, e, portanto, a

presença do Infinito. A tua conscientização dessa presença do Infinito revela o Infinito como abundância lá onde havia carência.

Tudo que aparece visível é feito da substância do invisível e é infinito. Assim, por exemplo, não há nenhuma possibilidade de incrementar as tuas colheitas, o teu dinheiro, os teus latifúndios, ou outra coisa qualquer, por meio daquilo que o mundo denomina oração. Não há nenhuma oração miraculosa que faça sair um coelhinho de dentro de um chapéu. Ninguém o pode fazer, a não ser que o coelhinho já estivesse lá anteriormente. Não há tal coisa como incremento ou diminuição – existe tão-somente a Infinita Realidade que se expressa, deste ou daquele modo. Se tu não és um recebedor da Infinita Plenitude não é porque a Infinita Plenitude esteja ausente – mas é porque te falta a consciência da Infinita Plenitude.

Muitos assim chamados metafísicos tentam realizar *formas* do Bem, como se tivesse havido um tempo em que essas formas do Bem existissem independente e separadamente do próprio Bem! Na proporção que a teo-consciência se revela aparece essa presença do *Bem* na forma que esse momento na vida requer – muitas vezes de modo “miraculoso”.

Através de toda a Bíblia, desde o Gênesis até ao Apocalipse, aparece e reaparece esse “milagre”. Todo profeta, santo, vidente ou sábio sentiu a presença de Deus e nela viveu conscientemente, experimentando-a como proteção, segurança e alimento, na forma daquilo que de momento havia mister. Mas será que nos tempos bíblicos todo homem experimentava esses efeitos? Será que em nossos tempos todos se sentem assim amparados? Bem conheces a resposta. A quem acontecia isto, a quem acontece, e a quem acontecerá? Acontece àqueles que têm a nítida consciência da presença de Deus, aqueles que vivem, se movem e têm o seu ser conscientemente em Deus. O Mestre não podia multiplicar pão e peixe; o Mestre só podia realizar uma coisa, podia realizar a consciência da presença do Pai no seu interior, e essa sua consciência da presença do *Pai* se manifestou externamente como pão e peixe multiplicados, como a cura de doentes e como a ressurreição de mortos.

Se aprenderes a abrir mão do teu poder mental – se desistires de querer manufaturar algo com a verdade, procurando fazer da tua mente humana uma usina elétrica – se te tornares quieto e receptivo até que o *Verbo* comece a fluir –, saberás o que quer dizer harmonia e infinita plenitude.

Observa o milagre que acontece quando a tua mente cessa de lutar, quando desistes de querer criar algo, de querer multiplicar, de querer curar, salvar ou redimir! Observa o milagre em tua vida quando aprendes a relaxar-te mentalmente, compreendendo que a Infinita Realidade de Deus é o único Eu-Sou, e que as formas em que Deus se revela não podem deixar de ser infinitas.

Deste modo, os céus proclamam a glória de Deus, revelando a sua beleza e plenitude; e a terra testifica as maravilhas das suas mãos, a grandeza de Deus, inesgotável em forma, variedade, cores, perfumes e multitude.

A medida de Deus é sem-medida. Mas no momento em que tentas produzir maçãs, desces à finitude; no momento em que tentas produzir lar, saúde, riqueza, entras na finitude. Mas, se conscientizares a presença de Deus, tens a presença de Deus, cuja infinitude aparece em infinitas formas do Bem. A presença de Deus não crea esta ou aquela forma de harmonia – a presença de Deus é em si mesma a forma de todo o Bem.

À sombra do onipotente

Andarás com segurança o teu caminho, o teu pé não tropeçará (Prov. 3,23).

Sê forte e corajoso, não temas nem vaciles ante o rei da Assíria e a multidão que com ele está, porque conosco há alguém maior do que com ele. Com ele está um braço de carne, mas conosco está o Senhor Deus para ajudar-nos a combater em nossos combates (2 Rs. 32,7-8).

Deus é minha rocha, nele confiarei; ele é meu escudo e o poder da minha salvação, minha proteção e meu refúgio, meu salvador que me salva da violência (2 Sam. 22,3).

O Senhor é minha rocha, meu baluarte, meu redentor, meu Deus minha força, no qual confio; ele é meu escudo, o poder da minha salvação e minha proteção (Sal. 18,3).

Ao redor de Jerusalém estão os montes, e ao redor de seu povo está o Senhor, desde agora e para sempre (Sal. 125,2).

Eu, diz o Senhor, serei em tomo deles uma muralha de fogo, na qual me revelarei gloriosamente (Zac. 2,5).

A Sagrada Escritura está repleta de promessas de segurança para aqueles que vivem conscientemente na presença de Deus. Testifica de um Deus que está ao nosso alcance em todas as situações e circunstâncias da vida; mas não promete ao mundo imunidade de catástrofes – de terremotos, de enchentes, de incêndios. Enquanto viverem homens nesta terra nunca deixarão de experimentar os efeitos desastrosos do modo de pensar materialista do mundo. Mas a promessa é clara; no meio da fome, das inundações, dos incêndios, das guerras, das bombas, os que vivem em Deus passarão por tudo isto sem serem de modo algum atingidos por essas coisas. De onde vem essa diferença? Por que serão eles preservados das catástrofes do mundo?

A maior parte dos que frequentam regularmente as igrejas é de parecer que estas promessas bíblicas se referem a eles, augurando-lhes segurança, que são eles que pertencem à família de Deus e não serão atingidos por esses males. Mas, estranhamente, essas pessoas que levam uma vida tão piedosa e correta, em tempo de guerra e calamidade sofrem os mesmos males que os outros sofrem – e é por esta razão que as opiniões do mundo divergem tão profundamente no tocante à verdade ou não-verdade das promessas de Deus.

Uma das razões do cepticismo e grosseiro materialismo do mundo moderno provém do fato de serem tão poucos dos que frequentam igrejas isentos das calamidades do mundo, apesar de serem essas pessoas, desde a infância, assíduos frequentadores do culto religioso aos domingos, e por vezes, até irem à igreja durante a semana.

Como pode alguém saber se pertence ou não ao número daqueles que não vão sofrer os desastres do mundo? Cada um desejaria escapar a esses males; entretanto, o grau dessa imunidade é determinado por cada pessoa individualmente. Nenhum Deus determina por nós. Não existe nenhum poder que selecione alguém para ser salvo, quando todos os outros perecem. O que o salva é unicamente o conhecimento das leis de Deus e a sintonização com elas, conforme vem declarado nas Escrituras.

A Sagrada Escritura contém as leis para uma vida feliz e próspera, e o Salmo 91 é a quintessência dessas diretrizes:

“Aquele que habita no lugar secreto do Altíssimo, permanece sob a proteção do Onipotente”...

Será que nós habitamos no lugar secreto do Altíssimo? É verdade que vivemos, nos movemos e temos o nosso ser na consciência da presença de Deus? Será que vivemos, nos movemos e temos o nosso ser na completa e absoluta confiança na presença e no poder de Deus? É verdade que vivemos, nos movemos e temos a nossa consciência em uma atitude de amar, de dar e de compartilhar? Será que vivemos assim como se, de fato, acreditássemos que o solo em que estamos é lugar sagrado e que precisamente aqui e agora a presença e o poder de Deus me envolvem, a mim e tudo que é meu? Será que vivemos, desde o amanhecer até ao anoitecer, na convicção de que Deus está dirigindo os nossos passos? É verdade que vivemos, nos movemos e temos o nosso ser na atitude de auscultarmos a voz e as diretrizes de Deus, na certeza de que seus braços eternos nos sustentam? Se assim fizermos, então pertenceremos ao número dos eleitos, à família de Deus, e a nossa herança serão justiça e paz sobre a face da terra.

“Tu conservarás em perfeita paz aquele cuja mente repousa em ti”. Somos nós do número daqueles cuja mente repousa em Deus, confiando, esperando, aguardando só dele todas as coisas? Ou será que repartimos a nossa fidelidade entre uma fé em Deus e outra fé igual, ou até maior, em algum dominador humano, algum potentado, ou em outro poder qualquer? Pertencemos àqueles que reconhecem que Deus é a nossa vida, e que por esta razão a nossa vida é indestrutível, invencível, imortal, eterna, harmoniosa, forte e útil? É verdade que reconhecemos Deus em todos os nossos caminhos, na convicção de que Deus é o nosso poder espiritual e que por isto somente uma sabedoria inesgotável se pode manifestar nas atividades da nossa vida? Ou será que, por vezes, confiamos em nosso entendimento humano? Estamos

convencidos de que somente Deus é poder infinito, convencidos de que qualquer outro poder, por mais terrífico – seja em forma de exércitos no campo de batalha, seja em forma de câncer no corpo humano – não passa de um “braço carnal”, ao qual, portanto, não inere nenhum poder e nenhuma autoridade no plano da nossa vivência? Estamos convencidos de que Deus é o alfa e o ômega da nossa vida, a fonte do nosso suprimento, a atividade do nosso ser?

Pensamos em Deus, logo de manhã, ao acordarmos? Reconhecemos que somente o poder de Deus nos podia dar paz e repouso, e somente o poder de Deus nos podia despertar para um novo dia?

Hoje, neste dia, é Deus que me governa; Deus é o senhor e diretor desse dia; quem controla o êxito deste dia não é a minha conta no banco, não é a minha família, não é meu emprego, não são meus amigos – de Deus somente depende o sucesso deste dia de hoje. Deus é que domina o meu dia, Deus, esse poder que não conhece sonolência nem sono. Deus, o onipresente, está comigo, no meu sono e no meu repouso; Deus me faz repousar, mesmo quando o sono foge de mim.

Se reconhecermos Deus como a verdadeira essência da nossa existência, como a verdadeira lei da nossa proteção e do nosso suprimento, então o reconhecemos em todos os nossos caminhos.

Há, em nossa vida, situações que, humanamente, não têm solução. Cedo ou tarde, todo homem faz essa experiência. Jesus enfrentou uma situação dessas no horto das oliveiras, no caminho do Calvário e na cruz.

Moisés se viu face a face com obstáculos aparentemente insuperáveis quando tirou os hebreus da escravidão do Egito e viu o exército do faraó no seu encalço, de maneira que parecia inevitável ser capturado ou destruído, ou novamente reduzido à escravidão. Mas precisamente nessas situações, humanamente insolúveis, apareceu uma solução de caráter espiritual – como nuvem de dia, como cortina de fogo durante a noite, como maná, como água do rochedo. Moisés, certamente, nunca sonhou com essa espécie de proteção; nunca orou por uma nuvem de dia e uma cortina de fogo durante a noite. A sua oração consistia na conscientização da presença de Deus; mas, como essa presença divina era necessária em forma de uma nuvem de uma cortina de fogo, como nuvem e como cortina de fogo se manifestou essa presença de Deus intensamente conscientizada. E que aconteceu no dia seguinte? O Mar Vermelho se abriu. Seria crível admitir que Moisés tivesse orado para que o Mar Vermelho se abrisse, que sequer tivesse pensado em tal possibilidade? Certamente não, tampouco tu ou eu teríamos esperado tal coisa. A sua conscientização da presença de Deus é que se manifestou nesse abrimento do Mar Vermelho.

Quando o Mestre alimentava ou curava as turbas, quando desaparecia do meio da multidão, quando não havia esperança alguma de auxílio humano, recorria ele a algo muito maior do que qualquer recurso humano: hauria da Fonte do Infinito e do Invisível. Entretanto, não nos esqueçamos de que o auxílio divino vem sempre através dos guias espiritualmente iluminados, e nunca do meio do povo em si. Somente homens espiritualmente iluminados podem ser os canais através dos quais fluem as maravilhas de Deus.

Excetuando sacerdotes, curadores e mestres iluminados, dispostos a tomar sobre si, até certo ponto, a tarefa da cura espiritual para nós, não há guias espirituais que façam essa obra a nosso favor. Cada um de nós deve chegar à compreensão de que Deus não faz acepção de pessoas e que se alcança o poder espiritual na razão direta em que o homem se consagra a essa tarefa. Ainda hoje vale o que nos tempos bíblicos valia: “Conservarás em perfeita paz aquele cuja mente repousa em ti”. É este o único requisito; não importa se somos de alta ou baixa linhagem, se temos muita ou pouca instrução, ou mesmo nenhuma, se a nossa epiderme é branca, preta ou amarela. O que é decisivo é somente o nível e a atividade da nossa consciência.

A palavra de Deus é viva, aguda e poderosa; e com esta palavra eu possuo dentro de mim uma proteção maior que qualquer coisa no mundo externo. Eu tenho um alimento que vós não conheceis; eu tenho comida e bebida e medicamento; eu tenho inspiração, vida, verdade e amor. A palavra, o Verbo de Deus está no meu interior, e é maior do que tudo que existe no mundo exterior.

A palavra de Deus é viva, aguda e poderosa, sim; mas ela tem de ser mantida em plena vitalidade em nossa consciência individual; tem de estar em nosso coração e em nossos lábios. “Se permanecerdes em mim, e se permitirdes que eu permaneça em vós” – lembremo-nos das palavras do Mestre: Passarão o céu e a terra, mas a minha palavra não passará¹.

1. Poderia o autor ter acrescentado as palavras do Evangelho “O Verbo se fez carne e habita em nós” (ou, literalmente, ergueu a sua tenda em nós). O texto grego do primeiro século não diz “habitou entre nós”, como dizem as traduções, mas “habita em (ou dentro de) nós”. Depois de erguer a sua tenda o seu tabernáculo, habita nessa tenda, nesse tabernáculo da nossa personalidade humana, ele, o Verbo, o nosso Eu divino, a nossa individualidade, o nosso Cristo Interno. O Verbo, o Lógos, habita permanentemente em cada homem, e o homem deve conscientizar essa permanente e real presença do Verbo, que nele se fez carne e nele habita (N. do T.).

Não, a palavra da verdade, o Verbo, não falhará nem jamais desaparecerá, uma vez que ergueu o seu habitáculo na consciência de uma individualidade humana, aqui e acolá. Se o mundo inteiro fosse destruído, ficaria ainda um resto, e esse resto seria o daqueles que guardaram o Verbo em seu coração. E esse resto, como o Verbo dentro do coração, é que recomeçaria a nova raça, a nova geração, a nova era da humanidade. Quando aprendemos a habitar no

Verbo e a deixar o Verbo habitar em nós, descobriremos que somos guiados por Deus, sustentados por Deus, mantidos por Deus, protegidos por Deus.

No seu mui citado poema “Invictos”, afirma William Ernest Henley com profunda convicção: “Eu sou o senhor do meu destino, eu sou o comandante de minha alma”.

Certamente, no sentido espiritual, é cada um de nós responsável por ser o comandante da sua nau e o mestre de sua alma, não por meio de alguma espécie de bruxaria, mas no sentido de despertarmos em nós a consciência da presença única de Deus e do seu poder único. E de acordo com o grau dessa conscientização, somos orientados para estarmos no lugar certo em tempo certo, e não no lugar errado em tempo errado.

Se seguirmos o curso comum da vida humana e resolvermos atravessar o oceano de navio, assim faremos; se o navio chegar são e salvo, muito bem; se não, possivelmente teremos algum contratempo. Mas se vivêssemos a nossa vida à luz de uma nítida teo-consciência de manhã, ao meio-dia, à noite, se tivéssemos a consciência de que Deus é a nossa alma e reconhecêssemos que é Deus que tudo decide, não nós mesmos, então teríamos um guia e um protetor que nos preservariam de todo o desastre.

Como pessoas humanas vivendo vida humana, estamos sujeitos a todas as crenças e crendices que flutuam pelo ambiente do mundo – a crença em acaso, em sorte, em vicissitudes, em astrologia, em circunstâncias, em caprichos do destino – mas, se habitarmos no Verbo, seremos lei não só para a nossa vida individual, como também para todos aqueles que invocam o nosso auxílio, na medida que a nossa consciência estiver repleta e vivenciada pela verdade.

Praticamente, qualquer notícia de jornal nos mostra que estamos vivendo dias de temores, como nunca dantes; quanto ao mundo, até hoje não foi encontrada proteção eficaz, nenhum refúgio subterrâneo contra armas nucleares, contra bombas atômicas de urânio ou hidrogênio. Em face disto, o homem é facilmente hipnotizado pela crença de que a sua vida dependa da boa ou má vontade de seus inimigos. Que idéia horrível essa e tanto mais horrível por não ser verdadeira...

Não temos motivos para temores; não temos por que tomar parte nas angústias do mundo. A Sagrada Escritura nos diz que Deus é um baluarte. Será que vamos pôr em dúvida a afirmação dos livros sacros? Será que Deus não é a nossa fortaleza inexpugnável em que possamos confiar? É ou não é verdade que Deus é firme proteção, Deus, no qual vivemos, nos movemos e temos o nosso ser? Será que necessitamos de Deus mais do que de cimento armado? Não é verdade que alguns dentre nós sempre de novo têm afirmado que não necessitamos de Deus e ainda de medicamento? Que não precisamos

de Deus mais uma fortaleza de pedras? Deus é nosso baluarte, sim, mas isto tem de ser tomado ao pé da letra. Deus é Espírito, Deus é Infinito, e a nossa vida está oculta com o Cristo em Deus.

Mas enquanto estas verdades não forem praticadas, a Escritura Sagrada não passa de um livro sobre a mesa; ela não é o Verbo realizado. É, certamente, verdade que vivemos em Deus e Deus vive em nós – “eu estou no Pai, e o Pai está em mim” – mas, assim como já vimos que saúde e suprimento são coisas invisíveis, do mesmo modo temos de reconhecer que segurança e proteção são atributos invisíveis de Deus. Temos de habitar no lugar secreto do Altíssimo, não ir a esse lugar somente aos domingos, mas fazer nele a nossa habitação permanente, de manhã, ao meio-dia e de noite; isto faremos se compreendermos que nós mesmos somos invisíveis. Com efeito, todo o segredo da vivência espiritual tem que ver com o Invisível, tem que ver com o fato de que a nossa vida é algo invisível, que a nossa vida está oculta com o Cristo em Deus.

O Mestre disse que, se este templo, essa estrutura visível, for destruída, em três dias ele o reconstruiria. Nada pode atingir o nosso Eu. Balas não o podem destruir. Chamas não o podem queimar. Água não o pode afogar – nada o pode afetar, porque esse Eu, que é a Vida, é invisível; isto é a tua vida, isto é a minha vida. A nossa vida é invisível, oculta com o Cristo em Deus.

Essa invisibilidade é, em si mesma, a nossa garantia de segurança e proteção, seja em casa ou no escritório, seja em viagens de avião, de automóvel ou de navio. Nós somos o Infinito Invisível, somos Deus feito carne, Consciência Infinita individualizada, a Consciência de Deus que tudo corporifica e que tudo inclui em si, inclusive qualquer forma de transporte.

Em face disto, poderá haver qualquer temor concernente a naufrágio de navios, queda de aviões ou colisão de automóveis? Nós nunca nos achamos “em” um navio, “em” um avião, “em” um automóvel. O navio, o avião, o automóvel é que estão em nós – em nossa consciência. Todo e qualquer veículo que encontrarmos pelo caminho está dentro da nossa consciência: por isto, não há motivo para temermos algo, na estrada, da parte de motoristas inábeis ou bêbados, enquanto mantivermos em nós a consciência da presença de Deus. Não somos vítimas de algum motorista fora de nós; todo e qualquer motorista que encontrarmos está dentro da nossa consciência e sujeito à consciência que tivermos da verdade. Toda a pessoa que se acha na direção de algum veículo e que entra no âmbito da nossa conscientização está sujeita à consciente experiência da verdade, e, por isto mesmo, guiada por Deus, mantida por Deus.

O que acaba de ser dito não deve ser interpretado às avessas, como se Deus pudesse ser utilizado para nos proteger de acidentes. Não podemos servir-nos de Deus para nos preservar de acidentes ou de outra coisa qualquer, mas

podemos chegar à experiência de que Deus é o nosso ser, e, dentro desse ser, não existem acidentes de espécie alguma.

Recordo-me de um negociante próspero, que procurava sinceramente a verdade no caminho espiritual. Certa vez, resolveu viajar com a família, em um fim de semana. Era no dia 4 de julho. Na sexta-feira levantou-se de manhã às cinco horas e passou uma hora toda em oração pedindo proteção na viagem; depois disto, ele e sua família partiram para a viagem de recreio. A próxima coisa de que se recordava era o seu despertamento em um hospital, na manhã da terça-feira seguinte. O seu automóvel fora destruído, e só depois de semanas e meses de hospital voltou a família para casa, restabelecida do desastre.

Durante o longo período de convalescença, o principal problema que ele revolveia na mente era em torno do “porquê” desse acontecimento. Mas nenhuma das suas indagações deu resposta satisfatória. Por isto, após a convalescença, foi procurar alguém mais adiantado no caminho espiritual, com o fim de encontrar explicação do fato. “Que foi que aconteceu? Eu sou um homem que procura sinceramente a verdade, e, ao que sei, não há em minha consciência nada que não esteja em ordem; até me levantei uma hora antes a fim de orar intensamente por proteção. E agora, como me podia acontecer isto?”

O amigo dele lhe respondeu: “Inventasse um acidente – creaste um desastre”.

“Não te compreendo. Julgava ser importante orar para ter proteção”.

“Isto, sim, é importante, contanto que... Se tivesses compreendido a natureza da tua oração, tudo estaria certo. Mas agora, dize-me: contra que querias proteger-te?”

“Ora, contra maus motoristas na estrada, contra acidentes e álcool”.

“Exatamente! Querias proteger-te a ti e tua família contra um poder e contra uma presença separada de Deus, querias embalar-te a ti e a tua família em um chumaço fofo de algodão de onde nada daquilo pudesse atingir-vos. E que fizestes? Creaste uma imagem mental de maus motoristas, de álcool e acidentes – como poderias esperar que tais coisas te protegessem?”

Através desta única lição aprendeu esse homem o princípio fundamental que, mais tarde, fez dele exímio curador espiritual – a lição de que existe um só poder, e que esse poder único é Deus. Compreender que Deus é a mente, a vida, a alma, o espírito, a substância do Universo, reconhecer que Deus é a única atividade na consciência do marido, da mulher, do filho, dos pais e de qualquer pessoa que entre no âmbito da nossa consciência – isto, sim, é oração protetora. É a nossa proteção contra a crença de que essas pessoas ou coisas tenham uma vida à parte, delas, e que essa vida possa estar em perigo.

É a nossa proteção contra a crença de que algo ou alguém possua um corpo à parte, dele, e que qualquer pessoa tenha uma egoidade própria, individual.

A oração protetora consiste na compreensão de que ninguém possui uma egoidade separada de Deus. Ninguém possui inteligência, vida, alma, espírito, ser ou corpo que não sejam de Deus. A proteção consiste na compreensão de que Deus é a vida, a inteligência, a alma, o espírito, a imortalidade e a eternidade de cada homem individual sobre a face da terra. Se não conscientizarmos que Deus é a Inteligência Universal, embora digamos que Deus é a nossa inteligência, como certos mentalistas fazem, e se deste modo sairmos à rua e encontrarmos um motorista cuja inteligência, a nosso ver, não é a Inteligência de Deus, somos apanhados pelo carro dele. Coisa assim não aconteceria se tivéssemos a nítida consciência de que Deus é a Inteligência Universal. Pouco importa o que o outro motorista saiba da verdade – o que importa em nossa experiência é o grau de conhecimento que nós tenhamos da verdade. O que decide é unicamente aquilo que nós sabemos da verdade, não o que o outro sabe. Não basta que digamos “estou oculto com o Cristo em Deus”, nem basta dizer “Deus é minha inteligência”, ou “Deus é minha vida” – nada disto é suficiente, de modo algum, porque, como consequência, excluímos todo o mundo restante; e, no entanto, cedo ou tarde, teremos de entrar em contato com esse mundo lá fora².

2. Não se esqueça o leitor de que Goldsmith escreve para a mentalidade dualista do Ocidente, onde, há quase dois mil anos, impera uma ideologia separatista, criada pelas teologias dominantes, e onde o grandioso monismo unitivo do Cristo e de todos os grandes mestres espirituais da humanidade é praticamente desconhecido. Assim, pode o leitor ocidental ter a impressão de que o autor advogue uma espécie de panteísmo, como também foi alegado contra Teilhard de Chardin. Goldsmith não afirma que tudo é Deus, mas sim que tudo está em Deus e Deus está em tudo. Deus é a única Essência nas Existências múltiplas (N. do T.).

A oração protetora consiste na compreensão de que toda a verdade que conhecemos é uma verdade universal. Encher uma criança com pensamentos de medo mediante constantes admoestações de caráter negativo, “não faça isto, não faça aquilo”, é o mesmo que negar o Cristo. Humanamente considerado, pode isto parecer razoável, e, em certo nível de consciência, ser necessários; mas, no plano espiritual, é exatamente o contrário. Para dar a uma criança um senso de segurança, deveríamos dizer-lhe que Deus é vida indestrutível e sabedoria, que sempre a levarão ao lugar certo e em tempo certo. Deus é a vida e a alma de tudo que ela encontra, e, por conseguinte, tudo que a criança encontrar é Deus, seja o que for. Ela está sempre sob a proteção de Deus e guiada pela sabedoria de Deus.

A oração protetora consiste na conscientização da presença de Deus como sendo a inteligência, a alma, o espírito e a substância do corpo de todo homem, como a lei única de cada um, como vida, imortalidade, eternidade.

Essa prece por proteção é necessária. Devemos proteger-nos da aceitação da crença geral em dois poderes e da idéia de estarmos separados de Deus. Deus deve tornar-se para nós uma experiência viva. Temos de descobrir um caminho que nos una com Aquele do qual nos julgamos separados. Quando somos tocados pelo espírito recebemos a revelação, que é Deus. E então permitimos que o espírito de Deus nos guie. Permitimos que a Presença Divina siga diante de nós, endireitando tudo que é torto.

QUARTA PARTE

**CURA ESPIRITUAL
SEM PALAVRAS
NEM PENSAMENTOS**

Para além de palavras e pensamentos

Através de estudo e meditação, em virtude de uma vivência da verdade e mediante exercícios constantes, se tornam os princípios da cura pelo espírito parte integrante da nossa consciência.

Visam as explanações deste livro acelerar a transição de uma concepção imaterial da vida para a consecução daquele espírito que estava em Cristo Jesus. O homem de verdadeira consciência espiritual, compreendedor dos princípios da terapia espiritual, tem o poder de realizar curas.

Espiritualmente consciente, porém, não é o homem que se contenta com o conhecimento apenas intelectual desses princípios; não se trata de fazer pronunciamentos afirmativos ou negativos; não se trata de fazer uso de forças mentais ou da ciência humana.

Ninguém possui por si mesmo compreensão suficiente para curar uma simples dor de cabeça. O espírito de Deus gerado em nós, que trouxemos a esta vida terrestre como um dom divino, ou que alcançamos por meio de exercícios – é esse espírito que realiza a cura. Um livro como este não é senão um meio para desenvolver a experiência consciente do espírito de Deus. Resultado positivo, não só na terapia, mas em qualquer plano de realização espiritual, é algo que transcende qualquer conhecimento que tenhamos ou possamos adquirir. Verdade é que os conhecimentos que adquirimos têm a sua finalidade; mas essa finalidade consiste em nos conduzirem rumo à realidade da consciência espiritual.

É difícil para muitos assim chamados metafísicos¹, compreenderem que todas as verdades por eles conhecidas e estudadas não são um poder divino e não os levam à experiência de Deus; não lhes garantem orientação, nem saúde nem a força de Deus. O erudito vive, geralmente, na convicção de que o fato de ler livros, frequentar igreja ou tomar parte em cursos faça dele algo peculiar aos olhos de Deus. É, certamente, melhor fazer tudo isto do que não fazê-lo; entretanto, a verdade espiritual se torna lei de Deus em nossa vida somente na razão direta que a *realizamos* em nós. Não nos esqueçamos jamais desta verdade: deve, em primeiro lugar, haver conhecimento; depois vem a realização.

1. Quando o autor se refere aos “metafísicos” entende ele, sempre, pessoas que operam, de preferência, com forças mentais, e não com a consciência espiritual (N. do T.).

Pode acontecer que, durante um ano, estudemos a verdade, realizando-a em algum ponto particular; e assim nos entregamos à guia divina, nesse ponto particular não como se Deus se parcializasse, mas porque nós o conscientizamos parcialmente. “Porquanto, agora vemos como que em um espelho, obscuramente; depois, porém, veremos face a face”. Vemos agora como que através de um vidro escuro; mas esse vidro escuro não desaparece subitamente, ainda que com cada nova compreensão ele se torne mais claro – até que, por fim, apareça perfeitamente transparente – e vemos Deus face a face.

Desse modo, por exemplo, muitos de nós que trilham este caminho principiaram com o estudo de um determinado ensinamento, adquirindo um vislumbre de Deus como sendo a *Vida*. No princípio talvez tenhamos repetido isto apenas com palavras, concordando intelectualmente com a verdade. Eventualmente, porém, chegamos a um ponto de transição, e conscientizamos:

Deus é vida. Minha concepção de vida, humanamente limitada, lá se foi. Já não é necessário realizar a saúde². Não há mais idade, e por isto não há necessidade de realizar juventude. A minha vida deixou de ser minha, ela é a vida de Deus. E esta vida é sempre vivida sob o signo do Infinito e do Eterno.

2. Palavras como estas são um verdadeiro desafio para os não-iniciados na suprema Realidade. Se Deus está em mim, e se Deus é vida, saúde, juventude, é evidente que eu não posso nem devo resumir estas realidades que já são reais; o que devo fazer é *conscientizar* intensamente a presença desta Realidade divina em mim. No plano ontológico do SER tudo é, e nunca poderá deixar de ser, mas no plano lógico do meu conhecer, aquilo que é só começa a existir e a funcionar no momento em que eu me torno consciente da Realidade de Deus em mim. O grande problema esta, pois, e unicamente nessa intensa *conscientização* da presença de Deus (Realidade) em mim. Uma vez realizada essa conscientização, tudo está realizado. Dentro da presença real de Deus há males e maldades de toda a espécie – mas, a partir do momento em que o homem vive conscientemente essa presença real da Divindade nele – adeus, males; adeus, maldades! (N. do T.).

A partir desse momento, quando enxergamos que Deus é vida, e a vida é Deus, começa a melhorar o estado da nossa saúde corporal. Possivelmente, com isto não melhorarão as nossas condições econômico financeiras; mas, algum dia, teremos a mesma experiência no plano da nossa prosperidade material – e subitamente compreendemos que os bens da vida não são algo que devemos adquirir mas que já estão presentes em nós. Se fizermos essa conscientização, já não há necessidade para realizarmos os bens da vida.

Todas as verdades que lemos na Bíblia ou em outros livros de sabedoria espiritual só funcionam como verdades na proporção que nós as vivermos conscientemente. Podemos ter conhecimento de maravilhosas experiências vividas por pessoas espiritualmente iluminadas – mas, com todos esses

conhecimentos, pedimos apenas emprestado o óleo dessas pessoas e nos alimentamos dos benefícios do seu estado de consciência. Tal coisa se permite a discípulos novatos e neófitos, e é eficiente até certo ponto; mas, se nós mesmos despertarmos para a consciência espiritual, seremos do número daqueles que, uns vinte anos mais tarde, dirão: Naquele tempo nos contaram coisas maravilhosas, mas hoje isto já não é necessário.

Lembre-mo-nos de que a verdade espiritual é parecida com uma conta no banco, da qual não podemos retirar mais do que depositamos. A verdade em si é infinita, mas a nossa conscientização da verdade é proporcional ao grau do nosso esforço, da nossa dedicação, do nosso amor, do trabalho e sacrifício que empregamos para adquiri-la. Requer esforço, requer trabalho. É um trabalho de amor; e por isto quem não trabalha com amor não aprofunda vantagem maior do que valem o pouco tempo e trabalho, o esforço ou dinheiro que nisto empregou. Estudar, ler, meditar, ponderar, ouvir – tudo isto são passos que, em última análise, nos levarão ao ponto em que diremos: “Eu era cego; – e agora vejo”.

A verdadeira cura se baseia no fato de que nenhum acervo de coisas que soubermos de Deus ou do homem está em condições de resolver um único problema, nem de curar uma única doença; o que esses conhecimentos podem fazer é apenas tranquilizar-nos até que ingressemos em uma atmosfera de paz e nos sintamos realmente como que flutuando em Deus, não dormentes nem mortos – nada disto – nem em uma espécie de hipnose, oscilando a meio caminho entre dois mundos. O que experimentamos é uma paz que transborda de vitalidade; é a paz que ultrapassa toda a compreensão humana. Neste estado não nos é possível adormecermos nem temos vontade de tornar a dormir jamais; temos desejo de ficar acordados para sempre, e permanecer para todo o sempre nesse estado de intensa vigília. Estamos em um estado de pleno despertar e consciente vitalidade, e ao mesmo tempo em uma profunda paz e tranquilidade.

Quando nos achamos nesse estado de absoluta quietude, acontece algo que faz romper a bolha. E, quando emergimos das suas profundezas, depois de minutos, horas ou dias, verificamos que o nosso problema está solucionado.

Está solucionado porque o problema, seja qual for a sua natureza, era uma imagem mentalmente criada e baseada em uma concepção material da lei da vida. Talvez a tenhamos apelidado de lei do *karma*, ou a lei de causa e efeito – “o que o homem semear, isto ele colherá; quem semear na carne, da carne colherá perdição; mas quem semear no espírito, do espírito colherá vida eterna”. Mas não nos esqueçamos de que “por Moisés foi dada a lei, mas por Jesus Cristo vieram a graça e a verdade”. A lei é para os que vivem humanamente, a graça é para os que vivem espiritualmente. No momento em que estivermos dispostos a abrir mão da lei da autopreservação, da

autocomplacência, da condenação de nós mesmos e da condenação de outros, dispostos a vivermos no amor, isto é, na experiência de Deus, que é igualmente pai de todos nós, e, como filhos de Deus, nos amarmos uns aos outros e compartilharmos os nossos bens – neste momento verificaremos que se deu uma grande mudança em nossa vida. A partir daí, não mais sucumbiremos à tentação de quisermos providenciar por nós mesmos o nosso sustento, do mesmo modo que não estamos dispostos a roubar algo aos outros para o darmos a nós; porque compreenderemos que essa tentativa de quisermos providenciar por nós mesmos o necessário sustento seria o mesmo que derivar o nosso suprimento do mundo de causa e efeito – esses bens que, de momento, se acham, provavelmente, nas mãos de outra pessoa e que amanhã esperamos possuir como propriedade nossa.

Nunca tornaremos a desejar algo que já exista no mundo de causa e efeito. Estaremos dispostos a colher os bens da vida da fonte do Infinito e do Invisível. Estaremos dispostos a esperar com paciência até que possamos conscientizar a presença de Deus, na certeza de que essa conscientização é plenitude. A palavra-chave é “plenitude” ou “plenificação”. Essa plenitude não haure de algo já existente, mas sim da fonte do nosso interior, de onde o Pai no-lo envia – o que exclui, todavia, que esses bens já existam em alguma forma, humana ou material, lá fora.

Espiritualmente, somos infinitos, infinitos como Deus; e por isto é pecado desejar alguma coisa. Temos de pedir unicamente que o próprio Deus se dê a nós e nos beneficie com a Sua graça – isto é pedir, bater e receber; é este o único desejo legítimo. Mas, se reduzirmos o nosso desejo – o nosso pedir, o nosso bater, o nosso buscar – a alguma forma de bem material, estaremos sujeitos ao senso material da lei.

Quando o Mestre estava com fome e foi tentado para produzir pão, disse ele: “Não! Vai atrás de mim, adversário: não farei nenhuma exibição pessoal!” Três vezes foi ele tentado a fazer uso do seu poder pessoal, e três vezes se recusou o Mestre a fazê-lo. “Compete a Deus sustentar-me; compete a Deus o domínio, e não a mim”. E assim, recusando-se a produzir coisas, provou que estava acima da lei da mente e da matéria. Havia ingressado na zona do puro espírito, do reino de Deus, onde “é do agrado de vosso Pai dar-vos o reino”. Não se trata de dar-nos um *método* para alcançar o reino, mas dar-nos o próprio *reino*.

Todo o sofrimento que no mundo existe nasce do fato de estarmos sujeitos à lei de uma concepção material da vida. Toda vez que nos defrontamos com uma lei material ou mental, devemos remontar ao princípio fundamental, neutralizando-a deste modo pela compreensão de que não há poderes, mas que Deus é o único Poder.

Deus é um Deus zeloso; não cede o seu Poder nem a mim nem a ti – assim como a inspiração que se apodera de todo homem genial não é desse homem,

mas é do próprio Deus, que flui através do homem, assim flui também o Poder de Deus *através* de ti e *através* de mim. Se alguém pensa que os dons que possui são dele, verá que em poucos anos se esgotarão e desaparecerão – e acaba sendo reduzido a um deserto, nem compreende por que não lhe vêm mais idéias novas. É que ele considerava esses dons como sendo dele mesmo, propriedade única e exclusiva; julgava que Deus lhe houvesse prestado um favor especial, dando-lhe esses talentos.

Nunca Deus dá o seu talento a ninguém. Deus retém os seus dons em si mesmo, manifestando-os livremente e jubilosamente através de nós, mas nunca abre mão dos seus dons, que continuam a ser os dons de Deus. Os que sabem disto nunca se sentem privados desses dons, nunca deixarão de ter a inspiração, porque a inspiração não é deles; a inspiração é de Deus, e o homem não passa de um instrumento ou canal através do qual eles fluem e se manifestam ao mundo. Se há inspiração limitada, se os bens da vida – saúde, dinheiro, oportunidades – aparecem de algum modo restritos, é certo que está em ação alguma ideologia errônea e generalizada sobre a lei – e então estamos sujeitos a essa lei e sofremos, porque vivemos na ilusão de sermos nós mesmos criadores, em vez de reconhecermos que há um só Criador.

Essa ideologia de uma criação dual tem a sua base no ego. No paraíso do Éden acreditou Adão que ele e Eva fossem os criadores. Hoje em dia o homem descobriu a sua mente e julga que com o poder da mente possa ele criar coisas boas e coisas más. Finalmente, porém, deve o homem convencer-se de que ele não é criador. Pode ser, sim, um instrumento pelo qual o Princípio Criador funciona, mas o homem mesmo não é criador³. A nenhum homem, a mulher alguma foi dado o poder de criar a seu bem mentalmente, ou de destruir mentalmente esse bem. Toda vez que alguém se julgar um criador no plano mental está em ação o ego – do mesmo modo quando julga poder criar algo no plano material. Quando o homem abandona toda a pretensão de ser um criador e reconhece que todas as formas dos fenômenos visíveis têm a sua origem no mundo invisível, então vive ele no mundo da Realidade. E então todas as coisas criadas – inclusive o seu corpo – cantarão harmonia. Somente enquanto perdurar a crença – a crença generalizada de sermos criadores e possuímos uma existência separada de Deus – reinarão a desarmonia e a discordância em nosso corpo, em nossas relações sociais e em nossos negócios.

3. Convém notar que o homem-ego, o ego mental, é, em certo sentido, criador; mas só no tocante às coisas negativas, que são os males, as ausências, os vácuos, as sombras. Somente o espírito é criador do positivo, do bem, da presença. Enquanto o ego negativo não se integrar no Eu positivo, não pode ele ser autor de um bem (presença), mas tão somente do mal (ausência). (N. do T.).

Observemos a maravilha que se revela em nossa vida quando abandonamos a crença dualista de que Deus reine *sobre* verdade ou erro, *sobre* amor ou ódio

quando de todo o coração abraçamos o princípio do Poder único; quando deixamos de nos defender contra sombras projetadas na parede – um nada – quando desistimos de empreender campanha contra os erros do mundo, contra os tiranos e os poderes desta terra.

Observemos o que acontece quando tu e eu atingimos o estado de consciência que nos revela o inimigo como um “braço carnal”. Seja qual for o seu tamanho e a sua força, não passa de um “braço carnal”, um nada. “A luta não é vossa; é de Deus – ficai quietos!” Há um só Poder. Faze as pazes com teu adversário! Não afirmes nada, não negues nada! Fica quieto! Entrega-te à paz! Aguarda a palavra de Deus; quando vier, será forte e poderosa, mais aguda que uma espada de dois gumes!...

O nosso conhecimento nunca será mais penetrante que essa espada de dois gumes. Nossos pensamentos e nossas forças de concentração nunca operarão milagres – mas, se vivermos esses princípios, veremos as maravilhas da graça. Por esta razão, escolhamos certas verdades e comecemos a viver de acordo com elas. Principiemos com a verdade importante do Poder único:

Deus é o único Poder. Por isto, não temerei o que os homens me possam fazer. Não temerei bacilos nem infecção nem contágio, nem temerei poderes humanos. Há um só Poder, o Infinito Invisível.

Se nos apegarmos firmemente a isto, o nosso caminho será harmonioso. Não quer isto dizer que tenhamos cem por cento de sucesso, porque a pressão que o mundo exerce sobre nós é grande – jornais, rádio, televisão, conversas, boatos – tudo isto nos hipnotiza e nos leva à tentação de reconhecermos um poder separado de Deus. Que de vez em quando sucumbamos a isto não nos deve angustiar; nada há de que nos devamos envergonhar. Todo homem aqui na terra tem tido momentos em que as tentações do mundo se infiltraram nele, convencendo-o de que existiam poderes fora dele.

Quem esteve jamais livre de qualquer tentação? Jesus foi tentado. Tentações se aproximaram de todos os grandes mestres e seus discípulos. Todos são tentados a admitir um mundo separado do mundo de Deus, um poder fora do Poder de Deus, alegrias fora das alegrias de Deus, profetas ao lado dos profetas de Deus. Se isto nos acontecer, desta ou daquela forma, reconheçamo-lo como tentação e armemo-nos de coragem, comecemos de novo, firmes na convicção de que existe um único Poder, Deus; e continuemos em um estado de receptividade, permitindo que se revele através de nós.

Tenhamos a certeza de que as coisas vão bem se conseguirmos verificar, até certo grau, a atividade de Deus em nossa vida.

Toda vez que nos ocuparmos com curas espirituais, tenhamos a nítida consciência de que por nós mesmos nada podemos fazer, mas que o Todo, a

Plenitude, a Perfeição do Pai pode derramar-se em nós, ressuscitando os mortos, curando os enfermos e saciando os famintos.

De mim mesmo nada sou, mas porque eu e o Pai somos um, por isto o Todo, a Plenitude e a Perfeição do Pai podem manifestar-se através de mim e como sendo meu próprio Eu. Por isto, aonde quer que eu vá, a glória de Deus segue à minha frente com grande esplendor, fazendo-me sentir a sua presença.

Mantendo em nós esse senso de ego-vaquidade, iniciando cada dia com essa conscientização, não tardaremos a ver que até as flores florescerão em nossa presença, porque a nossa presença será uma bênção ininterrupta mesmo para aqueles seres que nem sabem quem somos, o que somos, e porque assim somos.

Quando eu for erguido às alturas

Agora ultrapassamos palavras e pensamentos e ingressamos naquele lugar que é a comunhão com Deus. “Ainda na minha carne eu verei a Deus”. Quando? Quando estivermos quietos; quando obedecermos ao Primeiro Mandamento, reconhecendo a existência de um Poder único, reconhecendo Deus como a Realidade central do nosso ser; quando tivermos renunciado a todos os conceitos errôneos como sendo apenas um “braço carnal”, um nada – então estaremos firmes naquela consciência da unidade e faremos brilhar a luz em nós.

As armas da crença humana – concepções humanas e pensamentos humanos – não têm poder sobre aquele que realizou conscientemente a sua unidade com Deus e sua unidade com tudo em todos os setores da vida. Aí não há mais necessidade de palavras ou pensamentos, mas tão somente a vivência íntima da unidade que, por vezes, se expresse em palavras.

Tudo que Deus é, isto sou eu. Tu vês a mim, e tu vês o Pai, que transparece de mim, porque eu e o Pai somos um. Eu nele, e ele em mim; eu em ti, e tu em mim, e todos um em Cristo Jesus – em vivência espiritual, em filiação espiritual, em essencial identidade. Nada neste mundo me é hostil, e eu não hostilizo ser algum, porque a minha unidade com o Pai constitui a minha unidade com todo o ser espiritual.

Deus fala na linguagem universal do espírito. Pode ser que ouçamos Deus como voz real com nosso ouvido, ou vejamos Deus

como luz, ou o percebamos de outra forma; por outro lado, podemos viver Deus também como libertação, como calor ou como uma elevação do nível da nossa consciência. Em qualquer hipótese, será um sinal; haverá um sinal – mas nenhum sinal será dado com antecipação. Esses sinais seguirão aqueles que conseguiram uma experiência consciente. Por isto, a oração em sua forma mais alta é a oração do contato, a prece da comunhão íntima, na qual não há mais palavras ou pensamentos que de nós passem para Deus; talvez nem mesmo haja palavras ou pensamentos que vão de Deus para nós – mas haverá uma experiência íntima, haverá um senso de comunhão, haverá uma profunda paz interior.

A verdadeira oração atinge o zênite da sua perfeição quando deixa de haver qualquer desejo; chega à sua plena floração quando surge o sentimento de comunhão, quando morreu todo o desejo de qualquer coisa. É como se fosse em uma noite de Natal, e nós ao pé da árvore iluminada, tivéssemos recebido todos os nossos presentes – e todos os nossos desejos estivessem satisfeitos – e nada nos resta senão o delicioso sentimento: “Muito obrigado a todos vós!”...

Quando a nossa consciência for erguida às alturas de um senso de “Eu te agradeço, meu Pai, eu vos agradeço, a todos vós!” então vem a plenitude e a perfeição da comunhão com Deus, e essa comunhão é um repousar na alma. Assim como uma criança repousa nos braços de sua mãe, assim vem sobre nós esse repousar em nossa alma. A criança não tem desejos, não quer nada, não necessita de nada – repousa tranquilamente. Do mesmo modo chegamos nós a um período de refrigério e de paz, na compreensão de que é do beneplácito do Pai dar-nos o reino. E com isto repousamos, livres de qualquer desejo – mesmo sem nenhum desejo interno – libertos de toda a tensão, desentesados em espírito.

Isto conduz a um estado de consciência que, no Caminho da Realização, se chama “contemplar”. É como se estivéssemos sentados pacificamente em um lugar e contemplássemos como o dia se vai desenrolando. Podemos levantar-nos de manhã cedo e contemplar em silêncio o nascer do sol... Podemos sair ao jardim e observar o desabrochar das flores... Podemos estar sentados à nossa mesa de trabalho e contemplar como a nossa correspondência vai sendo respondida... E, quando alguém nos pede socorro, estamos repousando nessa comunhão e observamos como Deus ora em nós – observamos como essa comunhão dissolve todas as aparências ilusórias e restabelece a harmonia real...

Em qualquer tempo do dia, somos observadores, contemplando os eventos. Não lutamos pela nossa subsistência – contemplamos como os bens da vida fluem incessantemente da única Fonte. Nunca pedimos por saúde – fazemos um grande silêncio em nós; repousamos nessa prece da alma, aninhando-nos em seu calor benéfico e observando como a saúde aparece e como as oportunidades surgem em nossa vida. Sempre devemos estar lembrados de que não desejamos que as nossas redes se encham; redes vazias já não nos dão cuidados nem preocupações. Ultrapassamos tudo isto e chegamos a um ponto em que o nosso único anseio consiste em contemplarmos o universo espiritual de Deus e habitar na comunidade dos filhos e das filhas de Deus.

O Pai conhece as minhas necessidades, e eu aqui estou como simples observador, não orando para ter boas oportunidades amanhã, mas sentado tranquilamente nesta atmosfera da alma, e contemplando como as oportunidades vêm ter comigo. Assim como os rios demandam o mar, e como

para eles é o curso normal e natural mergulharem no mar e alimentarem os vastos oceanos do globo – assim é o curso normal e natural que a graça de Deus flua para dentro de mim. Esse fluxo da graça foi represado por meio de desejos, temores e dúvidas da minha parte, e pela crença de que Deus fosse algo à parte e separado de mim e ignorasse as minhas necessidades. Agora, porém, abro mão de todos os cuidados e ansiedades, e aqui estou como simples observador, contemplando a infinita bondade de Deus.

A nossa prece diz “cala-te e emudece!” É uma comunhão silenciosa, mesmo em face das tempestades no mar. O Mestre nunca orou para que a tempestade amainasse; a sua única prece foi esta “Cala-te!” Será que ele falava às águas? Não, ele falava à sua consciência e à consciência de seus discípulos: “Cala-te, sê quieto!” Quando a nossa consciência está quieta, não há tempestades nem dentro nem fora. Quando a nossa consciência está tranquila, tudo em derredor assume o aspecto dessa tranquilidade.

A única coisa de que temos mister é uma consciente comunhão com Deus. É esta a mais alta forma de oração, e esta forma de prece só pode realizar-se depois de sabermos, primeiramente, que Deus é, e, em segundo lugar, que tudo que existe no universo de Deus é divino, tem o seu ser em Deus – tudo é teo-existente, Esse “ser”, esse “teo-existir” não é humanamente bom nem mau; não é, humanamente falando, saúde nem doença – é simplesmente um “Ser” espiritual.

Depois de nos habituarmos a trabalhar com esses princípios básicos, depois de atingirmos o ponto onde nem sequer mentalmente nos opomos aos problemas adversos, mas, como Davi, sem armadura alguma, saímos a campo em nome de Deus – quando chegar esse tempo, então se efetuarão as nossas preces e os nossos tratamentos de cura sem palavras nem pensamentos. Palavras e pensamentos deixam de ser necessários, depois de sabermos por experiência íntima: “Desliga-o e deixa-o andar”, e nunca mais ligaremos, por meio de julgamento ou condenação, uma pessoa, uma coisa ou uma circunstância.

No silêncio e na quietude é que está a nossa força – não no falar. A linguagem é o nosso meio humano para exprimirmos idéias divinas; entretanto, as idéias divinas se revelam e manifestam em nós sem palavras. Colocamos o dedo sobre os lábios e recebemos a certeza de que Deus está no campo, e que a luta não é nossa, mas de Deus – *que não há luta alguma.*

É dever e privilégio de todo homem elevar o mundo até certo grau acima do nível da sua consciência atual. Os que ainda nada sabem desses princípios básicos, ou que não os realizaram ainda em si, até certo ponto, têm o direito de esperarem auxílio de nós. E nós temos o direito e o dever, de lhes dizer: “Sim, vou ajudar-te!” – não por sermos mais espirituais ou por possuímos certos poderes que eles não possuem, mas porque nós conhecemos a verdade. Esse conhecimento da verdade liberta aqueles que se dirigem a nós.

É, além disso, nossa obrigação, se é que somos pesquisadores sérios, abirmos mão dos nossos problemas pessoais, deixarmos de orar por esses problemas e começarmos a orar por outro – deixando que as nossas crenças errôneas e nossos entraves sejam dissolvidos pela verdade que abraçamos em prol do mundo e em prol daqueles que pedem o nosso auxílio. Para os homens que ainda estão escravizados por conceitos materiais é muito importante que tenham boa saúde e bons recursos financeiros – recursos abundantes – bons amigos e parentes. Não é assim com os que buscam a verdade. Estes não têm o direito de serem orientados, influenciados ou dominados pelos padrões dominantes do mundo, não devem dar importância ao seu corpo, à sua bolsa ou aos seus afazeres. Que diferença fazem estas coisas? Uma só coisa é realmente importante: “Será que eu conheço a Deus? Será que atingi um ponto em minha vida onde possa conhecer a Deus? Que diferença faz que eu tenha muita ou pouca saúde, se não conheço a Deus, se ainda não me encontrei com ele face a face?”

Prosseguindo em nossos esforços, não tardaremos a efetuar curas – em nós mesmos e curas em outros. Mesmo a cura de uma simples dor de cabeça nos deveria servir de prova de que a presença de Deus está atuando em nossa vida, aqui e agora. Depois disto, nunca mais deveria haver necessidade de outra cura, porque, a partir daí, saberemos: “Agora sei que há uma possibilidade de ter experiência de Deus em minha vida; agora tive a prova disto; de hoje em diante dedicarei a minha vida a esse ideal”. Depois de meses ou anos de semelhante dedicação chegará o momento em que raras vezes – talvez nunca mais – será necessário apelarmos para o auxílio de outra pessoa.

Pode, contudo, haver momentos de angústia em que tal coisa se torne necessária. O Mestre assim fez quando pediu aos seus discípulos que vigiassem com ele, e também na cruz deve ter esperado algo deles. É, certamente, correto que, ocasionalmente, quando nos achamos em dificuldade peçamos ajuda uns aos outros. Por isto somos companheiros na mesma jornada. É por isto que, espiritualmente, somos irmãos e irmãs. Espiritualmente pertencemos todos à mesma família.

Uma vez que tenhamos encontrado a Deus face a face e saibamos o que a presença de Deus significa em nossa vida, a partir daí a nossa vida não tem mais senão um sentido único – *viver na presença de Deus*. A partir daí, não teremos mais nenhum problema a solucionar – basta que tenhamos um verdadeiro conhecimento de Deus. Todo o amigo da verdade fará bem em renunciar a toda tentativa de solver os seus problemas pessoais por si mesmo, e em vez disto, interessar-se pela única meta sublime: “Que diferença faz que os meus problemas estejam ou não solucionados, se não cheguei a um conhecimento verdadeiro de Deus? Agora tenho um só problema: conhecer a Deus em verdade, porque conhecê-lo é possuir a vida eterna. Uma vez que eu conheça a Deus – adeus problemas todos!”

Basta que alguém conheça uma única verdade fundamental para poder atender a qualquer chamada para curar, seja no que for; e se ele tivesse suficiente coragem e convicção, nenhuma diferença faria que se tratasse de câncer, de tuberculose ou de paralisia infantil. A consciência de uma única verdade – nada mais se requer para a terapia espiritual. Se uma única verdade fosse realmente vivida, o cerne vital desta verdade – aquilo que chamamos a realização ou o conhecimento decisivo desta verdade – se tornaria vida e curaria tudo. O que, geralmente, acontece ao conscientizarmos uma verdade é que desta nasce outra verdade, e assim por diante, convergindo em uma conclusão final, que dá clareza a toda a situação.

Tu e eu não podemos fazer milagres – nenhum ser humano o pode. Mas, se tivermos suficiente humildade para admitir a insignificância do nosso humano conhecimento e reconhecer e exaltar a importância da compreensão divina, essa verdade será capaz até de ressuscitar mortos. Mesmo que não conheçamos nenhuma afirmação da verdade, podemos contudo curar, se estivermos dispostos a ficar quietos e suficientemente receptivos até que Deus fale através de nós. Esta palavra não será nossa, mas sim de Deus, e esta palavra é viva, aguda e poderosa.

Toda a pessoa que tiver lido este livro devia agora estar em condições de tomar sobre si a responsabilidade de curar pelo espírito. Nem tua nem minha espiritualidade curará alguém; nem tua nem minha compreensão realizará uma cura – é a compreensão de Deus, para a qual nos tornamos receptivos, pelo fato de estabelecermos quietude interna. Na medida que estas verdades começarem a atuar em nossas consciências, veremos que atuarão também na consciência dos nossos pacientes e discípulos, bem como no mundo lá fora.

É missão nossa elevarmos a consciência dos que nos procuram muito acima das tempestades das concepções humanas, onde também eles possam sentir a pulsação da harmonia divina através do seu ser e do seu corpo. “E eu, quando for erguido acima da terra, atrairei todos a mim”. Isto não é uma tarefa, isto não é um trabalho porque não visamos os homens lá fora a serem elevados; o que temos de fazer é retirar-nos para o interior do nosso próprio santuário interior a fim de encontrar a paz; depois de encontrarmos essa paz, então toda a nossa família e os que estão sintonizados conosco receberão uma parcela dessa paz; na medida da sua receptividade. Muitos deles, possivelmente, ficarão fora dessa paz, porque, no presente estágio evolutivo, não são ainda receptivos para a voz de Deus; mas, chegará o tempo em que todos ouvirão a voz de Deus.

Não é da nossa conta saber quem obedece ao impulso espiritual; o que concerne a nós é criarmos em nós uma consciência tão elevada que aqueles que vêm ter conosco possam participar do pão – do pão espiritual – do vinho e da água; não que nós lho queiramos impingir, mas que toda a pessoa de

espírito receptivo os possa receber. Quanto àqueles que vivem conosco sob o mesmo teto, quer receptivos ou não para a verdade, temos a obrigação de estarmos na presença deles sempre no mais alto grau de consciência que, de momento, nos for possível; devemos isto a nós mesmos e devemos isto ao Pai, que nos ergueu acima das tempestades do mundo humano. No tempo em que ignorávamos esta verdade, não tínhamos tal obrigação; mas daquele que tem, muito se espera, muito se exige.

Assim, na medida da nossa iluminação, agora tomamos sobre nós uma responsabilidade da qual nunca mais podemos ser dispensados. Deus, cuja graça nos deu esta luz, espera de nós que façamos brilhar essa luz – não por meio de proselitismos, não pelo fato de irmos em busca da gente, mas pelo empenho de mantermos a nossa consciência em um elevado nível espiritual, ainda que ninguém lá fora no mundo saiba dessa nossa atitude interna.

Já conhecemos o segredo: o Pai está em mim, e eu estou no Pai, e nós estamos uns nos outros. Sim, conhecemos esse segredo; mas agora importa que, sem palavras nem pensamentos, duas, três ou quatro vezes por dia – e, no próximo ano, vinte vezes por dia – entremos em nós mesmos, por meio minuto que seja, a fim de conscientizarmos a Presença, a Energia divina, a Centelha divina, vivendo de tal modo que todas as pessoas que entrarem no âmbito da nossa consciência sintam o transbordamento de Deus sobre elas.

Somos instrumentos de Deus, somos servidores de Deus. O filho de Deus é sempre o servidor de seus semelhantes, sempre ao dispor daqueles que dele necessitam. Os reis da terra são servidos, os reis do espírito são servidores. Ninguém pode envaidecer-se ou orgulhar-se da filiação divina, porque a filiação divina desperta uma humildade que reconhece que somente a luz de Deus pode elevar a consciência dos que nos procuram, elevar a uma altura onde eles verão ao Pai face a face. Como servidores do Altíssimo, permanecemos no mundo, inatingidos pelas paixões dos mundanos, de ódios e amores, inatingidos por guerras ou armistícios – permanecemos no mundo como uma bênção para o mundo inteiro.